



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RUI MIGUEL LOPES RUIVO FERREIRA
n.º 114112511

O PAPADO E FÁTIMA (1917 - 2005)
Pensamento e Ação dos Papas Pio XII, Paulo VI e
João Paulo II

Trabalho Final sob orientação de:
Prof. Doutor Paulo Fontes

Lisboa
2017

[PÁGINA EM BRANCO]

Ao meu pai e à minha mãe,
simplesmente pelo que são, pais.

“Na Via Sacra deste século,
tem um papel especial a figura do Papa.
Na árdua subida da montanha,
podemos sem dúvida ver figurados conjuntamente diversos Papas,
começando de Pio X até ao Papa atual,
que partilharam os sofrimentos deste século e se esforçaram por avançar,
no meio deles, pelo caminho que leva à cruz.
Na visão, também o Papa é morto na estrada dos mártires”¹.

¹ Comentário teológico ao segredo de Fátima, feito pela Congregação para a Doutrina da Fé. *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 27 (1594), 1 de julho de 2000, p. 12.

RESUMO

Olhar os acontecimentos de Fátima na sua relação com o Papado, leva-nos a vislumbrar aqui a Igreja Universal de Cristo. Olhar Fátima e o Papado é olhar para a história da humanidade na relação estreita com Deus. Fátima inscreve-se numa teologia do encontro, de quem encontra, de quem é encontrado, de quem se deixa encontrar.

Se Fátima e a sua mensagem apresentam uma maneira de o homem se relacionar com a vida, também o Papado aponta para essa maneira de viver, que traz consigo a conversão, o sacrifício, a penitência, mas também o triunfo do amor, o triunfo do Coração.

Fátima apela ao Papa, à Igreja, ao mundo para confiarem no Imaculado Coração de Maria. Maria, como intercessora, pode levar o mundo à tão desejada paz. Esta confiança, que é esperança, ganham a forma de consagração.

Os Papas, com a peculiaridade de cada tempo, foram-se relacionando com Fátima e propondo Fátima como uma leitura atual dos tempos da história, apontando caminhos de esperança num peregrinar corporizado no seu próprio peregrinar. O Papa peregrino sobre a terra, peregrinando a Fátima e peregrinando no mundo, descortina o caminho do triunfo do Coração.

PALAVRAS-CHAVE: Fátima; mensagem de Fátima; santuário; Maria; Imaculado Coração; Papado; Papa; Pio XII; Paulo VI; João Paulo II; consagração.

ABSTRACT

Gazing the phenomena of Fatima in its relation with the Papacy drives us to glimpse the Universal Church of Christ. To gaze Fatima and the Papacy is to watch to the history of mankind in its narrow connection to God who visits us. Fatima can be registered in a theology of the rendezvous, of who finds, who is found, and who let's himself be found.

If Fatima and its message present a way of being related to life, so does the Papacy points to that way of living, which brings conversion, sacrifice and penance but also the triumph of love, the triumph of the heart.

Fatima appeals to the Pope, to the Church and to the world to trust in the Immaculate Heart of Mary. Mary, as intercessor, can lead the world to the much desired peace. This confidence, which is hope, takes the form of consecration.

The Popes, with the peculiarity of each time, were relating to Fatima and proposing Fatima as a current reading of the times of history, pointing out paths of hope in a pilgrimage embodied in their own pilgrimage. The Pope, a pilgrim on earth, on pilgrimage to Fatima and around the world, reveals the path of triumph of the Heart.

KEYWORDS: Fátima; message of Fátima; sanctuary; Mary; Immaculate Heart; Papacy; Pope; Pio XII; Paulo VI; João Paulo II; consecration.

INTRODUÇÃO

Os acontecimentos de cariz religioso ocorridos em Fátima em 1917, não sendo dogma de fé para a Igreja católica, ganham as proporções que hoje lhe conhecemos precisamente pela fé das pessoas que depositam na “Senhora mais brilhante que o sol” as suas vidas com as suas preocupações e alegrias. De modo simplificado, pode afirmar-se que Fátima não sendo dogma de fé, nasce e cresce com a fé dos videntes, dos seus devotos e da própria Igreja católica que, em 1930, reconheceu as visões das três crianças como “dignas de crédito” e foi integrando os acontecimentos de Fátima no seio do seu trabalho pastoral. Coloca-se aqui o desafio da fé, como experiência interpelante no caminho pascal do homem buscador de Deus.

Sob este prisma, Fátima que começou por ser uma visão de três crianças, rapidamente cresceu e da pressuposta e declarada manifestação do sobrenatural, se chega à dignidade acreditada pela hierarquia da Igreja, que tem à sua cabeça diocesana o seu bispo, D. José Alves Correia da Silva. Mas não só este, como também o Papa teve manifestações de aceitação, de reconhecimento e de aprovação dos acontecimentos de Fátima, visíveis nos seus gestos, ações e pensamentos. E aí estão os buscadores de Deus encontrados consigo mesmos e portanto, com Deus, procuram a ajuda maternal de Maria, conforme à tradição católica.

Em poucos anos Fátima extravasa as fronteiras regionais e nacionais e torna-se “altar do mundo”, naquilo que é o seu Santuário na Cova da Iria, mas também naquilo que Fátima é fora da Cova da Iria. Se a Fátima ocorrem incontáveis multidões de peregrinos de todos os países, onde os sucessivos Papas também se incluem, igualmente Fátima percorre o mundo inteiro através dos peregrinos que dali saem, sendo esta a dinâmica dos santuários. Ir para receber e, depois, partir para dar. Simultaneamente buscadores de Deus e dispensadores dos seus dons. Mas Fátima expande-se também pelo mundo inteiro por meio da imagem da “Virgem Peregrina”, Senhora da Azinheira que percorre a terra inteira.

Olhar os acontecimentos de Fátima pelo prisma do Papado ou olhar o Papado contemporâneo com a tangência de Fátima, não se torna tarefa fácil de concretizar naquilo que é a ação visível e interação recíproca entre Papado e Fátima. Mas, para além do visível há ainda a ter em conta toda a ação não palpável, não tangível, de Deus na história, que toca com a oração e a conversão pessoal de cada um, do Papa e com ele todos os que peregrinaram a Fátima. Todos os que reconhecem em Fátima o Deus que vem ao encontro do homem, por meio da manifestação de Maria, para lhe apontar caminhos de esperança e de conversão para uma humanidade que se quer renovada no Espírito, serão sempre arautos daquilo que se pode entender como mensagem de Fátima e que foi sendo fixada e transmitida, à medida que a devoção e o culto se foi enraizando. Contribui desta forma cada peregrino para que Fátima se

vá tornando altar do mundo. Assim, também o Papa peregrino contribui para esse construir Igreja à escala mundial.

Com este trabalho não é nossa pretensão explorar e explanar exaustivamente a relação entre o Papado e Fátima. Não nos propusemos a isso e sabendo-nos incapazes aqui de tamanha tarefa propusemo-nos, desde logo olhar, para esta relação dos sucessivos papas e do Papado com Fátima de forma ensaística, global, conscientes da grandeza do acontecimento religioso que parte da montanha sagrada da Cova da Iria para irradiar por todo o mundo, e por isso escapasse-nos das mãos.

Propomo-nos olhar para o Papado na sua relação com Fátima, considerando não só as figuras de cada Papa enquanto pessoa que se faz peregrino entre os peregrinos, mas também por outras formas de atuação e representação a partir do seu papel enquanto autoridade da Igreja católica na sua doutrinação e ação à escala global através de diversos mecanismos, como sejam o envio de legados seus, mostrando a sua influência na expansão do Santuário de Fátima, no culto a Nossa Senhora e projeção e visibilidade dada ao Santuário. Inversamente, verificaremos também de que modo a dinâmica religiosa de Fátima influenciou ou condicionou o Papado na sua atuação à escala mundial.

Optámos por delimitar o período temporal entre 1917 e 2005, convocando aqui os pontificados de Bento XV a João Paulo II, ainda que façamos uma incursão a anos anteriores a 1917 para uma melhor contextualização dos acontecimentos de Fátima. Assim também abordaremos pequenos apontamentos referentes aos pontificados posteriores a João Paulo II, permitindo-nos entender Fátima como uma contínua interação com a história. Fátima não se esgotou no seu dizer com a revelação da terceira parte do segredo e continua a ter algo a dizer ao mundo contemporâneo.

Destarte, com o objetivo de perceber como é que o Papado influiu na expansão de Fátima, como é que se foi relacionando com Fátima, como é que foi propondo Fátima à Igreja e ao mundo, decidimos dividir o presente trabalho em duas partes.

Na primeira parte fazemos uma cronologia dos acontecimentos da relação do Papado com Fátima. Dividimos esta primeira parte em quatro capítulos com balizas temporais marcantes para a vida da Igreja e de Fátima, como sejam as aparições dignas de crédito (capítulo I), a proclamação do dogma da Assunção de Nossa Senhora (capítulo II), o termo do Concílio Vaticano II (capítulo III) e a morte de João Paulo II (capítulo IV).

Na segunda parte centramos a nossa atenção na interação de três Papas com Fátima, Pio XII (capítulo V), Paulo VI (capítulo VI) e João Paulo II (capítulo VII). Não abarcando a totalidade dos sucessivos papas do período temporal que nos propusemos abordar,

considerámos serem estes pontificados significativos para podermos dar resposta às questões que colocámos, conforme procuraremos demonstrar ao longo do trabalho.

Apesar de fazermos um périplo diacrónico pelos acontecimentos de Fátima na sua relação com o Papado, procuraremos tanto quanto nos for possível, apresentar algumas linhas de reflexão teológica que as questões abordadas colocam, partindo do concreto da história e da vida da Igreja e do viver de Fátima como impulsionadora de vitalidade religiosa.

PARTE I

Para uma cronologia dos acontecimentos

Capítulo I – De 1917 a 1930. As aparições dignas de crédito

1. Portugal antes das aparições

O fenómeno religioso de Fátima enquadra-se no percurso de recomposição do catolicismo em Portugal que podemos fazer remontar ao liberalismo do século XIX, ganhando a Igreja nessa altura um pendor instrumental e de funcionalismo público manietado aos interesses do Estado².

Os acontecimentos de Fátima encontram-se enquadrados na devoção mariana que conheceu no séc. XIX grande incremento, destacando-se a devoção ao Imaculado Coração de Maria que adquire a tonalidade religiosa de uma espiritualidade reparadora. Esta devoção ganha incremento também com a definição do dogma da Imaculada Conceição a 8 de dezembro de 1854 pelo papa Pio IX. As aparições de Fátima vêm então renovar e alargar a espiritualidade reparadora na devoção mariana³.

Com Leão XIII é fomentada a devoção à Senhora do Rosário, consagrando o mês de outubro à devoção do rosário com a encíclica *Supremi Apostolatus Officio* em 1 de setembro 1883.

Centrando o nosso olhar no século XX podemos afirmar que as aparições de Fátima acontecem numa tessitura nacional ainda muito marcada por um projeto laicizador e pela campanha anticlerical levada a cabo pela República. Implantada em Portugal a 5 de outubro de 1910, a I República pretendia-se laica, considerando o catolicismo como atraso, decadência e obscurantismo. Esta divergência existente entre Estado e Igreja católica é marcada em muito pela aprovação e promulgação da Lei da Separação das Igrejas do Estado em 20 de abril de 1911, sob a alçada de Afonso Costa. Provoca-se a rutura das relações diplomáticas entre o Estado português e a Santa Sé. Temos um Estado que se pretende laico mas anticlerical, que tem como influência ideológica aquilo que foi a atuação da III República em França relativamente a Roma, em que se entendia prioritária a afirmação do Estado nacional e em que o objetivo seria o de levar a Santa Sé a desaparecer como uma potência reconhecida como sujeito de direito público internacional⁴.

Apesar da promulgação da Lei de Separação, o Estado pretendia ainda assim ter poder sobre a Igreja, naquilo que diz respeito à formação do clero e ao exercício do seu múnus, limitando igualmente a iniciativa da Igreja em obras de beneficência e assistência e controlando as

² Cf. Adélio Fernando ABREU, “Contextualização da mundividência subjacente aos acontecimentos de Fátima”, in Arnaldo de PINHO, Vítor COUTINHO (coord.), *Francisco Marto: Crescer para o dom*, Santuário de Fátima, Fátima, 2010, pp. 60-61.

³ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 130.

⁴ Cf. Bruno Cardoso REIS, “Portugal e a Santa Sé no sistema internacional (1910-1970)”, in *Análise Social* n.º 161, Vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2002, pp. 1023.

manifestações públicas da Igreja católica⁵. Parecia que levava a melhor a propalada intenção de Afonso Costa em acabar com a religião em Portugal no espaço de duas gerações.

Se se verificava uma grande intransigência do Estado português perante a Igreja, também o mesmo se verificava da parte da Santa Sé que sob o mandato de Pio X toma uma posição defensiva e de rigorismo inflexível. Destacamos aqui a encíclica *Iam dudum in Lusitania*, onde considera a Lei de Separação péssima e perniciososa.

Por outro lado, a 10 de julho de 1913 o Episcopado português dirigindo-se aos católicos, apela a que estes participem ativamente na política. Esta participação cívica vem na linha do *ralliement* leonino. Constitui-se nesse ano a União Católica, que em 13 de junho de 1915 consegue eleger dois sacerdotes como parlamentares nas eleições⁶. Desta forma tentava-se assegurar a representatividade dos católicos na vida pública. Quanto à política do *ralliement* propriamente dita, ela não pretendia contestar o novo regime, mas sim a sua política laicizadora e anticatólica.

Neste período da I República, a Igreja católica tenta expressar a sua liberdade e independência face ao Estado. Um dos elementos que mostra esta atuação por parte da Igreja é a sua preocupação de reorganização pastoral, que fica patente por exemplo na restauração de algumas dioceses, como foi o caso da diocese de Leiria⁷.

A juntar a estas relações tensas entre Estado e Igreja, quer a nível nacional, quer a nível internacional, temos o início da Grande Guerra que teve a sua ignição a 28 de junho de 1914 com o assassinato do herdeiro ao trono do Império Austro-húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando, na Bósnia.

A fome e a violência internas vividas durante o novo regime político e a desordem social existentes em Portugal, levou o Governo português à entrada na Grande Guerra, com o intuito de suscitar um movimento de união em torno da República, tentando provocar uma onda de patriotismo para reforçar o regime e para a consolidação política da República. Também a defesa das colónias se torna uma razão igualmente apontada para a entrada de Portugal na Guerra. Portugal temia que Inglaterra e Alemanha dividissem entre si as colónias portuguesas.

2. 1917: O ano das aparições

2.1 Contexto social e político

O ano das aparições é considerado um *annus horribilis* para Portugal: a guerra e os seus custos, a fome e os tumultos, o mal-estar entre Governo e Igreja, tudo isto são fatores que nos

⁵ Cf. António Matos FERREIRA, “As Aparições de Fátima: o evento e o contexto local e nacional”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 53.

⁶ Cf. *Ibidem*, p. 57.

⁷ Cf. *Ibidem*, p. 60.

dão a coloração do ano 1917. Portugal combatia em França como parte das forças aliadas, com o Corpo Expedicionário Português⁸.

Apesar de haver neste ano já alguns entendimentos entre Igreja católica e Governo, ainda é manifesto um contencioso e uma tensão nas questões religiosas. Estes entendimentos ficaram a dever-se ao facto de alguns setores republicanos considerarem que as querelas com a Igreja só agravavam mais a instabilidade social e o enfraquecimento do regime. Havia deste modo, a percepção de que a Igreja católica tinha um papel agregador e integrador da sociedade⁹, daí a permissão e tolerância para com a Igreja católica.

Datada de 22 de janeiro de 1917 é de algum relevo a carta pastoral do Episcopado Português, onde se insiste uma vez mais na necessidade de os católicos participarem na vida política, principalmente pela responsabilização dos leigos. Este apelo veio a concretizar-se na criação do Centro Católico Português a 8 de agosto de 1917. Neste rasto e logo que se efetivou a presença militar dos portugueses na I Guerra Mundial, defende-se pelos meios católicos a presença de capelães militares junto das tropas nacionais, destacando aqui o papel do então padre Manuel Gonçalves Cerejeira, a par de outros eclesiásticos. Por esta ação reconhece-se, por parte do Estado, a Igreja católica como instituição pública, que presta um contributo espiritual e moral à nação¹⁰.

É também neste ano que a Rússia sofre grandes transformações. A Revolução de Fevereiro que derruba o Czar Nicolau II e o leva à morte. Já na Revolução de Outubro é Lenine quem desempenha um papel de liderança. O Governo provisório é derrubado pelos bolcheviques e Lenine assume a governação. Dá-se início ao que será uma governação comunista. O continente europeu assistia a uma mudança muito profunda a nível social e político.

Por cá e no recôndito lugar da Cova da Iria, desencadeia-se uma movimentação social mariofânica que teve como principais testemunhas os “três pastorinhos”, Jacinta, Francisco e Lúcia. Eles testemunham o aparecimento de uma “Senhora mais brilhante que o sol”, que identificam como Nossa Senhora. As aparições que as crianças anunciam e testemunham decorrem entre 13 de maio e 13 de outubro, nas quais se assinala a permanente exortação para a oração do terço pela paz no mundo, prometendo o fim da guerra e o regresso a casa dos soldados¹¹. Este pedido que a Senhora lhes faz da oração diária do terço é então tida como nuclear na devoção mariana - a recitação do rosário. O rosário era, desde o final do século XIX

⁸ Cf. António Matos FERREIRA, “As Aparições de Fátima: o evento e o contexto local e nacional”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 66.

⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 67-68.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, pp. 68-69.

¹¹ Cf. Luciano GUERRA, “Fátima, o Mundo e a Paz”, in *Fátima e a Paz – Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75.º aniversário das aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1993, p. 92. O armistício da I Guerra Mundial acontece de forma simbólica na undécima hora do undécimo dia do undécimo mês do ano 1918.

e início do século XX, uma referência na vida orante dos cristãos católicos, muito pelo facto de ser uma oração simples e acessível a todos, uma prática religiosa maioritariamente feita em família. Esta prática surge num contexto em que as pessoas se identificam com o sofrimento redentor de Jesus, tendo como mediação Nossa Senhora e entrecruzando-se também com a lógica espiritual da reparação dos pecados¹².

A dinâmica religiosa suscitada pelas visões de Fátima acontece neste contexto histórico enquanto sinal de resistência da religião e da identidade religiosa católica, de afirmação de uma autenticidade da experiência religiosa, onde o campo devocional tem grande relevo. Destarte, o acontecimento Fátima faz parte integrante do processo de reconfiguração do catolicismo português¹³, que já se vinha operando há alguns anos. Tal acontecimento marcará fortemente esta renovação religiosa de Portugal e terá repercussões no catolicismo em todo o mundo, impulsionando a devoção e espiritualidade marianas¹⁴. Fátima assumirá desta forma uma tónica providencialista, como lugar e mensagem de paz e luz num mundo em guerra e enegrecido. Fátima é tida por muitos como a iniciativa divina que irrompe na história e que vem dar sentido à história das vidas das pessoas, que manifesta não só as tradições enraizadas, mas também aponta para um futuro que passa pela conversão¹⁵.

Assim, podemos dizer que o sentimento de sofrimento e de angústia vivido em Portugal, em muito contribuiu para a aceitação e validação religiosa dos acontecimentos ocorridos na Cova da Iria, moldando e permitindo desenvolver esses acontecimentos com a celeridade que se verificaram, permitindo que se tornassem ponto de charneira para dar resposta a um povo necessitado de salvação¹⁶. Pode assim afirmar-se que foi este contexto de crise em muito contribuiu para Fátima se afirmar publicamente desde o início, em detrimento de outras visões marianas contemporâneas de Fátima.

Fazemos ainda referência neste ano de 1917 e precisamente no dia 13 de maio à ordenação episcopal do padre Eugénio Pacelli pelo Papa Bento XV na Capela Sistina, aquele que viria a ser o Papa Pio XII. O registo deste facto resulta da interpretação que o próprio fará mais tarde, vendo nesta coincidência um auspicioso sinal de Deus. De facto, pelo crédito que empresta a Fátima e pela sua própria devoção pessoal, Pio XII é considerado por muitos como “o primeiro

¹² Cf. António Matos FERREIRA, “As Aparições de Fátima: o evento e o contexto local e nacional”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 42.

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 71.

¹⁴ Cf. Jan MIKRUT, “A Mensagem de Fátima e as mudanças políticas na política europeia do século XX”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 75.

¹⁵ Cf. António Matos FERREIRA, “Fátima na perspectiva da história do catolicismo romano”, in António MARUJO, Rui CRUZ, *A Senhora de Maio – Todas as perguntas sobre Fátima*, Temas e Debates e Círculo de Leitores, Lisboa, 2017, pp. 53-54.

¹⁶ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 153.

Papa de Fátima”, mas trataremos desse assunto mais em pormenor na segunda parte do presente trabalho.

2.2 Na génese da propagação do fenómeno Fátima

O primeiro relato e testemunho das aparições que as tornam públicas acontece logo no próprio dia 13 de maio de 1917, como nos é apresentado nos interrogatórios oficiais de 28 de setembro de 1923 a Olimpia de Jesus. A pequena Jacinta em casa conta a sua mãe que viu Nossa Senhora, fazendo referência ao pedido para que rezassem o terço. Ato que realiza logo com seu irmão Francisco e que pede à mãe para fazer o mesmo¹⁷.

O pároco de Fátima, o padre Manuel Marques Ferreira, interroga pela primeira vez a vidente Lúcia em 27 de maio de 1917, e nos meses seguintes alguns dias após cada aparição¹⁸. Em setembro aparece nesta senda dos interrogatórios o padre Manuel Nunes Formigão, considerado por muitos como o grande “apóstolo de Fátima”. O interesse e atenção do meio eclesiástico vai crescendo cada vez mais.

Na senda da génese da divulgação dos acontecimentos de Fátima fazemos referência aos meios de comunicação, em concreto a imprensa escrita. Esta só depois da terceira aparição em julho é que faz referência aos acontecimentos, altura em que estes começam a ser divulgados massivamente. O primeiro artigo aparece no jornal *O Século*, de 23 de julho de 1917, sob a forma de correspondência redigida no dia 21 do mesmo mês, com um sugestivo título: “Uma embaixada celestial... Especulação financeira?”¹⁹. Destarte, insinuava o texto do autor que se tratava de um complô para especulação financeira.

A nível da imprensa católica de cariz nacional, destacamos o jornal diário *A Ordem* e a polémica em torno do milagre do Sol com o artigo de Domingos Pinto Coelho, que diz não ter ficado convencido relativamente ao dito milagre²⁰. Mas por outro lado, a forma como este jornal trata da questão do milagre do Sol, vem realçar o estatuto de Fátima que foi sendo consagrado como “aparição”, isto pelo sentido mais público que os acontecimentos foram tomando²¹.

No que toca ao relacionamento entre Igreja e Estado em Portugal, os ajuntamentos e manifestações públicas de fé ainda são desencorajados pelas Autoridades civis. Fátima não é exceção, quer no decorrer das aparições, quer no período posterior. Também a Autoridade eclesiástica recomendava, principalmente aos padres, que não tomassem parte dos

¹⁷ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 13.

¹⁸ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I – Interrogatórios aos Videntes - 1917*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 5.

¹⁹ Cf. *O SÉCULO*, n.º 12797, de 23 de julho de 1917, p.2, col. 3.

²⁰ Cf. Bruno Cardoso REIS, “Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)”, in *Análise Social* n.º 158/159, Vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2001, p. 261.

²¹ Cf. *Ibidem*, p. 256.

ajuntamentos, que iam ganhando cada vez maiores proporções na Cova da Iria, para que as relações entre Estado e Igreja não sofressem com isso. Mas o certo é que os padres se misturavam como anónimos por entre as multidões²². Por outro lado, os órgãos republicanos contestavam, desde julho de 1917, os acontecimentos e pediam a intervenção das Autoridades oficiais para que reprimisse a manifestação pública de fé não autorizada. A detenção dos videntes, por parte do administrador do concelho de Ourém, para interrogação em 13 de agosto pode ser vista como resposta a esta pressão que vinha sendo exercida²³.

A Cova da Iria começa então a desenhar-se como lugar de peregrinações. E os peregrinos que aí já deixavam dinheiro ao tempo das aparições continuaram a fazê-lo, tornando necessário dar rumo a esses donativos. Pelo continuado peregrinar à Cova da Iria torna-se premente que a Igreja faça o acompanhamento dos peregrinos, para que não se caia em simples credices e superstições. Podemos aqui aplicar já as palavras que mais tarde o cardeal Cerejeira prenuncia, dizendo que foi Fátima que se foi impondo à Igreja. Desta feita a Igreja teve de dar resposta apropriada a Fátima.

3. De 1918 a 1928: no prelúdio do Santuário

No que toca a este período, destacamos o reatar das relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé em julho de 1918. Facto que se deveu principalmente à revisão da Lei de Separação entre a Igreja e o Estado em fevereiro do mesmo ano, acontecimento ocorrido já sob a alçada de Sidónio Pais como Chefe de Estado e Presidente da República. O próprio Sidónio Pais participa das cerimónias religiosas pelos mortos na guerra e em ação de graça pela vitória dos aliados²⁴. A Santa Sé envia como nuncio apostólico para Lisboa o monsenhor Bento Aloisi Masella. O Papa Bento XV dirige então uma encíclica aos católicos portugueses, onde apela a que os católicos portugueses obedeçam às Autoridades políticas constituídas, ou seja, ao Governo republicano. Este reatamento vem na linha da política geral de *ralliement* prosseguida por Bento XV, para que não se voltasse a um radicalismo anticlerical em Portugal²⁵. Tudo parece começar a ganhar uma nova dinâmica entre Igreja e Estado.

A Igreja prossegue com uma pastoral de conjunto, na qual a restauração de algumas dioceses está inserida como é o caso da diocese de Leiria. A diocese de Leiria é restaurada no

²² Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 5.

²³ Cf. Bruno Cardoso REIS, “Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)”, in *Análise Social* n.º 158-159, Vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2001, p. 294.

²⁴ Aloisi Masella, que em 1946 já como cardeal, virá a Fátima como legado do Papa para a coroação de Nossa Senhora de Fátima. Cf. Manuel Braga da CRUZ, “Igreja e Estado”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 406.

²⁵ Cf. Bruno Cardoso REIS, “Portugal e a Santa Sé no sistema internacional (1910-1970)”, in *Análise Social* n.º 161, Vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2002, p. 1028.

dia 17 de janeiro de 1918 por Bento XV, ficando como administrador apostólico o cardeal D. António Mendes Belo, patriarca de Lisboa. Entra na recém restaurada diocese de Leiria a 5 de agosto de 1920 o bispo D. José Alves Correia da Silva, que havia sido nomeado em 15 de maio desse mesmo ano. É já D. José Alves Correia da Silva que dá instruções para a aquisição dos terrenos onde ocorriam as manifestações religiosas na Cova da Iria, e a 14 de setembro é feita a escritura de compra e venda desses terrenos, com o dinheiro que os peregrinos iam deixando aí.

Em 28 de abril de 1919 dá-se início à construção de uma pequena capela, invocando-se o cumprimento das indicações dadas por Nossa Senhora aos pastorinhos, quando Lúcia lhe pergunta na aparição de agosto, o que fazer ao dinheiro que o povo deixa na Cova da Iria²⁶. Ao pedido “façam aqui uma Capelinha” proferida por Nossa Senhora às três crianças, deve ser considerado como o motivo de ignição para a edificação do Santuário de Fátima²⁷. A primeira Capela das aparições é inaugurada, sem qualquer bênção nesse mesmo ano, por iniciativa de uma comissão de paroquianos de Fátima. Escrevia o padre Manuel Nunes Formigão numa das suas notas “15 de junho 1919, capella prompta. Começou a capella a 28 de Abril”²⁸.

No ano 1918 chega também a Portugal a gripe pneumónica, que matou milhões de pessoas por todo o mundo, aquela que haveria de vitimar os dois mais novos dos videntes de Fátima, Francisco Marto em 4 de abril de 1919 e Jacinta Marto em 20 de fevereiro de 1920.

A 13 de maio de 1920 Gilberto Fernandes dos Santos oferece a primeira imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, da autoria do santeiro José Ferreira Tedim. A imagem é elaborada sob as indicações dadas por Lúcia. Só no dia 13 de junho é colocada na Capela, pois em maio as forças militares impediram de levar a imagem para a Cova da Iria²⁹. No dia 13 de maio a imagem é benzida na sacristia da igreja paroquial de Fátima.

Segundo posterior testemunho de Lúcia, no ano de 1921, a 15 de junho, na Cova da Iria, Nossa Senhora ter-lhe-á aparecido. Seria a sétima aparição que a Senhora de Fátima havia referido logo na primeira vez: “Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez”³⁰. Nesta ocasião, sabe-se hoje pelo diário da Irmã Lúcia, a vidente sente-se encorajada a aceitar a proposta feita por D. José Alves Correia da Silva para ir para o Porto, confiando que está a fazer a vontade de Deus. Apesar das muitas dúvidas e da afetividade que a liga àqueles lugares e pessoas, a jovem

²⁶ Cf. Lúcia de JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, pp. 233-234.

²⁷ Cf. Marco Daniel DUARTE, “Capelinha”, in Carlos AZEVEDO e Luciano CRISTINO (coord.) *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 84.

²⁸ *Documentação Crítica de Fátima III – Das Aparições ao Processo Canónico Diocesano 2 (1918-1920)*, Santuário de Fátima, Fátima, 2004, p. 97

²⁹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 13.

³⁰ Lúcia de JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, p. 229.

Lúcia acede então ao convite do bispo de Leiria³¹. Ela vai para o Asilo de Vilar das Irmãs Doroteias, no Porto, que tinham como principal carisma o cuidado, educação e instrução da juventude³².

A 13 de outubro de 1921, D. José Alves Correia da Silva permite oficialmente a celebração de missa, a pregação e a distribuição da Sagrada Comunhão na Capela local recentemente construída. Iniciava-se assim o culto público a Nossa Senhora na Cova da Iria. Esta licença estendia-se aos dias 13 de cada mês.

É no início do ano de 1922, mais precisamente a 22 de janeiro, que morre o Papa Bento XV e é eleito como seu sucessor Ambrogio Damiano Achille Ratti, tomando o nome de Pio XI.

Na noite do dia 5 para o dia 6 de março de 1922 a pequena Capela é dinamitada com quatro bombas. Uma quinta bomba, colocada junto ao que restava do tronco da azinheira não explodiu. Não se pode atribuir a responsabilidade da dinamitação da Capela das aparições diretamente ao Governo da República ou às Autoridades políticas locais, sabendo-se à partida que tinham alguns princípios anticlericais e anti-religiosos. Nesta altura, com uma Lei da Separação mais branda, era aos administradores de concelho que se dava o poder de autorizar ou proibir manifestações de carácter religioso³³.

No dia 3 de maio de 1922, o bispo de Leiria publica uma provisão pela qual nomeia uma comissão de peritos para analisarem os factos ocorridos em 1917. Dá-se assim, início ao processo canónico diocesano para averiguação da veracidade dos acontecimentos de 1917. No dia 13 de maio, junto ao que restou da Capelinha, celebra-se missa e decide-se a reconstrução da mesma. Nem mesmo os contratemplos que iam surgindo pareciam fazer demover o avanço da configuração da Cova da Iria como lugar de peregrinação. Daqui podemos inferir que a recepção de Fátima e a sua discussão se percebe à luz daquilo que é a resposta católica num período de crise nacional em que a Igreja católica se sente ameaçada e, portanto, se quer de alguma forma combativa³⁴. Esta resposta católica tem alguns momentos mais expressivos como é o caso do Concílio Plenário Português em 1926, acerca deste falaremos mais adiante.

De certa forma, podemos ver na hostilidade republicana e em alguma oposição ao fenómeno das aparições um efeito alavancador de Fátima, favorecendo a sua divulgação e levando ao encorajamento da população para fazer daí uma bandeira do catolicismo português. Fátima

³¹ D. José Alves Correia da Silva propõe a Lúcia a ida para o Porto, para estudar afim de cumprir o que Nossa Senhora lhe tinha pedido, que aprendesse a ler. Podemos ver isto nas respostas ao questionário enviado pelo então reitor do Santuário de Fátima, padre Luciano Guerra, na sua pergunta 34^a. Cf. Lúcia de JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, p 436.

³² Cf. Maria do Pilar VIEIRA, “Irmãs Doroteias”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 2, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 471.

³³ Cf. Luciano Coelho CRISTINO, “Fátima, o processo canónico e a República”, in António MARUJO, Rui CRUZ, *A Senhora de Maio – Todas as perguntas sobre Fátima*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2017, p. 43.

³⁴ Cf. Bruno Cardoso REIS, “Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)”, in *Análise Social* n.º 158-159, Vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2001, p. 251.

tornava-se cada vez mais um pilar da militância católica, como símbolo do combate entre a Igreja católica e os seus inimigos³⁵.

Neste mesmo ano e a pedido de D. José Alves Correia da Silva, Lúcia escreve o seu primeiro relato acerca das aparições.

A 13 de outubro de 1922 dá-se início à publicação do jornal mensário *Voz da Fátima* no qual se iam dando notícias sobre o que aí ia acontecendo, tornando-se no meio de comunicação que aproximava Fátima do povo, principalmente dos católicos. A publicação deste jornal aparece depois de uma tentativa falhada de publicação do Jornal *A Voz de Fátima*, que teve a publicação de um único número. Quanto ao jornal *Voz da Fátima* tem logo desde os primeiros anos uma larga difusão à escala nacional e internacional³⁶.

Em dezembro do mesmo ano, enquanto no mundo russo se dá a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, vulgarmente conhecida por URSS, por cá na recôndita Cova da Iria, dá-se início à reconstrução da Capelinha das Aparições.

Tendo sido já constituída a comissão canónica para a averiguação da veracidade das aparições, a mesma comissão faz os seus interrogatórios à vidente Lúcia, em 13 de janeiro de 1923 e 8 de julho de 1924 no Asilo das Doroteias em Vilar.

No ano de 1924 é instituída a Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Servitas), presidida pelo bispo de Leiria, tendo como principal função o apoio aos peregrinos, que em número cada vez maior peregrinavam à Cova da Iria. Também em 1924 se dá início à construção do hospital para os doentes, sendo a sua inauguração em 1929.

A 10 de dezembro de 1925 Lúcia, já como postulante da Congregação de Santa Doroteia em Pontevedra, tem uma visão do Menino Jesus e de Nossa Senhora com o coração cercado de espinhos, dando início àquilo que são as revelações complementares da mensagem de Fátima, o que alguns autores apelidam de “Fátima II”. Nesta aparição Nossa Senhora pede a devoção reparadora dos cinco primeiros sábados seguidos: “Prometo assisti-los à hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação das suas almas”³⁷. A 15 de Fevereiro de 1926, nova aparição em Pontevedra, em que Jesus significa a Lúcia, pedindo-lhe que revelasse ao mundo o que Nossa Senhora lhe havia pedido. Esta aparição é relatada em finais de 1927, segundo Lúcia por ordem de Jesus e autorização do confessor.

Por terras da Cova da Iria, em maio de 1926, o bispo de Leiria aprovou uma novena em louvor de Nossa Senhora de Fátima e a 1 de novembro de 1926 o nuncio apostólico em Lisboa,

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 293.

³⁶ Cf. Luciano Coelho CRISTINO, “O dinamismo da Mensagem de Fátima”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 328.

³⁷ Referido no texto da grande promessa do Coração de Maria, na aparição de Pontevedra (Espanha), Cf. Lúcia de JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 15ª edição, 2011, p. 192.

monsenhor Nicotra, visitou pela primeira vez a Cova da Iria, acompanhado por D. José Alves Correia da Silva. Isto acontece no pós-Revolução de 28 de maio de 1926 e no termo da I República, tendo desaparecido as razões políticas que levavam a Igreja a tomar uma atitude de maior prudência. Não só o núncio apostólico, mas muitos outros bispos visitaram o santuário e ali celebraram missa ainda que a título particular, não fazendo parte de nenhuma celebração oficial. O santuário conhecia então nesses anos próximos uma nova fase de desenvolvimento³⁸.

De 24 de novembro a 3 de dezembro de 1926 acontece em Lisboa o Concílio Plenário Português, visando refletir e promover uma pastoral coletiva. Neste Concílio Plenário é feita referência às perseguições e à crise que a Igreja vive decorrente daí. A Igreja repensa a sua presença na sociedade expressando a sua vontade de autonomia face ao Estado e um esforço de reorganização interna. Podemos ver aqui mais uma vez espelhada a forma como o catolicismo português tentou dar resposta de forma combativa³⁹, numa ação concertada de todos os bispos à escala nacional. Era a dinâmica a nível nacional que se impunha na organização da Igreja católica, com a perspectiva de restauração religiosa da pátria⁴⁰. Nesta década foi importante para a revitalização da vida religiosa no país a permissão de entrada das congregações e das ordens anteriormente expulsas, bem como a implantação de novos institutos religiosos e a fundação a nível nacional de outros institutos e congregações, como é o caso das Servas de Nossa Senhora de Fátima e de onde virá a surgir, no ano de 1934, por iniciativa do cónego Manuel Nunes Formigão a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. Estes são alguns exemplos que ilustram aquilo que foi neste período a vitalidade religiosa do catolicismo português⁴¹ e que em alguns casos se torna manifesto como os acontecimentos de Fátima vieram dar impulso para a sua criação.

Já no início de 1927 a Santa Sé, por meio da Sagrada Congregação dos Ritos, concede que se celebre na Cova da Iria uma missa votiva de Nossa Senhora do Rosário. Podemos ver aqui um primeiro sinal concreto de atenção pela Santa Sé relativamente aos factos da Cova da Iria⁴².

A 26 de junho de 1927 o bispo de Leiria preside, pela primeira vez, a uma cerimónia oficial na Cova da Iria, depois da bênção das estações da Via-Sacra, que vai desde o Reguengo do Fétal até à Cova da Iria. Não podendo ficar indiferente às dimensões que o local ia adquirindo, em 13 de julho do mesmo ano, faz a nomeação de um capelão residente para a Cova da Iria. O

³⁸ Cf. José BARRETO, *Religião e Sociedade - dois ensaios*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2002, p. 39.

³⁹ Cf. Bruno Cardoso REIS, “Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)”, in *Análise Social* n.º 158-159, Vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2001, p. 251.

⁴⁰ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, pp. 164-166.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, p. 172.

⁴² Cf. Luciano Coelho CRISTINO, “Fátima”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 246.

capelão, padre Manuel de Sousa, tinham como funções próprias do seu ministério: celebrar missa, confessar, rezar diariamente o terço, tomar conta das esmolas e dos ex-votos dos peregrinos. Para além disso viria também a desempenhar a função de “mestre de obras” principalmente na construção da grande igreja que virá a ser a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima⁴³. É também concedida a presença contínua do Santíssimo Sacramento na Cova da Iria⁴⁴.

A 15 de novembro de 1927 a Sagrada Penitenciaria Apostólica concede 300 dias de indulgência, por cada vez, a quem reze a jaculatória: “Nossa Senhora do Rosário de Fátima: rogai por nós”⁴⁵.

Ainda no ano de 1927 e a decorrer o processo canónico de averiguação à responsabilidade do cônego Manuel Nunes Formigão, sob o pseudónimo de Visconde de Montelo, publica a sua obra de propaganda fatimista sob o título “As grandes Maravilhas de Fátima”⁴⁶.

Em 9 de maio de 1928 é publicada no jornal *Diário de Notícias* uma nota escrita por D. José Alves Correia da Silva, onde deixa bem clara a devoção mariana como tradição em Portugal, adquirindo um novo e renovado impulso na Cova da Iria:

“Fátima, terra cheia de tradições ligadas com os factos mais notáveis da história portuguesa, é o local escolhido por Nossa Senhora para manifestar o seu poder, a sua bondade, o seu amor... Bendita seja a Virgem Santíssima Nossa Senhora, que transformou um lugar árido, desconhecido, num Céu aberto, donde espalha graças e bênçãos sobre os seus filhos”⁴⁷.

No dia 13 de maio de 1928 dá-se início à construção daquela que virá a ser posteriormente a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, apesar da intenção de construir a igreja vir já de finais do ano 1921⁴⁸. A bênção da primeira pedra é feita nesse dia pelo arcebispo de Évora D. Manuel Mendes da Conceição Santos. Ainda no espaço físico da Cova da Iria é neste ano que se concluem a capela das missas e a capela das confissões.

Em 3 de junho de 1928, *L'Osservatore Romano*, Jornal oficial do Vaticano, publicou a crónica da peregrinação de 13 de maio anterior⁴⁹. Mais uma manifestação de proximidade do Vaticano para com Fátima.

⁴³ Cf. Luciano Coelho CRISTINO, “Capelania”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia Editora, Estoril, 2007, pp. 82-83.

⁴⁴ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 154.

⁴⁵ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 17.

⁴⁶ Cf. José BARRETO, *Religião e Sociedade - dois ensaios*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2002, pp. 39-40.

⁴⁷ *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 20.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 19.

⁴⁹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 17.

Neste ano de 1928 e naquilo que foi sendo a dinâmica do Santuário destacamos as várias peregrinações quer nacionais, quer regionais que o Santuário acolheu.

4. De 1929 a 1930: manifestações de veracidade

Ao fazermos referência a estes dois anos separadamente, fazemo-lo pelo facto de considerarmos que são dois anos importantes para a consolidação de Fátima como ponto importante de peregrinação e de manifestação de fé, cimentando a sua projeção internacional. São dois anos que aproximam e escancaram as portas de Fátima ao mundo e em particular à Santa Sé. Também a Santa Sé e propriamente o Papa, se abrem de forma clara aos acontecimentos de Fátima.

Destarte, logo a iniciar o ano de 1929, mais precisamente a 9 de janeiro, o Papa Pio XI recebeu os alunos do Pontifício Colégio Português em Roma tendo-lhes oferecido estampas com referência a Nossa Senhora de Fátima. “Mãe Clementíssima, Salvai Portugal” - assim se podia ler nas ditas estampas. O Papa distribuiu duas estampas a cada aluno, uma para cada um e outra para enviarem às respetivas famílias, para que também elas rezassem pelo Papa. As estampas têm a novena à Virgem do Rosário de Fátima, editadas pelo Apostolado da Imprensa, com o “*imprimatur*” do bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva. Neste gesto de Pio XI, podemos ver para além de uma simpatia do vigário de Cristo pela Senhora de Fátima, também uma “aprovação implícita”⁵⁰ das aparições. Tudo isto ganha grande relevo se considerarmos que até à data ainda não tinham sido oficializadas as aparições. O Colégio Português é autorizado em 13 de outubro a celebrar a missa votiva de Nossa Senhora do Rosário, afim de comemorar o aniversário da última aparição⁵¹.

Outro facto também de relevo do Papa Pio XI, como identificador de proximidade para com Fátima, reporta-se à bênção da imagem de Nossa Senhora de Fátima para o Colégio Português em Roma, a 6 de dezembro de 1929, imagem esta também da autoria de José Ferreira Tedim. Pio XI após benzer a imagem no Vaticano, permaneceu longo tempo na contemplação da “beleza sobrenatural” que da imagem irradiava⁵². Desta forma e com estes gestos simples, Pio XI apresenta ao mundo Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A 13 de junho de 1929, em Tuy, ter-se-á cumprido a promessa de Nossa Senhora contida no Segredo de 13 de julho de 1917: "Virei pedir a Consagração da Rússia...", pedindo aos bispos

⁵⁰ Cf. *NOVIDADES*, Ano XLIV, N.º 10:260, 20 de janeiro de 1929, p. 6.

⁵¹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 18.

⁵² Cf. José Galdes FREIRE, “Os papas e Fátima”, in *Fátima - 75 anos*, Santuário de Fátima, Fátima, 1992, pp. 103-104.

e ao Papa esta colaboração como primeira responsabilidade para que a Paz no mundo seja alcançada.

“É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do mundo, a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio. São tantas as almas que a Justiça de Deus condena por pecados contra Mim cometidos, que venho pedir reparação: Sacrifica-te por esta intenção e ora”⁵³.

Esta revelação complementar é tornada pública alguns anos depois quando a irmã Lúcia escreve as suas *Memórias* acerca dos acontecimentos de Fátima, a pedido do bispo de Leiria.

Em finais da década de 20 a atitude do Governo face à Igreja é manifestamente diferente do que acontecera anos antes. A comprovar isso está a comparência do novo poder político na inauguração da central elétrica do Santuário de Fátima, na pessoa do Presidente da República Óscar Carmona e de vários ministros, entre os quais Oliveira Salazar. Efeméride ocorrida a 12 de maio de 1929⁵⁴.

A 11 de maio de 1930, o padre Luís Gonzaga Aires da Fonseca faz uma conferência no Instituto Bíblico de Roma, dando a conhecer Fátima, estando presentes cardeais, diplomatas, professores e estudantes de todas as universidades de Roma e de outros países. No dia 13 de maio, a Sagrada Congregação dos Ritos concedeu a faculdade de celebrar a missa votiva de Nossa Senhora do Rosário a todos os sacerdotes que celebrassem no Colégio Português. A 1 de outubro a Sagrada Penitenciaria Apostólica concedeu indulgência plenária aos grupos que visitassem o Santuário; a quem o visitasse individualmente uma indulgência de sete anos e sete quarentenas⁵⁵.

A Comissão Canónica Diocesana apresenta finalmente o relatório oficial sobre os acontecimentos de Fátima a 13 de abril de 1930. No entanto, só a 13 de outubro de 1930, o bispo de Leiria se pronuncia acerca das aparições, publicando uma carta pastoral. Nesta carta e dirigindo-se aos seus diocesanos declara “como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917”⁵⁶, permitindo oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima. Se atendermos ao que D. José veio fazendo, desde que tomou posse da diocese de Leiria, verificamos que ele não precisava de ser convencido da veracidade das aparições atestada pelo relatório final do processo canónico apresentado pela Comissão Canónica. Facto a demonstrar isto está, por exemplo, o início da

⁵³ Lúcia de JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 15ª edição, 2011, pp. 195-196.

⁵⁴ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 155.

⁵⁵ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 18.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 275.

construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima em 13 de maio de 1928 de entre outras construções e melhoramentos dos espaços existentes. No entanto, oficialmente só com a publicação da carta pastoral a 13 de outubro de 1930 se confirma a veracidade das aparições e a legitimidade do culto a Nossa Senhora de Fátima. Fátima afirmava-se assim, de uma vez por todas, como santuário nacional e com grande importância para a restauração católica em Portugal⁵⁷.

Fátima era no final dos anos 20 sentida e tida quer geográfica, quer espiritualmente como o coração de Portugal, como havia afirmado D. José do Patrocínio Dias, bispo de Beja, em 13 de outubro de 1927⁵⁸.

Olhando para a aprovação eclesial das aparições por outro prisma, salientamos aquela que Jeffrey S. Bennett prodigaliza, como sendo uma resposta ao medo que alastrou por Portugal de uma contaminação bolchevique, devido à onda de fúria anticlerical que em Espanha deflagrou com a queda da ditadura em janeiro de 1930 e com a declaração da República em abril seguinte⁵⁹. Este medo que pairava sobre Portugal é um dos motores que leva à consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria como se pode ver na interpelação do cardeal Cerejeira a Nossa Senhora, em 13 de maio de 1931:

“Nós, pontífices do nosso povo, sentimos rugir em torno a procela temerosa, que ameaça dispersar e perder o rebanho fiel dos que vos bendizem por serdes Mãe de Jesus, e aflitos erguemos para o Vosso Filho as mãos suplicantes, gritando-Lhe: «Salva-nos, Senhor, que perecemos!»... Intercedei por Portugal, Senhora, nesta hora gravíssima em que sopram do Oriente ventos furiosos que trazem gritos de morte contra o Vosso Filho e a cultura fundada sobre os seus ensinamentos, desvairando as inteligências, pervertendo os corações e inflamando o mundo em chamas de ódio e revolta. – Socorro dos cristãos, rogai por nós!”⁶⁰.

⁵⁷ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.) *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 155.

⁵⁸ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano V, n.º 62, 13 de novembro de 1927, p. 2.

⁵⁹ Cf. Jeffrey S. BENNETT, *Quando o sol dançou – Fátima e Portugal*, Guerra & Paz Editores, Lisboa, 2017, p. 199.

⁶⁰ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano IX, n.º 105, 13 de junho de 1931, p. 2.

Capítulo II – De 1931 a 1950. A proclamação do dogma da Assunção

1. De 1931 a 1941: a devoção e a necessidade da consagração

Podemos dizer de facto, que Fátima ganha um novo impulso com a declaração das Aparições como dignas de crédito, intensificando-se as peregrinações ao Santuário de Fátima, mormente das dioceses e paróquias portuguesas. Sem, contudo, esquecer toda a divulgação que já vinha sendo feito em toda a década de 20, não só na Europa, mas também noutros continentes, com devoções e homenagens públicas e solenes em honra de Nossa Senhora de Fátima⁶¹. Na festa da Anunciação de Nossa Senhora a 25 de março de 1931, 6 meses após o reconhecimento oficial das Aparições pelo bispo da diocese de Leiria, realizava-se pela primeira vez em Fátima um solene pontifical, presidido por D. Domingos Maria Frutuoso, bispo de Portalegre e dominicano de origem, apelidado por muitos como o bispo do Rosário⁶². Note-se que já em carta endereçada a D. José Correia Alves da Silva, datada de 2 de janeiro de 1929, o bispo de Portalegre afirmava o início do culto a Nossa Senhora do Rosário de Fátima na sua diocese, com a bênção solene em Castelo Branco de uma imagem de Nossa Senhora sob esta invocação. Também ele afirmou num relatório a 15 de janeiro desse ano, e após o Papa ter distribuído as já mencionadas pagelas no Colégio Português: “Finalmente creio em Fátima”⁶³.

Pouco tempo depois, na comemoração do 14.º aniversário das aparições, a 13 de maio de 1931, acontece a primeira consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, feita pelo Episcopado Português e presidida pelo cardeal patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Esta consagração é feita como um “ato de filial vassalagem de fé, amor e confiança”⁶⁴ para com Nossa Senhora. Esta consagração é melhor entendida e adquire um particular significado se tivermos em conta a ideia de salvação nacional, de invocação da paz, de conversão e penitência e de reparação e desagravo ao Sagrado Coração de Maria e de Jesus⁶⁵.

No decorrer da década de 30 o Papa Pio XI, atento às novas configurações políticas e sociais que iam ganhando forma na Europa, denunciava os regimes fascista e nazista, assim como o comunismo ateu. Em concreto, a 29 de junho 1931, na sua encíclica *Non Abbiamo*

⁶¹ Cf. Luciano Coelho CRISTINO, “O dinamismo da Mensagem de Fátima”, in *Fátima para o século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 332-335.

⁶² Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições – Congresso Internacional de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1998, p. 682.

⁶³ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima, Fátima, 1999, p. 21.

⁶⁴ Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições – Congresso Internacional de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 683.

⁶⁵ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 155.

Bisogno, Pio XI denunciava o regime fascista italiano, deixando claro que o catolicismo nunca aceitará subordinar-se totalmente ao Estado. Já em 1937, na sua encíclica *Mit Brennender Sorge* (Com Ardente Preocupação), Pio XI denunciava a perseguição dos católicos alemães por parte do nazismo, condenando o culto do Estado e da Raça como uma idolatria incompatível com a fé cristã. A 19 de março de 1937, Pio XI na sua encíclica *Divinis Redemptoris* denunciava o comunismo ateu, manifestando a atitude de oposição da Igreja católica perante o comunismo.

Os erros que a humanidade cometia, com os regimes extremistas que despontavam nas nações, e a levavam a aniquilar-se a si própria, fizeram com que Pio XI os denunciasse. O Papa, não deixando de estar atento a Fátima, envia uma carta ao cardeal patriarca de Lisboa, a 10 de novembro de 1933, falando de Nossa Senhora, como aquela que se dignou “favorecer com benefícios especiais” a nação portuguesa⁶⁶. Ele via em Fátima uma resposta aos regimes extremistas que iam despontando nas nações. Uma garantia que Nossa Senhora poderia ser protetora das nações que a ela se recomendassem em oração.

Na certeza das dimensões que o culto a Nossa Senhora de Fátima vai adquirindo, D. José Correia Alves da Silva escreve ao Papa Pio XI referindo-se ao Santuário de Fátima como o maior centro de piedade em Portugal⁶⁷. O Santuário de Fátima vem contribuir para que se passe de uma visão decadente do catolicismo, para uma visão de um catolicismo que é causa de regeneração nacional, que toca todos os estratos sociais e que é motor de desenvolvimento social. É também nesta carta enviada pelo bispo de Leiria ao Papa Pio XI em 1937, que lhe é comunicado o pedido da consagração da Rússia. Ato este que deveria ser solene e público e feito pelo Papa e todos os bispos do mundo católico. Realçamos aqui a consagração da Rússia como uma questão de não menos importância, pois se a Rússia era mencionada na III e IV memórias da Irmã Lúcia redigidas em 1941, já desde 1929 que a mesma vinha a comunicar com insistência aos seus confessores e ao bispo de Leiria que tinha chegado o tempo de fazer a consagração da Rússia ao Coração de Maria.

Para a divulgação e conhecimento daquilo que é o conteúdo da mensagem de Fátima e as circunstâncias em que se deram as aparições, em grande parte contribuíram os escritos da Irmã Lúcia. Assim, com a transladação dos restos mortais da Jacinta Marto para o cemitério de Fátima, em setembro de 1935, foram tiradas algumas fotografias, que D. José Alves Correia da Silva enviou para a Irmã Lúcia. Esta, ao agradecer as mesmas, deu a entender que tinha recordações da Jacinta ainda não conhecidas publicamente. Destarte, o bispo de Leiria pediu-lhe para pôr por escrito essas recordações. Começaram a ser redigidos quatro manuscritos, que mais tarde

⁶⁶ Cf. José Maria FÉLIX, *Fátima e a Redenção de Portugal*, Gráfica Minerva, Vila Nova de Famalicão, 1939, p. 121.

⁶⁷ Cf. António Maria MARTINS, *Novos Documentos de Fátima*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1984, p. 176.

se viriam a designar *Memórias*. Nestes, Lúcia revelava alguns assuntos inéditos, como as aparições angélicas, a aparição do Imaculado Coração de Maria, e o teor da primeira e segunda parte do segredo. Em finais de 1941 terminava esses manuscritos, deixando por revelar a terceira parte do segredo⁶⁸.

A 13 de maio de 1938, no contexto da crise mundial que se vive e no auge da guerra civil de Espanha, o Episcopado português volta à Cova da Iria para renovar a consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. Esta consagração é o cumprimento da promessa feita dois anos antes em Fátima pelo Episcopado, caso Portugal ficasse livre do comunismo que se propagava e ameaçava a Europa inteira⁶⁹. E, em junho do mesmo ano, ao terminar o seu retiro anual o Episcopado dirige-se ao Papa fazendo novo pedido, quando este o julgasse oportuno, de consagrar o “Orbe inteiro” ao puríssimo Coração de Maria⁷⁰.

No que toca à consagração ao Imaculado Coração de Maria por parte do Episcopado português, que começa desde 1931 a dar resposta ao pedido de Nossa Senhora feito em 1929, o mesmo vê nestas consagrações feitas, especial proteção por ter escapado à influência comunista e à II Guerra Mundial, ideia esta afirmada na Pastoral Coletiva de 1940⁷¹.

Nesta senda, em outubro de 1940, Lúcia tem permissão de escrever diretamente ao Papa, referindo-lhe a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, com menção especial da Rússia. Esta menção especial da Rússia criava alguns problemas não só diplomáticos como teológicos, pelo facto da Rússia se declarar como um Estado ateu. E, ao incluir a consagração do mundo inteiro, por indicação do seu confessor, pretendia assim, aumentar as hipóteses do seu pedido ser aceite. Referia ainda a Irmã Lúcia ao Papa, que em atenção à consagração que os bispos portugueses tinham feito, Portugal teria uma proteção especial durante a guerra, sendo esta proteção a prova das graças concedidas às nações que fossem consagradas a nossa Senhora⁷².

A realidade é que o culto a Nossa Senhora do Rosário de Fátima é na década de 30 já amplamente difundido por todo o Portugal, para o qual muito terá contribuído a consagração do país referida anteriormente. As peregrinações a Fátima dão-nos um retrato vivo daquilo que

⁶⁸ Cf. Luciano Coelho CRISTINO, “O dinamismo da Mensagem de Fátima”, in *Fátima para o século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 332-335.

⁶⁹ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições – Congresso Internacional de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 683-684.

⁷⁰ Cf. António Maria MARTINS, *Novos Documentos de Fátima*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1984, p. 230.

⁷¹ Cf. Luciano GUERRA, “Pio XII e Fátima”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 412.

⁷² Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições – Congresso Internacional de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 685.

é a religiosidade vivida em Portugal⁷³. Paralelamente ao crescendo do culto espiritual a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, há igualmente uma materialização em crescendo resultante deste culto. Incluem-se nos novos rumos da Igreja em Portugal, sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima, a construção de alguns templos em sua honra, como é o caso da igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, da autoria do arquiteto Pardal Monteiro, inaugurada solenemente e benzida em 13 de outubro de 1938 pelo cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, na qual tomou parte o bispo de Leiria. Porém, não só em Portugal, mas também um pouco por todo o mundo, Nossa Senhora de Fátima é venerada e invocada, como nos testemunha o padre José Maria Félix em 1939:

“Por todo o Império Português, vão surgindo igrejas, capelas e altares dedicados à Virgem de Fátima, não havendo cidade, vila ou aldeia, onde Ela não seja venerada, amada e invocada. Na Espanha, França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Lituânia, até junto da Rússia, está espalhado o seu culto. Na África, não só em terras portuguesas como estrangeiras, muitas missões estão colocadas debaixo da Sua Protecção. Na América do Norte, na Califórnia, nas Antilhas, na América do Sul, na Argentina e, sobretudo, no Brasil, constroem-se santuários em honra de Nossa Senhora da Fátima. Na Ásia, o culto da Santíssima Virgem da Fátima, irradiando principalmente de Macau, propaga-se pela Índia Inglesa, pela China onde há igrejas em Sua honra, pelo Japão, pelas ilhas holandesas, etc. Na Oceânia, ainda no ano passado, S. Ex.^a Rev. ^{ma} o Senhor Bispo de Macau benzeu em Timor uma bela igreja com a invocação da Fátima”⁷⁴.

Ressaltando todo o dinamismo que se ia verificando nas dioceses portuguesas em torno de Nossa Senhora de Fátima, também no mundo esse dinamismo vai acontecendo como nos testemunha o excerto anterior. Um exemplo concreto disto e que implica o Santo Padre foi a sua Constituição Apostólica *Sollemnibus Conventionibus*, de 4 de setembro de 1940, em que Pio XII erigiu canonicamente a diocese de Nampula em Moçambique, dando à Catedral o título da Bem-aventurada Virgem Maria de Fátima⁷⁵.

Outro gesto que levou o nome de Nossa Senhora de Fátima mais longe, foi o facto de pela primeira vez num documento tão importante e oficial como é uma encíclica, ser referenciado o nome de Fátima. Falamos da encíclica *Saeculo Exeunte Octavo*, com data de 13 de junho de 1940 e dirigida ao Episcopado português no 800.º aniversário da constituição de Portugal como reino. Este documento menciona por duas vezes o nome de Fátima⁷⁶.

⁷³ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 155.

⁷⁴ José Maria FÉLIX, *Fátima e a Redenção de Portugal*, Gráfica Minerva, Vila Nova de Famalicão, 1939, pp. 122-123.

⁷⁵ Cf. Januário dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, p. 62.

⁷⁶ Cf. PIO XII, Encíclica *Saeculo Exeunte Octavo*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_13061940_saeculo-exeunte-octavo.html, acedido em 1 de maio de 2017.

2. De 1942 a 1946: a consagração e a coroação

Num gesto de nova abertura do Santuário de Fátima e de incremento de devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima destacamos aquela que foi a primeira viagem da imagem original de Nossa Senhora do Rosário de Fátima da Capelinha das Aparições a Lisboa por ocasião do Congresso Nacional da Juventude Católica Feminina, de 7 a 13 de abril de 1942. Grande foi a devoção e entusiasmo de todas as classes sociais, que se viveu nesta peregrinação da imagem que foi da Cova da Iria até Lisboa, passando por muitas terras, como se pode ler na reportagem feita no Jornal *Voz da Fátima* acerca dessa peregrinação⁷⁷. O poeta António Correia de Oliveira enviou em telegrama a este Congresso um poema em diálogo, um tanto profético das viagens desta imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. “- Nossa Senhora de Fátima / Onde é que vais desse modo? / - Agora vou a Lisboa / E depois ao mundo todo!”⁷⁸. O que de facto se vem a concretizar, mais em particular com as imagens da Virgem Peregrina. Abordaremos mais adiante estes acontecimentos.

Estávamos em 1942, celebrava-se o 25.º aniversário das aparições e da ordenação episcopal de Pio XII. Fátima nestes vinte e cinco anos de existência tinha-se tornado no motor impulsionador para Portugal se reencontrar com a sua tradição religiosa de sempre e o reflorescimento da fé cristã. Fátima tinha-se tornado num polo de atração e irradiação do catolicismo português, sentindo-se sempre como povo protegido pela Imaculada Mãe de Deus. Realçamos o que foi sendo sempre preocupação das Autoridades eclesiásticas, para que Fátima se tornasse num centro de espiritualidade e não em mais um local das tradicionais romarias portuguesas. Fátima dava uma nova coloração à vivência da fé e dava igualmente uma nova configuração geográfica da dinâmica do catolicismo português. Este sofria uma deslocação do Norte, principalmente do Sameiro, para a Cova da Iria. Fátima tornou-se local de encontro privilegiado entre a religiosidade popular e a pastoral sacramental⁷⁹.

Nesse mesmo ano e de uma ideia nascida no já citado Congresso Nacional da Juventude Católica Feminina foi oferecida, a 13 de outubro, pelas mulheres portuguesas, uma coroa preciosa a Nossa Senhora como gesto de agradecimento da não participação de Portugal na II Grande Guerra Mundial (1939-1945). As preces e os terços rezados, bem como a consagração feita ao Imaculado Coração de Maria deram os seus frutos. Portugal era a prova das graças recebidas perante o mundo, para que este fizesse a consagração ao Imaculado Coração de

⁷⁷ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XX, n.º 236, 13 de maio de 1942, p. 1.

⁷⁸ Luciano Coelho CRISTINO, “O dinamismo da Mensagem de Fátima”, in *Fátima para o século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 346.

⁷⁹ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, pp. 157-159.

Maria⁸⁰. As mulheres portuguesas quiseram ver Rainha de Portugal aquela que em seus corações já há muito a consideravam como Rainha da paz. Esta oferta feita pelas mulheres portuguesas faz-se ecoar na Avé-Maria rezada constantemente em Fátima; “Bendita és Tu entre as mulheres”. Bendita é a Virgem Maria, mas com ela estão todas as mulheres. As pérolas desta coroa “saíram muito mais da alma de cada mulher do que das joias mais estimadas”⁸¹. Por isso, por muito maior que seja o valor material da coroa, terá sempre o valor incalculável da humanidade que se aproxima de Deus.

O pedido de Lúcia para a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria ganhou forma pela boca do Sumo Pontífice, em 31 de outubro de 1942. Pio XII consagrou o Mundo ao Imaculado Coração de Maria, via radiomensagem em português, no encerramento do 25.º aniversário das aparições de Fátima. O Episcopado português reuniu-se no Mosteiro dos Jerónimos e numa longa mensagem, que o Papa dirigiu ao povo português via rádio refere-se à “atmosfera de milagre que bafeja Portugal”⁸², terminando a radiomensagem com a consagração do género humano ao Imaculado Coração de Maria. Da mensagem destacamos algumas partes da consagração:

“Ao Vosso Coração Imaculado, Nós, como Pai comum da grande família cristã, como Vigário daquele a quem foi dado todo o poder no Céu e na Terra e de quem recebemos a solicitude de quantas almas remidas com o seu sangue povoam o mundo universo; ao Vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos, não só a Santa Igreja, corpo místico do Vosso Jesus, que pena e sangra por tantas partes, por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo dilacerado por essenciais discórdias, abrasado em incêndios de ódios, vítima de suas próprias iniquidades... assim desde hoje vos sejam perpetuamente consagrados também a Vós e ao Vosso Coração Imaculado, ó Mãe Nossa e Rainha do Mundo, para que o Vosso amor patrocínio apressem o triunfo do Reino de Deus, e todas as gerações humanas, pacificadas entre si e com Deus, a Vós proclamem bem-aventurada e convosco entoem de um pólo ao outro da terra, o eterno Magnificat da glória, amor, reconhecimento ao Coração de Jesus, onde só podem encontrar a verdade, a vida e a paz”⁸³.

Levanta-se a questão, porque terá o Papa Pio XII consagrado o Mundo ao Imaculado Coração de Maria e não somente a Rússia como Nossa Senhora havia pedido especificamente e já tornado público, segundo a perspectiva da Irmã Lúcia? Não esquecendo o que já anteriormente dissemos acerca da consagração da Rússia, talvez aqui tenha importância relevar a Guerra Civil de Espanha (1936-1939) de entre outras e principalmente a II Guerra Mundial (1939-1945). Num contexto de guerras que deflagravam um pouco por todo o Mundo, todo ele carecia da proteção da Virgem Mãe.

⁸⁰ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 145.

⁸¹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXI, n.º 241, 13 de outubro de 1942, p. 1.

⁸² *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 1.

⁸³ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 3.

Com esta consagração os acontecimentos de Fátima ganhavam uma nova ressonância na cena internacional⁸⁴. A mesma consagração foi repetida a 8 de dezembro desse mesmo ano, festa da Imaculada conceição, pelo Papa na Basílica de S. Pedro. No entanto, a 4 de maio de 1943, Lúcia faz saber que as formas de consagração anteriores não cumpriam a promessa, por não conter expressamente a consagração da Rússia e não ter sido feita em comunhão com os bispos de todo o Mundo. Esta questão atravessou praticamente todo o século XX e os diversos pontificados até João Paulo II, nomeadamente até à queda do muro de Berlim e à desagregação do bloco político do Leste europeu, ligado ao regime soviético.

Nos meandros da discussão acerca da validade da consagração, mais concretamente em finais de 1943, Lúcia, obedecendo ao bispo de Leiria, redige a terceira parte do chamado segredo, que ficou arquivada no Paço Episcopal de Leiria.

Na questão da consagração da Rússia em particular e dos acontecimentos de Fátima em geral, fazemos agora breve referência àquilo a que se pode referenciar como a crítica católica de Fátima, tendo como seu fundador o padre teólogo jesuíta belga Edouard Dhanis. Este, não duvidando das aparições e do testemunho dos três videntes, nem pondo globalmente em causa a autenticidade da mensagem de Fátima⁸⁵, refere que a há uma história antiga e uma história nova de Fátima, aquilo a que se pode chamar “Fátima I” e “Fátima II”. Sugere o teólogo que o que é contado pela Lúcia depois de 1941 é enriquecido com elementos da experiência vivida posteriormente por ela, onde se inclui a questão da consagração da Rússia de forma expressa.

A 13 de maio de 1946, um ano depois do fim da II Guerra Mundial, é feita a coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima, tal como em 13 de outubro de 1942 o bispo de Leiria havia preconizado acerca da coroação de Nossa Senhora, que esta só se realizaria depois de terminada a guerra⁸⁶. A coroação acontece durante as comemorações do 3.º centenário da proclamação da Imaculada Conceição, como padroeira e rainha de Portugal, pelo Rei D. João IV. Pio XII envia como seu Legado Pontifício para a coroação de Nossa Senhora o cardeal Bento Aloisi Masella⁸⁷. E Pio XII, em nova mensagem enviada para Portugal dizia “Vós coroai-la Rainha da Paz e do Mundo para que o ajude a encontrar a paz e a ressurreição das suas ruínas”⁸⁸. O Papa dá-nos aqui o mote para aquilo que virá a acontecer logo no ano seguinte. Coroar Nossa Senhora de Fátima como Rainha do mundo, para no ano seguinte Ela percorrer o mundo inteiro.

⁸⁴ Cf. Paulo de Oliveira FONTES, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in Carlos AZEVEDO (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 156.

⁸⁵ Cf. José BARRETO, “Edouard Dhanis, Fátima e a II Guerra Mundial”, in *Brotéria*, Vol. 156, Lisboa, janeiro de 2003, p. 22.

⁸⁶ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 2.

⁸⁷ Ao tempo das aparições era precisamente Mons. Aloisi Masella o encarregado de negócios da Santa Sé em Lisboa. Note-se que desde 1910 não havia núncio apostólico em Portugal.

⁸⁸ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXV, n.º 285, 13 de junho de 1946, p. 2.

Ainda no rescaldo da coroação de Nossa Senhora, no mesmo mês, a Irmã Lúcia volta a Portugal e vem a Fátima identificar os principais locais das aparições.

3. De 1946 a 1950: a Virgem peregrina e o dogma da Assunção

No ano de 1947, surge nos EUA por iniciativa de John Haffert e do padre Harold Colgan, o *Blue Army* - Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima, um exército ao serviço da Mãe de Deus, seguindo uma tonalidade política fortemente marcada pela luta anticomunista no plano internacional⁸⁹. Mais tarde, e no novo contexto mundial, tornar-se-á numa associação pública internacional de fiéis, conhecida por Apostolado Mundial de Fátima, com o lema “Um mundo unido em oração”, tendo como objetivo a promoção da doutrina da fé católica e a adesão aos princípios do Evangelho, a santidade pessoal dos que aderem e a promoção do bem comum, através da difusão da mensagem de Fátima⁹⁰.

A 13 de maio de 1947 inicia-se nova difusão dos acontecimentos de Fátima, com a chamada “imagem da Virgem Peregrina”. Feita segundo as indicações da Irmã Lúcia, a imagem foi oferecida pelo bispo de Leiria e coroada pelo arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos⁹¹. É por ocasião da visita da Virgem Peregrina aos Estados Unidos, em 1947, que foi fundado o Exército Azul, como acima referimos, em contraste com o que significava o Exército Vermelho da URSS⁹². Destacamos algumas das viagens que a imagem fez, como a peregrinação ao território dos Estados Unidos da América entre 1974 e 1982, sendo interrompida essa peregrinação para em 1978 fazer uma viagem pelo mundo inteiro. Esta viagem foi promovida pelo Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima. A mesma imagem peregrinou à Rússia em 1996⁹³. Percorrendo uma Europa martirizada, qual mensageira da paz. Sem deixar de percorrer todos os continentes, as primeiras viagens, que a Virgem Peregrina faz, são a África e Ásia no contexto do império colonial português. Apelidada tantas vezes de “Senhora do Bom Caminho”, por todas as razões que bem lhe conhecemos, podemos afirmar que as viagens da Virgem Peregrina suscitaram um incremento da devoção mariana sob o manto de Fátima.

⁸⁹ Note-se que o Santuário de Fátima fará sempre questão de não se colar a esta campanha e imagem.

⁹⁰ Cf. Frederico da Silva SERÓDIO, “Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima - Apostolado Mundial de Fátima”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 210-211.

⁹¹ Cf. Luciano CRISTINO, “Virgem Peregrina”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 606.

⁹² Eloy Bueno de la FUENTE, *A Menagem de Fátima – A misericórdia de Deus: O triunfo do amor nos dramas da história*, Santuário de Fátima, Fátima, 2014, p.150.

⁹³ Cf. Luciano CRISTINO, “Virgem Peregrina”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 607.

Ao iniciar o mês de maio de 1948, o Santo Padre publica a encíclica *Auspicia quaedam*, na qual, mencionando a consagração ao Imaculado Coração de Maria feita em 1942, pedia que a mesma fosse renovada sempre que possível pelas dioceses, paróquias e famílias:

“E como o nosso predecessor de imortal memória Leão XIII, nos albores do século XX, quis consagrar todo o género humano ao sacratíssimo coração de Jesus, também nós, como que representando a família humana por ele redimida, quisemos solenemente consagrá-la ao coração imaculado de Maria virgem. Desejamos que todos façam o mesmo, sempre que a oportunidade o aconselhar; e não só em cada diocese e cada paróquia, mas também em cada família. Assim esperamos que desta consagração particular e pública nasçam abundantes benefícios e favores celestiais”⁹⁴.

No panorama da cultura e do entretenimento, vejamos como este também vinha dando o seu contributo para a divulgação dos acontecimentos de Fátima, nomeadamente com filmes, tais como *Fátima Terra de Fé* de Jorge Brum do Canto, estreado em 2 de junho de 1943. Já no âmbito da música, destacamos o cantor norte-americano Tony Bennett que no ano 1950 grava o tema *Our Lady of Fatima*. No ano de 1951 o cinema espanhol estreia o filme *La Señora de Fátima*. Em 1952 foi a vez do cinema americano contribuir para a divulgação do fenómeno de Fátima e do santuário, com o filme *The Miracle of Our Lady of Fatima*, uma produção da *Warner Brothers*⁹⁵. O grande número de produção cinematográfica nestes anos, do qual damos apenas estes exemplos, fica a dever-se em muito à proclamação feita pelo Papa Pio XII ao declarar que o Ano Santo fosse encerrado em Fátima no dia 13 de outubro de 1951.

Em audiência aos dirigentes do Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima, a 8 de maio de 1950, Pio XII afirma que “o tempo para duvidar de Fátima já passou, agora é tempo para a ação”⁹⁶. Neste âmbito da convicção pessoal de Pio XII acerca de Fátima, há que referir ainda as quatro visões que Pio XII teve nos jardins do Vaticano no ano de 1950, a 30 e 31 de outubro e a 1 e 8 de novembro, do “milagre do sol”, que em Fátima milhares de pessoas tinham presenciado⁹⁷. Estas visões acontecem na altura em que Pio XII proclama a definição dogmática da Assunção de Nossa Senhora. Datada de 1 de novembro de 1950, por meio da constituição apostólica *Munificentissimus Deus*, o Papa Pio XII fez a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora, em pleno Ano Santo “do grande retorno e do grande perdão”, por meio das seguintes palavras:

"Pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a paz do Espírito de verdade, para glória de Deus onipotente que à virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-

⁹⁴ PIO XII, Encíclica *Auspicia quaedam*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01051948_auspicia-quaedam.html, acessado em 1 de maio de 2017.

⁹⁵ Cf. *VISÃO HISTÓRIA*, “Fátima - a construção do fenómeno”, n.º 39, janeiro 2017, pp. 16 e 98.

⁹⁶ Sebastião Martins dos REIS, *Síntese crítica de Fátima*, Edições Salesianas, Porto, 1968, p. 11.

⁹⁷ Cf. Januário dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, pp. 58 – 61.

aventurados apóstolos s. Pedro e s. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial⁹⁸.

Referia o jornal *Voz da Fátima*, que este dogma “confirma e avulsa a maravilhosa criação da dignidade da natureza humana à imagem e semelhança de Deus”⁹⁹. Mais um motivo para um Santuário mariano, como o Santuário de Fátima, celebrar e dar graças.

Quanto às visões que o Santo Padre teve, explicou o cardeal Tedeschini, elas queriam manifestar não só a ligação estreita entre os acontecimentos de Fátima e Roma, mas também a manifestação da parte de Deus que a proclamação da Assunção de Nossa Senhora Lhe havia sido agradável¹⁰⁰.

⁹⁸ PIO XII, Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html, acedido em 1 de maio de 2017.

⁹⁹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXVIII, n.º 339, 13 de dezembro de 1950, p. 3.

¹⁰⁰ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 442.

Capítulo III – De 1951 a 1965. Termo do Concílio Vaticano II

1. 1951: o encerramento do Ano Santo

Podia ler-se nos diários portugueses de 13 de maio de 1951, a nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros, de que o Santo Padre, manifestando o seu paternal afeto pela Nação Portuguesa, estabeleceu que o encerramento do Ano Santo para o estrangeiro acontecesse no Santuário de Fátima em 13 de outubro¹⁰¹. Talvez se entenda melhor a escolha do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, se atendermos ao facto de Pio XII ter incluído no Jubileu uma mensagem de paz, devido ao clima de tensões e de feridas não saradas da II Grande Guerra Mundial. A paz é sem dúvida um assunto absolutamente nuclear no fenómeno de Fátima¹⁰². E assim aconteceu no Santuário mariano em Fátima o encerramento do Ano Santo, sob indicações do Papa, pedindo a Deus a paz nas famílias, no trabalho e nas nações. Para este encerramento foi nomeado Legado Pontifício *a latere* o cardeal Frederico Tedeschini.

Na sua homilia, o cardeal Tedeschini dá a conhecer à multidão as quatro visões do milagre do sol que o Santo Padre tinha visto no ano anterior, fazendo igualmente uma breve explicação do porquê dessas visões como referimos no final do capítulo precedente. “Não é isto a Fátima trasladada para o Vaticano? Não é isto o Vaticano transformado na Fátima?... O Papa na convocação do Ano Santo teve presente a Fátima, a Virgem e as suas mensagens”¹⁰³, podia ler-se num artigo do jornal *Voz da Fátima*.

Nesse dia 13 de outubro, o Papa Pio XII tornou-se presente no Santuário de Fátima por meio de uma radiomensagem, referindo-se ao Santuário como “montanha privilegiada de Fátima, da Virgem Mãe escolhida para trono das suas misericórdias e manancial inexaurível de graças e de maravilhas”¹⁰⁴. Fátima afirmava-se assim, cada vez mais, como “altar do mundo”.

2. De 1952 a 1958: Fátima nos documentos oficiais do Vaticano

Neste período destacamos alguns documentos oficiais como cartas apostólicas e encíclicas que estão de alguma forma relacionadas com Fátima ou lhe fazem menção explícita. Destarte, em 1952 o Santo Padre consagra todo o povo da Rússia ao Coração Imaculado da Virgem Maria, por meio da carta apostólica *Sacro vergente anno*, datada de 7 de julho, festa dos santos Cirilo e Metódio. Nesta carta abordam-se as relações históricas e amigáveis entre a Santa Sé e

¹⁰¹ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXVIII, n.º 345, 13 de junho de 1950, p. 1.

¹⁰² Cf. Manuel Rodrigues LINDA, “Paz”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 396.

¹⁰³ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXIX, n.º 351, 13 de dezembro de 1951, p. 2.

¹⁰⁴ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXIX, n.º 350, 13 de novembro de 1951, p. 1.

a Rússia. Destacamos aqui parte do número 9 dessa carta onde consta de forma explícita a já referida consagração:

“E Nós, para mais facilmente serem ouvidas as nossas e as vossas orações e súplicas e para vos darmos esta singular prova da nossa particular benevolência, assim como há poucos anos consagramos todo o género humano ao Imaculado Coração da Virgem Mãe de Deus, assim agora de modo especialíssimo, dedicamos e consagramos todos os povos da Rússia ao mesmo Coração Imaculado, na segura confiança de, como poderosíssimo patrocínio da Virgem Maria, se virem a realizar o mais breve possível, os votos que Nós, bem como todas as almas boas, fazemos pela verdadeira paz, pela fraterna concórdia e pela liberdade devida a todos e em primeiro lugar à Igreja. De maneira que, pela vossa oração unida à nossa e à de todos os cristãos, a Reino salvífico de Cristo, que é Reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça. Reino de justiça, de amor e de paz, em todas as partes da terra triunfe e se consolide de forma estável”¹⁰⁵.

Podia ler-se no jornal *Voz da Fátima*, a alegria e júbilo com que a notícia da consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria fora recebida no Santuário de Fátima, de certo por se saber ser um pedido de Nossa Senhora, “Nossa Senhora de Fátima, abençoai o Santo Padre, convertei a Rússia, que é vossa, e salvai o Mundo!”¹⁰⁶.

A contribuir para que a expressão “Fátima altar do Mundo” vá ganhando contornos cada vez mais claros, temos o facto de nesta década de 50 Nossa Senhora do Rosário de Fátima continuar a ser cada vez mais venerada no mundo inteiro, a ser querida como intercessora, protetora e patrona. Exemplo disto são duas cartas apostólicas do Papa Pio XII que a tornaram padroeira de dioceses. Assim, a carta apostólica *Recens constitutas*, de 28 de junho de 1954, concedia à recém-constituída diocese de Warangala, na Índia, que tivesse como patrona Nossa Senhora de Fátima, podendo celebrar todos os anos, a 13 de maio a festa da sua padroeira. Também em 30 de março de 1957, Nossa Senhora de Fátima se tornava padroeira principal da diocese de Zacapa, na Guatemala, por meio da carta apostólica *Quod de Beatissima*.

Entendemos também como sendo expressão deste “altar do Mundo”, em que paulatinamente se ia constituindo Fátima, a concessão do título de basílica menor à Igreja principal do Santuário de Fátima, por meio do Breve Apostólico *Luce superna*, em 12 de novembro de 1954. Esta concessão tornava-se a concretização do pedido feito pelo bispo D. José Alves Correia da Silva. Neste Breve Apostólico o Santo Padre refere a sua peculiar devoção para com a Bem-aventurada Virgem de Fátima. Destacamos aqui o que entendemos como uma bela expressão de Pio XII, que nos ajuda a ver Fátima com “altar do Mundo”:

“Mas, o que para Nós é de muito maior importância é o facto de esse Templo ser notabilíssimo pela grande afluência de Fiéis, pois ali vêm grupos de peregrinos de quase todos os cantos da terra, para fazerem sentidas preces ou tecerem os mais belos louvores à Mãe de Deus, diante da Sua Imagem Veneranda”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 147.

¹⁰⁶ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXIX, n.º 360, 13 de setembro de 1952, p. 3.

¹⁰⁷ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXXIII, n.º 389, 13 de fevereiro de 1955, p. 1.

Por fim, fazemos referência à encíclica *Ad Caeli Reginam*¹⁰⁸, de 11 de outubro de 1954 onde Pio XII institui a festa da Virgem Maria como Rainha, a 31 de maio. Fazemo-lo por ter sido feita nesta encíclica, no seu número 4, menção à coroação de Nossa Senhora de Fátima ocorrida em 1946:

“... recordamos em especial a radiomensagem que endereçamos ao povo português, por motivo da coroação da prodigiosa imagem de nossa Senhora de Fátima, que chamamos radiomensagem da "realeza" de Maria. Portanto, como coroamento de tantos testemunhos deste nosso amor filial, a que o povo cristão correspondeu com tanto ardor, para encerrar com alegria e fruto o ano mariano que se aproxima do fim, e para satisfazer aos insistentes pedidos, que nos chegaram de toda a parte, resolvemos instituir a festa litúrgica da bem-aventurada rainha virgem Maria”.

Recordamos ainda que é nesta mesma encíclica que o Santo Padre renova pela quarta vez a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Este pedido, formulado no número 45 da encíclica, solicitava a todos os bispos do mundo para fazerem a renovação da consagração no dia 31 de maio, na agora instituída festa da Realeza de Maria. No entanto ficava por mencionar de forma explícita a Rússia como podemos ver no trecho subsequente:

“...com a nossa autoridade apostólica decretamos e instituímos a festa de Maria rainha, para ser celebrada cada ano em todo o mundo no dia 31 de maio. Ordenamos igualmente que no mesmo dia se renove a consagração do género humano ao seu coração imaculado. Tudo isso nos incute grande esperança de que há de surgir nova era, iluminada pela paz cristã e pelo triunfo da religião”.

A 1 de março de 1957 foi entregue pelo bispo auxiliar de Leiria, D. João Pereira Venâncio, na Nunciatura Apostólica de Lisboa, o envelope selado com a terceira parte do segredo comunicado aos pastorinhos a 13 de julho de 1917. Este é depositado nos arquivos secretos do Santo Ofício, a 4 de abril seguinte.

No ano seguinte o Papa Pio XII, por Decreto da Congregação do Concílio, de 21 de julho de 1958, instituiu o “Conselho Nacional para o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”, determinando-lhe a composição e dando-lhe o seu primeiro Estatuto. Podemos ler isto mesmo nos Estatutos do Santuário de Fátima, no ponto 1 do artigo sétimo¹⁰⁹.

3. De 1958 a 1963: o pontificado de João XXIII

Com a morte de Pio XII e o *terminus* dos seus quase vinte anos de pontificado, é eleito Papa, a 28 de outubro de 1958, o cardeal Angelo Roncalli, tomando o nome de João XXIII. Um pontificado breve, mas intenso a nível eclesial.

¹⁰⁸ PIO XII, Encíclica *Ad Caeli Reginam*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html, acedido em 22 de junho de 2017.

¹⁰⁹ SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, http://www.fatima.pt/files/upload/quem_somos/Estatutos%20do%20Santuario.pdf, acedido em 22 de junho de 2017. Após pesquisa junto do Departamento de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, verificou-se que o Decreto que institui o Conselho Nacional para o Santuário, não se encontra no Santuário de Fátima, nem mesmo uma cópia deste.

Fazendo uma analepse no tempo, recorde-se que João XXIII já havia vindo a Fátima a 13 de maio de 1956, presidindo à peregrinação enquanto Patriarca de Veneza, no 25.º aniversário da consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. É também por ocasião dessa sua vinda a Portugal que se encontra com a Irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra. Na homilia desta peregrinação, fala de Fátima como um mistério comparável a um tríptico: as aparições do anjo, as aparições de Nossa Senhora e tudo o que vem a seguir às misteriosas visões, como movimento espiritual, não só em Portugal mas na Europa e no Mundo inteiro¹¹⁰. Refere de igual modo que a Cova da Iria é fonte de graças e prodígios para Portugal e para o mundo inteiro. Três anos mais tarde, esta homilia é reproduzida no jornal *L'Osservatore Romano*¹¹¹.

João XXIII virá mais tarde a recordar a sua vinda ao Santuário de Fátima, como aconteceu em março de 1959 numa carta dirigida à Ação Católica Portuguesa, na qual evoca “o Santuário de Fátima, sempre tão caro ao nosso coração e do qual guardamos a melhor e a mais doce das memórias”¹¹². Na visita que o então bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, fez ao Santo Padre, em novembro de 1959, afim de tratar de assuntos acerca do processo preparatório para a beatificação dos pastorinhos, o Santo Padre manifestou igualmente saudosa recordação da sua visita ao Santuário¹¹³. Já em 24 de outubro de 1962, em audiência geral e alguns dias após a abertura do Concílio Vaticano II, na presença de um numeroso grupo de portugueses, recorda de alma comovida a sua peregrinação ao Santuário de Fátima, onde as celebrações “são o encanto dos olhos e edificação do espírito”. O Santo Padre olhava agora para Portugal como uma terra misteriosa aberta a um apostolado novo, e não só como terra “de navegadores, de conquistadores, de missionários e de santos excepcionais”¹¹⁴.

Em 1961 dá-se o Início da guerra colonial na qual Portugal procurava defender e manter os seus territórios ultramarinos como parte do seu império colonial. Tendo alguns apoios indispensáveis nesta guerra, nomeadamente da Alemanha e da França, esta guerra foi sendo apresentada como um conflito defensivo, considerado crucial para proteger o continente africano dos ataques do imperialismo, do comunismo e do marxismo, para defesa da civilização cristã da Europa¹¹⁵.

Recordando que a presença portuguesa no Ultramar era tida pela Igreja católica em Portugal como uma presença singular civilizadora e, com um impulso evangelizador que estava no seu cerne, podemos, no entanto, afirmar no que toca à colonização que o sentir do Papa era

¹¹⁰ Cf. Januário dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, p. 65.

¹¹¹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XCIX, n.º 214 (30.181), 16 de setembro de 1959, p. 3.

¹¹² Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 444.

¹¹³ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXXVII, n.º 447, 13 de dezembro de 1959, p. 1.

¹¹⁴ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXXIX, n.º 482, 13 de novembro de 1962, p. 4.

¹¹⁵ Cf. Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, p. 206.

diferente. Aqui destacamos a encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII, datada de 11 de abril de 1963, e na qual se reconhece as aspirações legítimas de independência dos países colonizados¹¹⁶. O Papado abria-se ao processo histórico da descolonização e a Igreja católica fazia assim o seu *aggiornamento*, em face do mundo em mudança. Com a guerra colonial era espectável que as tensões entre o Estado salazarista e o Papado se fossem agudizando. No engrossar desta tensão estava a dificuldade da entrada de missionários católicos estrangeiros nos territórios portugueses e a nomeação de prelados negros¹¹⁷.

Neste *aggiornamento* por parte da Igreja, tem realce de maior importância o Concílio Ecuménico Vaticano II, convocado em 25 de dezembro de 1961, por meio da bula papal *Humanae salutis*. O Concílio Vaticano II é expressão nobre do breve pontificado eclesial do Papa João XXIII, inaugurado no ano seguinte em 11 de outubro. A este propósito, realçamos que o Papa, a 8 de outubro de 1961, escreve uma carta ao patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a propósito da sua peregrinação no dia 13, pela ardente súplica do Concílio¹¹⁸:

“Acolha benignamente a Virgem piedosíssima, “*Mater divinae gratiae*”, a ardente súplica comum pela dilatação do Reino de Deus, nas almas, nas famílias, na sociedade, pela celebração, quando aprouver ao Senhor, do segundo Concílio Ecuménico do Vaticano; e pelo advento da concórdia fraterna e da paz entre os povos”¹¹⁹.

Foi nesta peregrinação de 12 e 13 de outubro de 1961, que se fez a bênção e inauguração do monumento a Pio XII, oferecido pelos católicos alemães. Presidida por D. Guilherme Cleven, bispo auxiliar de Colónia, a bênção contou com uma alocução onde se referiram os factos da vida de Pio XII relacionados com Fátima. Manifestou-se igualmente a alegria do Papa João XXIII por este evento¹²⁰.

Ao terminar o périplo pelo pontificado de João XXIII, relembramos ainda duas cartas apostólicas que constituem Nossa Senhora do Rosário de Fátima como padroeira principal de duas dioceses, uma das quais da diocese de Leiria. Assim, através da carta apostólica *Quae bellum*, de 12 de dezembro de 1962, Nossa Senhora do Rosário de Fátima torna-se a principal padroeira da diocese de Propria, Brasil. No dia seguinte, por meio da carta apostólica *Miris modis* é concedido à diocese de Leiria ter como principal padroeira Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

“Acedendo da melhor vontade a esse pedido após demorada deliberação e consultada a Sagrada Congregação dos Ritos, com perfeito conhecimento do assunto e pleno uso da

¹¹⁶ Cf. Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, p. 207.

¹¹⁷ Cf. Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, p. 209.

¹¹⁸ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 445.

¹¹⁹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXXIX, n.º 470, 13 de novembro de 1961, p. 1.

¹²⁰ *Ibidem*.

autoridade Apostólica, constituímos e declaramos por meio desta carta e para sempre a Nossa Senhora do Rosário de Fátima por Padroeira principal de toda a diocese de Leiria e a Santo Agostinho, Bispo, Confessor e Doutor da Igreja, por seu segundo padroeiro com todas as honras e privilégios que de direito competem aos Padroeiros locais, ficando nula qualquer disposição em contrário”¹²¹.

E por fim, destacamos ainda duas efemérides do pontificado de João XXIII relativas a Fátima; a publicação dos textos litúrgicos em latim da missa própria do dia de Nossa Senhora de Fátima, pela Congregação dos Ritos a 1 de maio de 1963; e o uso da expressão “Mensagem de Fátima”, empregue pela primeira vez, num telegrama de 16 de maio de 1960, enviado pelo Papa ao bispo de Leiria¹²².

4. De 1963 a 1965: o encerramento do Concílio Vaticano II

Com a morte do Papa João XXIII, a 3 de junho de 1963, fica impressa a sua memória no concreto da história da Igreja pelo seu grande amor à unidade, à paz, aos pobres e humildes¹²³. Viriam a celebrar-se exéquias solenes na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima no dia 10 de junho. Também no dia 12 a procissão das velas foi feita em silêncio, sendo este irrompido por breves alocuções acerca das grandes lições de João XXIII, incitando a multidão a imitar-lhe as virtudes¹²⁴.

Reunidos os cardeais em conclave para a escolha do sucessor de Pedro, esta recaí sobre o cardeal João Baptista Montini, arcebispo de Milão, escolhendo o nome de Paulo VI. Estávamos a 21 de junho de 1963. Neste ponto destacaremos alguns dos momentos mais significativos e elucidativos do pontificado de Paulo VI e que entroncam, de alguma forma, com Fátima. Um maior detalhe da sua relação será feito na segunda parte do presente trabalho.

Começamos por fazer referência ao dia da sua coroação, em que o Santo Padre evocou Portugal como terra abençoada onde a Virgem tem o seu altar¹²⁵. Começa já aqui a desenhar-se aquilo que se adivinha ser uma relação de proximidade do Papa Paulo VI com Nossa Senhora de Fátima e o Santuário.

Na primeira peregrinação aniversária de maio após a sua eleição, a 13 de maio de 1964, Paulo VI enviou um telegrama manifestando a sua união espiritual com os peregrinos de Fátima. No dia seguinte, por meio do cardeal Agostinho Bea, que presidiu à peregrinação aniversário, o Papa entrega à Irmã Lúcia uma medalha com a sua bênção apostólica.

¹²¹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XL, n.º 485, 13 de fevereiro de 1963, p. 1.

¹²² “O Augusto Pontífice concede de todo o coração a Benção Apostólica como penhor de perseverança nos propósitos da prática da Mensagem da Fátima”. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXXVII, n.º 453, 13 de junho de 1960, p. 2.

¹²³ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XL, n.º 489, 13 de junho de 1963, p. 1.

¹²⁴ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XL, n.º 490, 13 de julho de 1963, p. 1.

¹²⁵ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLI, n.º 497, 13 de fevereiro de 1964, p. 3.

Um dos momentos mais marcantes desta proximidade com Fátima foi sem dúvida aquando do encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II, a 21 de novembro de 1964, quando Paulo VI, numa iniciativa audaciosa, declarou a Virgem Maria como “Mãe da Igreja” e renovou a consagração ao Imaculado Coração de Maria. E neste mesmo dia, com essa mesma audácia, anunciou ainda a concessão da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, como distinção por aquilo que o Santuário vinha fazendo pela Igreja e pelo Mundo. Dava assim publicamente insistência, visibilidade e importância a uma revelação privada, como nenhum outro Papa o havia feito até então perante a hierarquia católica. Terminou esta sua alocução com uma oração à Virgem Maria, a quem confia a Igreja e o Mundo¹²⁶. Destacamos desse discurso alguns trechos exemplificativos do exposto anteriormente:

“Não pode, veneráveis Irmãos, o Nosso pensamento deixar de elevar-se, com sentimentos de sincera e filial gratidão, também à Virgem Santa, ... podemos afirmar que a presente sessão se conclui com um incomparável hino de louvor em honra de Maria. Com efeito... faz-Nos pensar ser este o momento mais solene e mais apropriado para satisfazermos um desejo que, por Nós acenado no fim da sessão precedente, muitíssimos Padres conciliares fizeram seu, pedindo instantemente uma declaração explícita, durante este Concílio, da função maternal que a Virgem exerce sobre o povo cristão. Para tal fim, julgámos oportuno consagrar, nesta mesma sessão pública, um título em honra da Virgem, ... para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima «Mãe da Igreja». Enquanto em ardente prece volvemos a Nossa alma para a Virgem, a fim de que abençoe o Concílio Ecuménico e a Igreja toda, ... o Nosso olhar abre-se para os horizontes sem fim do mundo inteiro, objecto das atenções mais vivas do Concílio Ecuménico, e que o Nosso predecessor Pio XII, de veneranda memória, não sem inspiração do alto, solenemente consagrou ao Coração Imaculado de Maria. Esse acto de consagração julgamos oportuno recordá-lo hoje de modo particular. Para este fim, resolvemos enviar proximamente, por meio de uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, tão caro não só ao povo da nobre nação portuguesa — sempre, porém hoje particularmente, a nós caro — como também conhecido e venerado pelos fiéis de todo o mundo católico. Destarte, também Nós pretendemos confiar aos cuidados da celeste Mãe a inteira família humana, com os seus problemas e as suas ânsias, com as suas legítimas aspirações e as suas ardentes esperanças”¹²⁷.

A concessão da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima ficou formalmente registada por meio da carta apostólica *Amplissimo in coetu* de 28 de março de 1965, nomeando seu Legado *a latere* o cardeal Fernando Cento. O Santo Padre benzeu a Rosa de Ouro nesse mesmo dia. Salientamos aqui o facto de que no dia anterior Paulo VI leu a terceira parte do segredo de Fátima e reenviou o envelope novamente aos arquivos do Santo Ofício sem tornar público o conteúdo do mesmo. A entrega da Rosa de Ouro pelo cardeal Fernando Cento aconteceu como previsto em 13 de maio de 1965 no Santuário de Fátima, onde no final da celebração o Papa

¹²⁶ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 447.

¹²⁷ PAULO VI, Discurso de encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II em 21 de novembro de 1964, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html, acedido em 27 de junho de 2017.

Paulo VI se fez ouvir via radiomensagem, apelidando a Rosa de Ouro como um “testemunho de amor”:

“...enviando a esse insigne santuário uma Rosa de Ouro pelo nosso legado, senhor Cardeal Fernando Cento. Esta é testemunho do amor que dedicamos a Portugal católico, missionário e mariano”¹²⁸.

A finalizar este breve capítulo recordamos o encerramento solene do II Concílio Vaticano a 8 de dezembro de 1965, festa da Imaculada Conceição. Destacamos desta cerimónia solene a bênção da primeira pedra para uma Igreja nos arrabaldes de Roma com a invocação de Nossa Senhora “Mãe da Igreja”. Invocação esta feita no encerramento da terceira sessão do Concílio. Ficava assim perpetuada a memória do Concílio¹²⁹.

¹²⁸ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLII, n.º 513, 13 de junho de 1965, p. 1.

¹²⁹ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLIII, n.º 520, 13 de janeiro de 1966, p. 2.

Capítulo IV – De 1965 a 2005. Morte de João Paulo II

1. De 1965 a 1978: Paulo VI peregrina a Fátima

Com o *terminus* do Concílio Vaticano II, uma nova página na Igreja católica começa a desenhar-se. Uma Igreja mais aberta ao Mundo, que não despreza o Mundo, que o ausculta e age em seu favor, chegando a todas as partes, sempre sem esquecer Cristo, pedra angular da Igreja e tendo Maria como mestra do caminho a percorrer. A hierarquia eclesial mais que nunca é convidada e interpelada a estar ao serviço do povo de Deus.

A 14 de maio de 1966, o Santo Padre envia à Irmã Lúcia uma placa comemorativa do Concílio Vaticano II. Reconhecemos neste gesto da parte de Paulo VI a importância que o Papa dava aos acontecimentos de Fátima. Se atendermos ao que Nossa Senhora havia dito a Lúcia na aparição de junho - “... tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração”¹³⁰ - e juntarmos a isto as continuadas insistências da Irmã Lúcia para que o mundo fosse consagrado ao Imaculado Coração de Maria, o que também veio a acontecer no decorrer do Concílio, poderemos considerar que Paulo VI toma como verdadeiro o pedido de Nossa Senhora e ao qual quer dar resposta.

Se inicialmente, a 15 de abril de 1967, Paulo VI tinha nomeado como seu Legado pontifício o cardeal D. José da Costa Nunes, para o fazer representar em pessoa e presidir às celebrações do 50.º aniversário das aparições, no início do mês de maio torna público que pretende ele mesmo vir até Fátima. E ali foi rezar pela paz, pela Igreja e pelo mundo. Com a sua vinda o Santuário ganha novo impulso, tornando-se verdadeiro “Altar do Mundo”, para onde se volta toda a Igreja na procura da paz e do bem para uma humanidade ferida¹³¹.

Muita gente acorre a Fátima e também o Santo Padre, o Bispo vestido de branco, peregrina ao Santuário mariano. O primeiro Papa peregrino na Cova da Iria. Concretizava-se o desejo da pequena Jacinta:

“quem me dera vêr o Santo Padre vem cá tanta gente; e o Santo Padre nunca cá vem. Na sua inocência de criança julgava que o Santo Padre podia fazer esta viagem como as outras peças”¹³².

Destacamos nesta decisão do Papa vir a Fátima, uma resposta à posição que o Estado salazarista tomara aquando da anterior visita a Bombaim, para participar no Congresso Eucarístico Internacional, em dezembro de 1964, considerando-a uma afronta para com o

¹³⁰ Lúcia de JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, p. 231.

¹³¹ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLIV, n.º 537, 13 de junho de 1967, p. 1.

¹³² Lúcia de JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, p. 129.

Estado português. Nesta visita do Papa à Índia, o Governo português de então considerou-a uma afronta à “Nação Fidelíssima” como católica que era, pelo facto de Goa ter deixado de ser território ultramarino algum tempo antes e, de certa forma, o Padroado português já não ser tido em conta. A visita seria sempre feita à União Indiana. Nem mesmo a entrega da Rosa de Ouro em maio de 1965 ao Santuário de Fátima, que ganhou a dimensão de homenagem a toda a nação, fez diminuir o ressentimento de Salazar¹³³, que confidenciaria a Alberto Franco Nogueira, Ministro dos Negócios Estrangeiros, que “Enquanto eu for vivo o papa não entra aqui”¹³⁴. Como se viu, tal não impediu a deslocação de Paulo VI a Fátima, que ali se quis deslocar expressamente na sua qualidade de peregrino.

No mesmo dia em que o Santo Padre vem a Portugal, publica a exortação apostólica *Signum Magnum*. Documento consagrado a Nossa Senhora e na qual faz referência a Pio XII e à consagração via radiomensagem dirigida a Portugal:

“E porque este ano se comemora o XXV aniversário da solene consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo nosso Predecessor, de santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa — consagração que renovámos em 21 de Novembro de 1964 —, exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja”¹³⁵.

No encerramento do 50.º aniversário das aparições, em maio de 1968, o Papa Paulo VI torna-se novamente presente em Fátima via radiomensagem, clamando pela paz na Igreja e no mundo. Nesta ocasião, foi também inaugurada e benzida uma estátua de bronze de Paulo VI, pelo cardeal Felici, para comemorar a sua peregrinação a Fátima. Também desta forma materializada na estátua, o Papa se tornava presente em Fátima.

A Peregrinação de Paulo VI a Fátima marcou-o e impressionou-o bastante. Isto foi expresso pelo próprio ao longo dos anos seguintes. Exemplo disso encontra-se no discurso ao novo Embaixador de Portugal junto da Santa Sé em dezembro de 1968, em que o Papa refere que na sua peregrinação a Fátima raramente presenciou “um tal espetáculo de fé e de fervor religioso”¹³⁶.

Outras vezes houve em que o Papa Paulo VI se tornou presente em Fátima via mensagem radiotelevisiva, como nas celebrações de 13 de maio de 1971¹³⁷, no 25.º aniversário da coroação

¹³³ Cf. Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, pp. 211 – 218.

¹³⁴ Alberto Nogueira FRANCO, *Um Político Confessa-se (Diário: 1960-1968)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1972, p. 103.

¹³⁵ PAULO VI, Exortação Apostólica *Signum Magnum*, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html, acedido em 1 de julho de 2017.

¹³⁶ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 450.

¹³⁷ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLVIII, n.º 585, 13 de junho de 1971, p. 1.

de Nossa Senhora de Fátima, e de 13 de maio de 1977¹³⁸, no 60.º aniversário das aparições de Nossa Senhora, a sua última mensagem aos peregrinos no Santuário de Fátima. Ambas as mensagens revestem os tons da graça e da paz como apelo do Céu, e como motivo impulsionador para a sua vinda ao Santuário de Fátima. Destarte, implorava a graça e a paz por meio de Maria, Mãe da graça divina e Rainha da paz, para a Igreja e para o mundo.

Entrecruzando-se com o pontificado de Paulo VI, destacamos alguns gestos, daquele que viria a ser o Papa João Paulo I na sua relação com Fátima. Destarte, a 10 de julho de 1977 enquanto cardeal Albino Luciani, Patriarca de Veneza, peregrinou ao Santuário de Fátima. No dia seguinte rumou até ao Carmelo de Coimbra onde conversou com a Irmã Lúcia¹³⁹. Um ano depois, a 26 de agosto, viria a ser eleito Papa. O Papa do sorriso falecia um mês depois, a 28 de setembro.

2. De 1978 a 1981: João Paulo II e o atentado em Roma

Após a morte inesperada de João Paulo I, é eleito Papa, a 16 de outubro de 1978, o cardeal Karol Wojtyła, tomando o nome de João Paulo II. Podemos ver na primeira radiomensagem de João Paulo II a sua confiança de filho que se entrega nos braços de Maria. Maria que “procede como Mãe, no mistério de Cristo e da Igreja¹⁴⁰. “*Totus Tuus*”, o lema gravado nas suas armas episcopais, ganhava cada vez mais um tom somático na sua vida.

Naquela que foi a sua primeira mensagem enviada aos peregrinos de Fátima, a pedido de D. Alberto Cosme do Amaral, nas comemorações de 13 de maio de 1979, manifestava-se João Paulo II a 28 de abril¹⁴¹, como estando presente espiritualmente com os peregrinos de Fátima. Considerando-se peregrino com os peregrinos de Fátima, exortava cada peregrino a rezar a Maria, por Maria e com Maria, pedindo que apresentassem súplicas a Nossa Senhora pela harmonia na santa Igreja católica, pela santificação de todo o povo de Deus e pela paz, justiça e fraternidade entre os povos¹⁴².

Em inícios de abril de 1981 o Papa João Paulo II, depois de reunir e ouvir um conjunto de teólogos nas suas diversas áreas, permitiu que pudesse avançar o processo de canonização dos videntes de Fátima¹⁴³, entrando o mesmo na Congregação para a Causa dos Santos. Procedimento que não poderia acontecer até ali com crianças não mártires.

¹³⁸ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LV, n.º 657, 13 de junho de 1977, p. 3.

¹³⁹ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LVI, n.º 672, 13 de setembro de 1978, pp. 1 e 3.

¹⁴⁰ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LVII, n.º 678, 13 de março de 1979, p. 1.

¹⁴¹ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LVII, n.º 681, 13 de junho de 1979, p. 1.

¹⁴² Cf. Januário dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, pp. 136 - 138.

¹⁴³ Lembremo-nos que depois de 1935 todas as causas de beatificação e canonização de crianças haviam sido suspensas, por se considerar que as crianças eram pouco aptas para a prática das virtudes heroicas. Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 398.

A 13 de Maio de 1981, celebrava-se em Fátima mais uma peregrinação aniversária das aparições. Era também assinalado neste dia o 50.º aniversário da primeira consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, logo no primeiro 13 de maio após as aparições terem sido consideradas como dignas de crédito pelo bispo de Leiria. Para este aniversário estavam reunidos no Santuário de Fátima os bispos portugueses para renovar a consagração de Portugal. Em Fátima presidia à peregrinação o cardeal Hoeffner, arcebispo de Colónia, fazendo um retrato dramático do século XX:

“... em nenhum outro século se verteu tanto sangue humano como no nosso século: em duas guerras mundiais, na perseguição dos judeus, em guerras civis ou de racismo, em vagas de terrorismo e de violência, por todo o mundo”¹⁴⁴.

Nesse mesmo dia, João Paulo II experimentava no seu corpo o manifesto sangrento século XX, sofrendo um atentado na Praça de São Pedro em Roma, encontrando-se no limiar da morte. A ligação a Fátima tornava-se evidente desde logo pelo dia 13 de maio. Mas, mais tarde o próprio Santo Padre tornaria explícita essa ligação a Fátima. Fátima nunca mais seria a mesma depois deste acontecimento. O mesmo se pode dizer de João Paulo II, a sua vida ganharia um novo rumo e um novo sentido.

3. De 1981 a 1991: João Paulo II e Fátima

Ainda no hospital, o Santo Padre pede que lhe tragam livros e documentação sobre Fátima, ficando impressionado com as profecias contidas nas palavras de Nossa Senhora. Destarte, querendo corresponder ao seu pedido, na solenidade de Pentecostes, a 7 de junho 1981, pela primeira vez, o Papa consagra e confia a Igreja e o mundo a Nossa Senhora. Quando João Paulo II volta ao hospital para nova cirurgia pede que do Santo Ofício lhe seja enviado o envelope com a terceira parte do segredo¹⁴⁵.

Várias foram as vezes em que o Santo Padre expressou a sua gratidão para com Nossa Senhora de Fátima por lhe ter salvo a vida. “Eu devo a minha vida a Nossa Senhora de Fátima” confidenciou o Papa ao cardeal Eduardo Pironio, em novembro de 1981¹⁴⁶. O Papa desde logo reconheceu a ligação entre os dois acontecimentos pela coincidência do dia 13 de maio. Naquela que foi a sua primeira audiência geral após o interregno de quase cinco meses, o Santo Padre faz menção explícita dessa proteção.

“Poderia esquecer que o acontecimento na Praça de São Pedro se realizou no dia e na hora, em que, há mais de 60 anos, se recorda em Fátima, em Portugal, a primeira aparição da Mãe de Cristo aos pobres e pequenos camponeses? Porque, em tudo aquilo que sucedeu

¹⁴⁴ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LIX, n.º 705, 13 de junho de 1981, p. 3.

¹⁴⁵ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 455.

¹⁴⁶ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LX, n.º 711, 13 de dezembro de 1981, p. 1.

exatamente nesse dia, notei aquela extraordinária proteção maternal e solicitude, que se mostrou mais forte do que o projétil mortífero”¹⁴⁷.

Pela gratidão para com a Senhora de Fátima, João Paulo II tornava pública a sua intenção de vir ao Santuário português a 13 de maio de 1982. Fá-lo depois do *Angelus* do dia 7 de março precedente:

“Depois de ter feito os Exercícios Espirituais na semana há pouco terminada, desejo dar-vos uma notícia confiando-a à vossa oração quaresmal: no próximo 13 de maio pretendo estar em Fátima, a fim de agradecer à Virgem Santíssima que me protegeu de maneira maternal na circunstância do atentado, e naturalmente também para pedir todas as graças e todos os auxílios de Nossa Senhora para a Igreja e para a humanidade”¹⁴⁸.

Chegados ao dia 12 de maio de 1982, João Paulo II peregrinou a Fátima e com ele milhares de pessoas. Em atitude de peregrino entre peregrinos, eis o Papa em Fátima a rezar junto a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Ao fim de uma oração íntima com Maria, ofereceu um terço em ouro a Nossa Senhora. Qual filho de mão dada com sua mãe, apelida-se ele próprio de peregrino, “com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia divina no coração”¹⁴⁹.

Para a sua vinda a Portugal, o Papa pediu a presença da Irmã Lúcia no Santuário com quem conversou no dia 13, antes da Eucaristia. Já na sua homilia João Paulo II afirmava que a mensagem de Fátima em 1982 era então mais atual que em 1917. Um pouco mais tarde e à mesma hora do atentado que havia sofrido um ano antes, eis o peregrino Papa em frente de Nossa Senhora de Fátima numa longa, intensa e silenciosa oração, que lhe ilumina o ser, visível no seu rosto sereno e irradiando alegria. Ao despedir-se, deixa adivinhar a sua intenção de voltar ao Santuário: “Rezem pelo Papa! Adeus e até à próxima!”¹⁵⁰.

No ano seguinte, quando o Santo Padre viajou à América Central, fazendo escala técnica no aeroporto de Lisboa, no seu discurso fala aos presentes na necessidade de que a mensagem de Fátima seja ouvida. Essa mesma mensagem que coincidia com a mensagem do ano jubilar da Redenção que se avizinhava¹⁵¹. Pouco tempo depois e o Papa estava de novo em Portugal. Na boca do então presidente da conferência Episcopal Portuguesa, D. Manuel Almeida

¹⁴⁷ JOÃO PAULO II, Audiência de 07 de outubro de 1981, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf_jp-ii_aud_19811007.html, acessado em 7 de julho de 2017.

¹⁴⁸ JOÃO PAULO II, *Angelus* de 07 de março de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1982/documents/hf_jp-ii_ang_19820307.html, acessado em 7 de julho de 2017.

¹⁴⁹ JOÃO PAULO II, *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal*, Edição Conferência Episcopal Portuguesa, 2ª edição, Lisboa, 1982, p. 49.

¹⁵⁰ JOÃO PAULO II, *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal*, Edição Conferência Episcopal Portuguesa, 2ª edição, Lisboa, 1982, p. 112.

¹⁵¹ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 457.

Trindade, “O Papa quis que fosse em Lisboa, para manifestar a sua gratidão por Portugal”. O Vaticano não terá conseguido convencer o Papa a fazer escala noutra país¹⁵².

Aquela que inicialmente foi uma decisão difícil e delicada para João Paulo II, a escolha da imagem a estar presente no aniversário de abertura do Jubileu da Redenção, torna-se numa escolha óbvia e pessoal. O Papa decide-se pela imagem de Nossa Senhora de Fátima. A 25 de março de 1984, perante a imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições¹⁵³, João Paulo II, em comunhão com os bispos de todo o mundo, faz a consagração e oferta do mundo ao Imaculado Coração de Maria, na praça de S. Pedro em Roma. Não sem antes ter passado a noite em oração diante de Nossa Senhora de Fátima na sua capela privada.

Esta foi a consagração que a vidente Lúcia considera como válida, por nela tomarem parte todos os bispos do mundo, quer presencialmente em Roma, quer unidos em oração¹⁵⁴. Nesta consagração é feita referência *in pectore* à Rússia, como já havia sido feita em Fátima a 13 de maio de 1982: “De modo especial Vos entregamos e consagramos aqueles homens e aquelas nações que desta entrega e desta consagração têm particularmente necessidade”¹⁵⁵.

É também por ocasião desta visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima ao Vaticano, que o Santo Padre oferece ao bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral, um pequeno cofre com a bala do atentado que sofrera em 1981¹⁵⁶.

Ainda no ano de 1984, a 13 de maio, por decreto da Congregação dos Bispos, confirmado pela Constituição Apostólica *Qua pietate*, com a mesma data, foi concedido à diocese de Leiria o nome de diocese de Leiria-Fátima.

Assim os nossos olhos crentes o queiram, podemos ver no tempo da história, como consequência da consagração do mundo feita em 1984 por João Paulo II, as alterações a nível geopolítico que foram ganhando nova configuração a partir de 1985. Dá-se uma viragem nos países do Leste, transitando estes para regimes democráticos e reconhecendo o direito de liberdade religiosa, no contexto das transformações políticas de 1989, com a queda do Muro de Berlim. Quanto à Rússia, aprovava em 1990 a lei de consciência e de organizações religiosas, setenta anos após a prática de ateísmo militante no quadro da antiga União Soviética¹⁵⁷.

¹⁵² Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 107.

¹⁵³ Esta foi a sétima viagem da imagem Original de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que se venera na Capelinha das Aparições. Contando que foi a primeira vez que foi solicitada pelo Romano Pontífice e que foi igualmente a primeira vez que a imagem saiu da Península Ibérica.

¹⁵⁴ Para este efeito o Papa João Paulo II dirigiu uma carta a todos os bispos do mundo, datada de 8 de dezembro de 1983, solenidade da Imaculada Conceição, convidando-os a unirem-se a ele nesse ato em Roma ou nas suas próprias dioceses.

¹⁵⁵ Adélio Torres NEIVA, “Consagração”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Príncipe, Estoril, 2007, p. 149.

¹⁵⁶ No momento da entrega da bala o Papa diz a D. Alberto: “Eis um presente para oferecer a Nossa Senhora”. A bala viria a ser encastoadada na coroa principal da imagem de Nossa Senhora em 26 de abril de 1989.

¹⁵⁷ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXIX, n.º 819, 13 de dezembro de 1990, p. 2.

Segundo uma leitura providencialista, feita pelo próprio Papa, restava agradecer à Senhora de Fátima a nova janela de esperança que se abria para o mundo, com o abalar da Cortina de Ferro e todos os acontecimentos que permitiriam trazer a liberdade aos povos. A condução do mundo e os destinos dos homens e das nações haviam sido confiados à Virgem Maria, quando João Paulo II veio a Fátima em 1982¹⁵⁸.

Destarte, o Papa João Paulo II viaja até Portugal em visita pastoral entre os dias 10 e 13 de maio de 1991, estando em Fátima nos dias 12 e 13. Esta é a sua segunda vez em terras de Santa Maria. Passados dez anos do atentado que sofrera na praça de S. Pedro em Roma, vem precisamente aos pés de Maria agradecer mais uma vez a sua vida. Mas, neste agradecimento cabe também as transformações sociais e políticas ocorridas no centro e leste da Europa, bem como a proteção dada à Igreja nos últimos anos.

À chegada ao Santuário, e depois de se dirigir para a Capelinha das Aparições e de aí ter rezado em silêncio, proferiu a saudação referindo-se ao motivo da sua vinda:

“Venho ajoelhar mais uma vez aos pés de Nossa Senhora de Fátima, agradecer-lhe o Seu desvelo sobre os caminhos dos homens e das Nações... Obrigado, Celeste Pastora, por teres guiado com carinho maternal os povos para a liberdade!”¹⁵⁹.

Nesta segunda peregrinação a Fátima, o Santo Padre também se encontrou com a Irmã Lúcia no dia 13. E neste mesmo dia renovou novamente a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Neste mesmo ato de consagração fez novamente referência explícita ao seu atentado, onde sentiu a presença salvadora de Maria:

“Mãe da vida, pelos múltiplos sinais com que nos acompanhastes defendendo-nos do mal e do poder da morte; minha terna Mãe de sempre, mas de modo particular naquele 13 de maio de 1981 que senti junto de mim a Vossa presença salvadora”¹⁶⁰.

Por fim, destacamos do seu último discurso desta segunda peregrinação a Portugal, já no aeroporto da Portela, a recordação que o Papa fez da frase proferida pelo cardeal Cerejeira anos antes: “Não foi a Igreja que impôs Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja”¹⁶¹. E acrescenta ainda, dando-lhe um sentido mais abrangente: “Impôs-se à Igreja e aos homens de boa vontade...” E isto acontece precisamente por aquilo que tanto se foi falando até à data acerca de Fátima e da sua mensagem, como sendo uma mensagem sempre atual para os homens de cada tempo. Mais uma vez sobressai esta ideia na boca do próprio João Paulo II, que afirmou dois dias depois na audiência geral em Roma:

¹⁵⁸ O Santo Padre manifestou esta sua intenção quando visitou o Colégio Português em Roma a 12 de janeiro de 1985: “Foi sob o signo da confiança em Deus e na Mãe da Igreja que ajoelhei em Fátima, com o mundo e o povo português, para confiar à proteção de Nossa Senhora, Mãe da Misericórdia e esperança nossa, os destinos dos homens e das nações”. Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXIII, n.º 749, 13 de fevereiro de 1985, p. 1.

¹⁵⁹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXIX, n.º 825, 13 de junho de 1991, p. 5.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 1.

¹⁶¹ *Ibidem*, pp. 3 e 6.

“Os acontecimentos que se verificaram durante este decénio, no nosso continente europeu, particularmente na Europa Central e Oriental... obrigam-nos também a pensar de modo particular em Fátima”¹⁶².

4. Rumo ao ano 2000: João Paulo II e a beatificação dos pastorinhos

Até que a beatificação dos videntes de Fátima aconteça, muitos são os meandros do processo de beatificação, que se iniciara na década de 40 do século XX¹⁶³. Volvidos os obstáculos para os quais João Paulo II em muito contribuiu, e anotando aqui a vontade firme que o Santo Padre tinha de ver reconhecidos pela Igreja os pastorinhos como santos, na década de 80 o processo conhece alguns avanços. Com o encerramento do processo apostólico em abril de 1989, João Paulo II ordena, a 13 de maio, que sejam publicados os decretos de heroicidade das virtudes de Francisco e Jacinta¹⁶⁴. Ao declarar os dois pastorinhos como Veneráveis, o Santo Padre pediu que os dois processos avançassem não em separado como até então, mas conjuntamente¹⁶⁵.

Já em finais da década de 90, mais concretamente em 1997, é emitido pela diocese de Leiria-Fátima o decreto atestando a autenticidade da cura milagrosa e cientificamente inexplicável de Maria Emília Santos, paraplégica, atribuída à intercessão de Jacinta e Francisco. Em 1999 a Congregação para a Causa dos Santos atesta e confirma a cura milagrosa. Por sua vez João Paulo II aprova e manda que seja promulgado o decreto sobre o milagre¹⁶⁶. A beatificação está a um passo de se concretizar.

Com a data de beatificação prevista para 9 de abril de 2000, em Roma¹⁶⁷, esta é definitivamente marcada para 13 de maio em Fátima, na presença do Santo Padre.

Relativamente ao decorrer destes anos, reforçamos mais uma vez a importância que João Paulo II deu a Fátima e à atualidade da sua mensagem. Destarte, por altura do 80.º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima em 1997, o Papa escrevia em mensagem para D. Serafim, então bispo da diocese:

“A mensagem que naquela ocasião a Virgem Santíssima dirigiu então à humanidade continua a ressoar com toda a sua força profética, convidando a todos à constante oração, à conversão interior e a um generoso empenho de reparação dos próprios pecados e daqueles de todo o mundo”¹⁶⁸.

¹⁶² VOZ DA FÁTIMA, Ano LXIX, n.º 826, 13 de julho de 1991, p. 1.

¹⁶³ Recordando que estava em vigor a decisão de Pio XI de 1937, de que todas as causas de beatificação e canonização de crianças são suspensas, que considerando a sua pouca idade seriam pouco aptas para a prática heroica das virtudes. Esta questão é retomada em 1980 e depois de um aprofundado estudo por especialistas, a Congregação para a Causa dos Santos pronunciou-se favoravelmente ao qual o Santo Padre João Paulo II dá voto de aprovação.

¹⁶⁴ Cf. VOZ DA FÁTIMA, Ano LXVII, n.º 801, 13 de junho de 1989, p. 1. O texto original dos dois decretos encontra-se na *Acta Apostolicae Sedis*, 81 [1989], pp. 1170-1179.

¹⁶⁵ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 399.

¹⁶⁶ O texto original do decreto consta da *Acta Apostolicae Sedis*, 92 [2000], pp. 74-75.

¹⁶⁷ Cf. VOZ DA FÁTIMA, Ano LXXVIII, n.º 926, 13 de novembro de 1999, p. 1.

¹⁶⁸ VOZ DA FÁTIMA, Ano LXXVI, n.º 897, 13 de junho de 1997, p. 5.

Nesse mesmo ano e por altura do 80.º aniversário da aparição de outubro, João Paulo II, em nova mensagem ao bispo de Leira-Fátima, escreveu:

“Às portas do Terceiro Milénio, olhando os sinais dos tempos neste século XX, Fátima conta-se certamente entre os maiores... De entre estes a outros sinais dos tempos, como dizia, sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, Guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX”¹⁶⁹.

Sempre com um olhar agradecido para com a Virgem de Fátima, muitas foram as vezes que o Papa manifestou isso mesmo por palavras e gestos, como ficou patente na audiência geral, concedida a 13 de maio de 1998 em Roma. O Papa reconhecido, eleva o seu coração à Virgem de Fátima, renovando-lhe o seu *Totus Tuus, Maria*¹⁷⁰.

Na eminência da sua peregrinação ao Santuário de Fátima e já no ano 2000, a 19 de abril, o Papa João Paulo II escreveu à Irmã Lúcia comunicando-lhe da sua intenção de se encontrar com ela no dia 13 de maio desse ano em Fátima e informando-a de que D. Tarcisio Bertone, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, iria encontrar-se com ela no Carmelo de Coimbra afim de conversar acerca da terceira parte do segredo.

Nesta que foi a sua terceira peregrinação ao Santuário de Fátima, no ano Santo da Encarnação, o Papa decide vir ao Santuário de Fátima, embora isso não estivesse previsto no calendário inicial do ano jubilar. É nesta sua peregrinação que beatifica os dois pastorinhos de Fátima como referimos anteriormente. A Terra que lhes deu o berço, dava-lhes agora o altar¹⁷¹. É o altar do mundo a adornar-se com os seus santos. Em dois mil anos de história da Igreja, estas são as primeiras crianças não mártires a serem declaradas bem-aventuradas¹⁷². Modelos de fé a seguir, propostos como exemplos de vida evangélica.

Esta peregrinação teve ainda outros atos muito marcantes e significativos, como a oferta do anel *Totus Tuus* que o Papa fez no dia 12 a Nossa Senhora de Fátima. Junto com o anel fica uma mensagem escrita, que mais uma vez atesta a sua profunda gratidão para com Nossa Senhora de Fátima:

“Este anel, com a efígie de Nossa Senhora e as palavras «*Totus Tuus*», foi-me dado pelo Cardeal Stefan Wyszyński, nos primeiros dias do meu pontificado. Com muita alegria, ofereço-o a Nossa Senhora de Fátima em sinal da minha profunda gratidão pela proteção que me tem concedido”¹⁷³.

¹⁶⁹ VOZ DA FÁTIMA, Ano LXXVI, n.º 902, 13 de novembro de 1997, p. 5.

¹⁷⁰ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 464.

¹⁷¹ Cf. L'OSSERVATORE ROMANO, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p.6.

¹⁷² Na homilia do dia 13 de maio de 2000 João Paulo II apelida os pastorinhos de “duas candeias que Deus acendeu para alumiar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas”. VOZ DA FÁTIMA, Ano LXXVIII, n.º 933, 13 de junho de 2000, p. 5.

¹⁷³ VOZ DA FÁTIMA, Ano LXXVIII, n.º 933, 13 de junho de 2000, p. 4.

Outro ato importante que destacamos foi a revelação da terceira parte do segredo de Fátima. A divulgação das linhas gerais do segredo, no dia 13, a pedido do Papa e na sua presença, foi feita pela voz do Secretário de Estado, cardeal Angelo Sodano. A decisão de revelar o segredo foi tomada pelo próprio Papa, como refere o cardeal Tarcisio Bertone, como uma preocupação pastoral¹⁷⁴, por lhe parecerem “amadurecidos os tempos”¹⁷⁵, e para que não houvesse mais especulação em torno do segredo. João Paulo II voltaria a usar a expressão *sui generis* “amadurecidos os tempos” na audiência geral de 17 de maio. A revelação propriamente dita da terceira parte do segredo, ficou a cargo da Congregação para a Doutrina da Fé, a qual fez uma interpretação do segredo com um comentário teológico a cargo do Prefeito da Congregação, o então cardeal Joseph Ratzinger. A mesma Congregação tomou ainda a iniciativa de conversar com a Irmã Lúcia antes da revelação do segredo. Esta conversa ficou a cargo do Secretário da Congregação.

Oficialmente a divulgação do segredo foi feita em 26 de junho desse ano na sala de imprensa do Vaticano¹⁷⁶. Era a primeira vez que uma revelação privada era apresentada oficialmente pela mais alta instância doutrinal da Igreja.

Em nosso entender, quer a beatificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, quer a revelação da terceira parte do segredo, vieram permitir um grande incremento no conhecimento e vivência da mensagem de Fátima¹⁷⁷.

Depois da revelação da terceira parte do segredo é-nos mais fácil entender a relação do Papa João Paulo II com Nossa Senhora de Fátima, tida quase como relação umbilical. É-nos mais fácil entender como João Paulo II se reviu no homem vestido de branco na mensagem da Mãe Celeste.

5. De 2000 a 2005: o tríduo pascal de João Paulo II

No ano 2000, por ocasião do Jubileu dos Bispos, uma segunda vez a imagem original de Nossa Senhora de Fátima esteve presente no Vaticano. De 6 a 9 de outubro, a imagem presente no Vaticano foi “como um selo mariano no seio do Ano Jubilar”¹⁷⁸ da Encarnação.

O Papa que nesses dias rezou por longo tempo diante da imagem, em conjunto com todos os bispos presentes, num ato de confiança, consagrou o futuro a Nossa Senhora: “Hoje

¹⁷⁴ Cf. Tarcisio BERTONE, Giuseppe de CARLI, *A última vidente de Fátima*, A esfera dos Livros, Lisboa, 2007, p.75.

¹⁷⁵ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 12.

¹⁷⁶ Cf. *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 27 (1594), 1 de julho de 2000, pp. 6 a 12.

¹⁷⁷ Foi talvez um coroar de Fátima e uma unificação da mesma, para aquilo que muitos formularam de forma depreciativa como sendo Fátima I e Fátima II. Um todo e uma mesma mensagem que Nossa Senhora comunicou em 1917, mas que continuou a seu pedido por meio da Irmã Lúcia.

¹⁷⁸ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXVIII, n.º 938, 13 de novembro de 2000, p. 5.

queremos consagrar-Te o futuro que nos espera, pedindo-Te que nos acompanhes no nosso caminho”¹⁷⁹.

O Santo Padre, sempre tão grato para com Nossa Senhora de Fátima, volta a mostrar essa gratidão vinte anos depois do atentado. A 13 de maio de 2001 no *Regina Caeli*:

“invocamos agora a materna assistência de Maria Santíssima, no dia em que recordamos as suas aparições em Fátima. Eu próprio pude experimentar a sua proteção no dia 13 de maio de há vinte anos”¹⁸⁰.

Até à sua morte, várias são as efemérides que ligam o Papa João Paulo II a Fátima. Destacamos aqui a aprovação, no ano 2002, por João Paulo II da terceira edição típica do Missal Romano, onde a memória de Nossa Senhora de Fátima figura nas memórias *ad libitum* no calendário litúrgico da Igreja Universal. A memória de Nossa Senhora de Fátima passava assim a ser extensiva a todo o mundo¹⁸¹.

Em 12 de maio desse ano, numa deslocação ao Carmelo de Coimbra, D. Serafim com representantes do Santuário de Fátima acompanhados pelo cardeal Meisner, que nesse mês presidiu à peregrinação centenária, levaram junto da Irmã Lúcia uma batina que o Papa ofereceu ao Santuário, como sendo o símbolo mais representativo da visão da terceira parte do segredo. Visão esta, onde João Paulo II se revê como sendo o mártir vestido de branco. Meisner terá afirmado no Carmelo de Coimbra que “o Papa considera que o centro da sua vida se encontra na mensagem de Fátima”¹⁸².

Ao proclamar o ano do Rosário nesse ano de 2002, com a publicação da carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, refere-se expressamente a Fátima no seu número sete:

“Desejo lembrar, pela incisiva influência que conservam na vida dos cristãos e pelo reconhecimento recebido da Igreja, as aparições de Lourdes e de Fátima, cujos respetivos Santuários são meta de numerosos peregrinos, em busca de conforto e de esperança”¹⁸³.

Por toda a vida de João Paulo II e em especial pelos seus anos de pontificado, onde a devoção a Maria como caminho até Cristo foi primordial, é com naturalidade e autoridade que o Papa Bento XVI pode apelidar João Paulo II de “grande Apóstolo do Rosário”¹⁸⁴.

Outra das efemérides que destacamos prende-se com a comemoração do 25.º aniversário do pontificado de João Paulo II no ano 2003. Em março desse ano, o Vaticano cunhou uma

¹⁷⁹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 42 (1609), 14 de outubro de 2000, p. 1.

¹⁸⁰ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXII, n.º 20 (1640), 19 de maio de 2001, p. 1.

¹⁸¹ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 468. Cf. também *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXX, n.º 956, 13 de maio de 2002, p. 2. Os dois textos referidos diferem entre o dia 22 e 21 de março, respetivamente.

¹⁸² Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXX, n.º 957, 13 de junho de 2002, p. 6.

¹⁸³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html, acedido em 29 de julho de 2017.

¹⁸⁴ BENTO XVI, *Angelus* de 01 de outubro de 2006, https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_ang_20061001.html, acedido em 29 de julho de 2017.

medalha em ouro, na frente com o Papa em oração e no reverso Nossa Senhora de Fátima. Mais uma forma de fazer vincar que a vida de João Paulo II tem como manto protetor Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Em março de 2004, no Vaticano, o Papa entregou ao Santuário de Fátima, pela mão do seu reitor de então, a primeira pedra para a construção daquela que viria a ser a Basílica da Santíssima Trindade. Esta pedra consiste num fragmento marmóreo do túmulo do Apóstolo S. Pedro¹⁸⁵. A ligação entre Fátima e Roma, em especial o ministério petrino ganha assim uma nova forma visível. Destarte, torna-se como que uma confirmação da devoção e da ligação de Portugal às “três rosas brancas”, igualmente tão presente em Fátima: a Eucaristia, Nossa Senhora e o Papa.

No *Regina Caeli* de 9 de maio de 2004, e com o aproximar do dia 13 de maio, o Santo Padre exortava os fiéis a rezarem:

“Daqui a alguns dias, a 13 de maio, recordaremos a aparição da Virgem de Fátima e o seu apelo à conversão. Rezemos, caríssimos Irmãos e Irmãs, para que também os homens desta nossa época aceitem o premente convite daquela que vigia com amor sobre a Igreja e o mundo”¹⁸⁶.

Em 2005 seria o ano da morte da Irmã Lúcia, a 13 de fevereiro, acontecimento ao qual o Papa se associou em oração, enviando o cardeal Tarcisio Bertone para presidir às celebrações fúnebres. Em Portugal foi decretado luto nacional no dia 15, dia das suas exéquias. Pouco tempo depois, é a vez da páscoa de João Paulo II. O dia da sua morte e os dias seguintes, apelidados por alguns de “tríduo pascal” de João Paulo II, também eles deixam transparecer a ligação do Santo Padre com Fátima, numa leitura mais ou menos renitente ou crente. Era o dia 2 de abril, primeiro sábado do mês, que nos remete para a devoção aos primeiros sábados, indissociáveis da mensagem de Fátima. No dia 3 de abril, segundo domingo da Páscoa, celebrava-se o domingo da Misericórdia, assim definido por João Paulo II no final do seu pontificado. Misericórdia é também sem dúvida uma palavra associada à mensagem de Fátima¹⁸⁷. Ao terceiro dia, celebrava-se o aniversário da morte de Francisco Marto. Destarte, a morte de João Paulo II acontece no esplendor da misericórdia divina, sob o manto materno de Nossa Senhora

¹⁸⁵ Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXXII, n.º 979, 13 de abril de 2004, p. 1. A inscrição que ainda hoje pode ser vista na pedra debaixo do altar faz menção a isso mesmo: “*Portiuncula lapidis excepta a sepulcro sancti Petri Ap. Et benedicta a Summo Pontifice. Die IX martii A. D. MMIV*”.

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II, *Angelus* de 09 de maio de 2004, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf_jp-ii_reg_20040509_v-sunday-easter.html, acedido em 29 de julho de 2017.

¹⁸⁷ “Graça e Misericórdia” fazem parte de uma visão concedida à Irmã Lúcia em Tuy a 13 de junho de 1929. “Graça e Misericórdia é a síntese da mensagem de Fátima e da revelação do Deus compassivo que se inclina sobre todos os sofrimentos humanos”. Cf. António MARTO, “Fátima: Uma luz sobre a história do mundo”, in Vítor COUTINHO (coord.), *Mensagem de esperança para o mundo: acontecimento e significado de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2012, p. 25.

de Fátima e sob o olhar dos Pastorinhos, que o precederam na glória celeste e tanto intercederam pelo Santo Padre¹⁸⁸.

E o Papa despede-se pela última vez de Fátima. Ao ser remetido para o Santuário de Fátima, pelo padre Droszdek, o terço pelo qual João Paulo II rezou nos últimos dias e o lenço branco com as suas iniciais que usou na hora da sua morte, o Santo Padre juntava-se mais uma vez aos muitos peregrinos que de lenço branco em punho fazem o seu “Adeus” à Senhora de Fátima.

A concluirmos este capítulo resta-nos olhar para o dia 13 de maio de 2005 na Basílica de S. João de Latrão, dia escolhido pelo Papa Bento XVI para anunciar o início do processo de canonização de João Paulo II¹⁸⁹.

Ousamos referimo-nos a João Paulo II como um Papa desenhado pela mão materna de Nossa Senhora de Fátima.

¹⁸⁸ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, pp. 470 e 471.

¹⁸⁹ Em entrevista à Agência Ecclesia, o cardeal Saraiva Martins, então prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, referiu ser muito significativo este dia 13 de maio de 2005, pela ligação íntima e profunda que existia entre o Papa João Paulo II e Fátima. Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXXIII, n.º 993, 13 de junho de 2005, p. 1.

PARTE II
Pensamento e ação dos Papas

Capítulo V – Pio XII. “O [primeiro] Papa de Fátima”¹⁹⁰

1. No 8.º centenário da Nação portuguesa

O “Papa de Fátima”, apelidado assim por muitos que viram na sua ação como sendo o primeiro Papa que deu devida importância e destaque aos acontecimentos de Fátima, nomeadamente ao tentar dar cumprimento aos pedidos de Nossa Senhora, feitos aos videntes, e por se ter feito representar no Santuário de Fátima, não só através de representantes legados, mas também de viva voz por radiomensagem. Atentemos ao facto de que, nesta altura, não era prática do Papa sair do Vaticano. As formas mais importantes de o Santo Padre se fazer presente no mundo eram as radiomensagens e os Legados pontifícios e em especial os Legados *a latere*.

Sem esquecer a feliz coincidência da sua sagração episcopal¹⁹¹ com a primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima, a 13 de maio de 1917, tida para Pio XII como um sinal de Deus e de confiança para com a Mãe do Céu na proteção do seu ministério episcopal, sinal de benevolência divina e mariana¹⁹², tomamos como ponto de partida para esta nossa aproximação ao pensamento e ação de Pio XII no que toca a Fátima, a sua encíclica *Saeculo exeunte octavo*, publicada a 13 de junho de 1940¹⁹³.

Esta encíclica, com um forte carácter laudatório mencionando os feitos portugueses no que toca à missionação e expansão da fé em Cristo, exalta o sangue dos mártires portugueses como semente de cristãos, sem deixar de aludir às sombras que escureceram os dias de Portugal. Mas com o objetivo de manter sempre vigoroso o antigo espírito missionário português, para que o ardor missionário continue em Portugal e nas colónias ultramarinas, o Santo Padre pede que se reze o Rosário com essa intenção:

“Todos os sacerdotes consagrem parte de suas orações a esta santa e altíssima intenção. Façam-no particularmente as ordens contemplativas e os fiéis, ao recitarem o rosário, tão recomendado pela bem-aventurada virgem Maria de Fátima, não transcurem de elevar uma invocação à Mãe de Deus em favor das vocações missionárias”¹⁹⁴.

Também na bênção final invoca Nossa Senhora do Rosário de Fátima, como intercessora que “assistirá com o seu potente patrocínio”¹⁹⁵ para que haja santos anunciadores do Evangelho. A centralidade do Evangelho e de Jesus Cristo é manifestamente notória.

¹⁹⁰ É o próprio Papa que confirma ser o Papa de Fátima. Referência feita no ponto 4 deste capítulo.

¹⁹¹ “Secretos desígnios da providência” como Pio XII lhe viria a fazer menção.

¹⁹² Luciano GUERRA, “Pio XII e Fátima”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 410.

¹⁹³ Encíclica dirigida a Portugal pela comemoração dos 800 anos da constituição de Portugal como Reino e dos 300 anos da sua restauração.

¹⁹⁴ PIO XII, Encíclica *Saeculo exeunte octavo*, Ponto 17, https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_13061940_saeculo-exeunte-octavo.html, acedido em 01 de agosto de 2017.

¹⁹⁵ Ponto 49 da Encíclica *Saeculo Exeunte Octavo*.

Nesta altura vivia-se já em plena II Guerra Mundial. Também neste ano, o Santo Padre recebe uma carta da Irmã Lúcia que, para além de lhe revelar algumas partes do segredo de Fátima, também lhe apresenta como condição necessária e urgente para a paz a realização do apelo feito por Nossa Senhora: a devoção dos cinco primeiros sábados e principalmente a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria. Mas, num tempo conturbado como é o de uma Guerra Mundial, a atuação do Papa teria de ser de muita prudência e discrição para não agudizar mais o clima de tensão e opressão que se vivia em relação à Igreja. E isso é facilmente perceptível num Papa tão diplomata como era Pio XII na sua atuação silenciosa perante o mal.

Se anteriormente escutávamos o Papa a exortar, na sua encíclica, à oferta da vida dos portugueses diante Deus pelos demais, agora temos a ousadia de uma Irmã Doroteia a exortar o Papa a oferecer desta forma também a vida neste gesto concreto pelos demais, por meio da consagração da Rússia e do mundo. Afigura-se, no entanto, um longo caminho pela frente no que diz respeito à consagração do mundo e da Rússia.

Fazemos aqui referência ao telegrama do Sumo Pontífice enviado ao bispo de Leiria, por ocasião do 25.º aniversário das aparições em Fátima, a 13 de maio de 1942, destacando a forma como o Santo Padre o fez, como sendo o “25 aniversário culto Santíssima Virgem Fátima”¹⁹⁶. Segundo a opinião de Luciano Guerra¹⁹⁷, verifica-se que falar de aparições de Nossa Senhora em Fátima para o Santo Padre ainda não era feito de forma aberta e convicta, preferindo este falar de culto à Santíssima Virgem de Fátima. Ainda que falando de culto, aceita implicitamente as aparições e nesse sentido, reconhece tacitamente como verdadeiras as aparições na Cova da Iria, mesmo que usando de alguma prudência.

2. A radiomensagem de 1942 e a consagração do mundo

Se até aqui a ação de Pio XII em relação a Fátima foi um tanto ou quanto indireta, analisamos agora aquela que foi a primeira mensagem, em 1942, do Santo Padre como resposta ao apelo de Nossa Senhora de Fátima.

Recordemos ainda que, já em junho de 1938, o Episcopado português se tinha dirigido ao Pontífice antecessor, Papa Pio XI, afim de pedir que “logo que Vossa Santidade o julgar oportuno”¹⁹⁸ consagrasse também ele todo o mundo ao Coração Imaculado de Maria. O Episcopado português já havia feito a consagração solene do país em 1931 e 1936.

¹⁹⁶ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XX, n.º 237, 13 de junho de 1942, p. 1.

¹⁹⁷ Luciano GUERRA, “Pio XII e Fátima”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 412.

¹⁹⁸ António Maria MARTINS, *Novos documentos de Fátima*, Livraria Apostolado da Imprensa., Porto, 1984, p. 230.

Já no pontificado de Pio XII, em outubro de 1940, a Irmã Lúcia escreve diretamente ao Papa, pedindo-lhe a consagração do mundo com menção especial da Rússia ao Imaculado Coração de Maria e dando-lhe como exemplo a seguir, pelas outras nações, essa mesma consagração de Portugal feita pelo Episcopado e que haveria de dar os seus frutos de paz e prosperidade para a nação portuguesa e servir de prova a todo o mundo de que o Imaculado Coração de Maria é caminho e refúgio que conduz a Deus.

Segundo Adélio Torres Neiva, “a menção oficial da Rússia, criava um problema”¹⁹⁹ diplomático e teológico, pelo facto da Rússia se declarar um Estado oficialmente ateu. Era um facto que, a nível diplomático, seria um problema para que não se agravassem as tensões existentes com a Igreja católica. Mas, não entendemos que seja um problema teológico, pois querer consagrar a Rússia ao Coração Imaculado de Maria é tornar sagrado a nação Rússia que em última instância é “dar a Deus”, confiar a Deus porque só Ele pode tornar sagrado. O Coração Imaculado de Maria como caminho até Deus. Qual é o Pai que não quer o bem dos seus filhos? Mesmo a Rússia sendo considerada um regime ateu, tem a sua origem em Deus, apesar de afastada de Deus. Então a consagração afigura-se aqui como uma obra de misericórdia: corrigir os que erram. Há que semear para mais tarde dar frutos. Ter o desejo de “tornar sagrado” aquilo que ainda não o é, parece-nos não ser um problema teológico, mas pelo contrário uma necessidade teológica. Um Deus que vem ao encontro do homem perdido e errante. E por fim se somos um só corpo, a consagração da Rússia haveria de trazer benefícios para todo o mundo²⁰⁰. A consagração é a esperança em ato a ganhar corporeidade. A consagração como esperança, fala-nos de Deus por meio de Maria. Se por esta via não vemos a consagração como problema teológico, ela pode, no entanto, ser matizada pela questão da Rússia como país tradicionalmente ortodoxo e aí o problema teológico pode surgir. Há diferentes entendimentos naquilo que diz respeito ao papel de Maria na vida da Igreja, no que toca à tradição católica e à tradição ortodoxa. Poderia, assim, ser questionada a autoridade do Papa para consagrar de forma especial a Rússia ortodoxa a uma “Senhora estrangeira e católica”.

A tão desejada consagração acontece no encerramento do ano jubilar de Fátima, 25.º aniversário das aparições de Nossa Senhora. Destarte, em 31 de outubro de 1942, reunido o Episcopado português de Portugal continental na Sé de Lisboa, o Papa fazendo-se ouvir em

¹⁹⁹ Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições – Congresso Internacional de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 685.

²⁰⁰ Cf. Sarah Jane BOSS, “A consagração mariana na Igreja contemporânea”, in José CARVALHO (coord.), *A consagração como dedicação na mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2014, p. 327.

português numa mensagem de trinta e cinco minutos dirigida ao povo português, termina com a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

Nesta mensagem o Santo Padre reconhece o quanto a nação portuguesa tem sido agraciada com a proteção de Nossa Senhora, reconhecendo os “imensos benefícios ultimamente recebidos” e “defendendo-a da grande tribulação que atormenta o mundo”²⁰¹. Reconhecendo e agradecendo todas “as graças daquela por cujas mãos a munificência divina vos comunica torrentes de graça”. Portugal é exemplo das graças recebidas do Céu. Seria o tempo da colheita dos frutos da sementeira da consagração de Portugal. O Papa põe no seu próprio texto aquilo que a Irmã Lúcia lhe tinha comunicado por escrito, como referimos anteriormente. Na referência às tribulações passadas por Portugal está sem dúvida o difícil parto da Concordata entre Portugal e a Santa Sé e o afastamento do país da II Guerra Mundial. Em muito terá contribuído Fátima para preparar “o ambiente histórico que tornou possível a assinatura da Concordata”²⁰². O Episcopado confiou as Igrejas de Portugal ao Sagrado Coração de Jesus, fazendo o voto da “construção de um monumento em honra da realeza do Vosso Divino Coração”. E seria pela intercessão do Coração Imaculado de Maria que o Coração de Jesus “concedeu a Paz e a Concordata”²⁰³. Menos de 48 horas depois de feito o voto, era comunicado ainda em Fátima ao Episcopado que estavam resolvidas todas as dificuldades para a assinatura da Concordata, escreveu o cardeal Cerejeira na sua Exortação Pastoral comemorativa do décimo aniversário da inauguração do monumento a Cristo-Rei.

Focando-nos novamente na mensagem, o Papa realça duas devoções tão portuguesas como a devoção a Nossa Senhora e ao Santo Padre, inseridas numa terceira devoção - a Eucaristia - e que fazem parte das entranhas históricas de Portugal. Vejamos:

“quisestes associar , nas mesmas solenidades eucarísticas impetratórias do Jubileu de Nossa Senhora de Fátima e do 25º aniversário da Nossa consagração episcopal, a Virgem Santa Maria e o Vigário de Cristo na terra, duas devoções profundamente portuguesas e sempre unidas no afecto de Portugal Fidelíssimo desde os primeiros alvares da nacionalidade, desde quando as primeiras terras conquistadas, núcleo da futura Nação, foram consagradas à Mãe de Deus como terra de Santa Maria e o Reino, apenas constituído, foi pôsto sob a égide de S. Pedro”²⁰⁴.

Pio XII relembra igualmente que já o seu predecessor, em 1934, na sua Carta Apostólica *Ex Officios Litteris*, reconhecia os benefícios recebidos por Portugal, mesmo antes do voto do

²⁰¹ VOZ DA FÁTIMA, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 1.

²⁰² VOZ DA FÁTIMA, Ano XLVIII, n.º 581, 13 de fevereiro de 1971, p. 1. Em meados de abril de 1940 estando reunido o Episcopado em Fátima foi-lhe “comunicado que pareciam perdidas as esperanças de se obter a desejada Convenção entre a Santa Sé e o Governo português”.

²⁰³ “apresentamos esta súplica e este voto por intermédio do Coração de Maria, Vossa Mãe e nossa Mãe”. VOZ DA FÁTIMA, Ano XLVIII, n.º 581, 13 de fevereiro de 1971, p. 1.

²⁰⁴ VOZ DA FÁTIMA, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 1.

Episcopado português de 1936 de voltar à Capelinha se Portugal ficasse livre da invasão comunista, o que veio a acontecer no dia 13 de maio de 1938.

Na mesma mensagem o Santo Padre relembra também a grande romagem da imagem original de Nossa Senhora de Fátima até Lisboa²⁰⁵, considerada talvez a maior manifestação de fé nos 800 anos de história da nação portuguesa. E dizer isto não é pouco, é reconhecer que a devoção a Nossa Senhora de Fátima movia já multidões. É a manifestação da necessidade que o povo tem da proteção maternal, de se sentir protegido em especial nas “horas de trevas” em que o mundo estava mergulhado, ou seja a violência da II Guerra Mundial, a afirmação dos totalitarismos na Europa e a perseguição ao povo judeu, já então dramaticamente vivida e reconhecida, mesmo que não se conhecessem ainda os contornos mais negros da chamada “solução final” nazi, que esteve na base do Holocausto.

Pio XII faz ainda referência à coroa preciosa oferecida pelas mulheres portuguesas a 13 de maio de 1940, destacando aí não só o ouro e as pedras preciosas da qual ela é feita e que sem dúvida simbolizam a gratidão para com a Mãe do Céu, mas que é feita principalmente de “puríssimo amor e generosos sacrifícios”²⁰⁶. Os sacrifícios pedidos pela Senhora de Fátima aos pastorinhos são ali também simbolizados.

Por fim, e antes de olharmos para a consagração propriamente dita, o Papa faz referência explícita ao modo como a salvação é possível. Oração e penitência, eis o caminho para a salvação.

Atentando à fórmula de consagração, verificamos que ela é, antes de mais, um grande hino à paz e por isso também um veemente apelo à mesma, tão necessária para tantas nações dilaceradas e para o mundo em geral. Ao consagrar não só a Igreja, mas também “todo o género humano” ao Coração Imaculado de Maria, como antes ao Coração de Jesus, Pio XII está a afirmar aqui a unidade do género humano, uma só raça, um só corpo. Isto tem particular importância e significado contextual numa altura em que havia a exaltação de certas raças em detrimento de outras. Também ao fazer referência ao neo-paganismo, como um “dilúvio inundante”, faz-se referência indireta ao nazismo.

Nesta consagração ressalta o facto de a Rússia não ser mencionada diretamente, mas unicamente de forma velada:

“Aos povos pelo erro e pela discórdia separados, nomeadamente àqueles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse o vosso venerando

²⁰⁵ Esta foi a primeira das saídas de exceção da imagem original da Capelinha, chegando-se ao ponto de algumas fábricas pararem a sua laboração para que os trabalhadores pudessem assistir à sua passagem. Cf. Sónia VAZÃO, “Os dias de exceção: as viagens da Imagem de Nossa Senhora de Fátima”, in *Fátima XXI*, n.º 4, 13 de outubro 2015, Santuário de Fátima, Fátima, p. 64.

²⁰⁶ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 1.

ícone, hoje talvez escondido e reservado para melhores dias, dai-lhes a paz e reconduzi-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro Pastor”²⁰⁷.

Como sabemos, esta consagração não foi tida como a pretendida e comunicada por Nossa Senhora aos videntes de Fátima, como a própria Irmã Lúcia o fez depois saber, levando muitos a referir esta consagração como não sendo válida. No entanto, não se pode falar meramente em validade ou não validade da consagração, o que seria talvez reduzir muito à questão “técnica” ou “legalista” ao serviço de um projeto político anticomunista. Apesar desta consagração não ter sido feita com a menção explícita da Rússia e em comunhão com todos os bispos do mundo, não quer dizer que, do ponto de vista religioso, ela seja inválida. A validade da consagração estará sempre ligada à intenção daquele que a propõe e a realiza. Até porque quem realiza de facto a consagração é o próprio Deus. A intenção de Pio XII, “como Pai comum da grande família cristã, como Vigário Daquela a quem foi dado todo o poder no Céu e na Terra e de quem recebemos a solícitude de quantas almas remidas com o seu sangue povoam o mundo universo”²⁰⁸ seria, verdadeiramente, o de ver no caminho da santidade todos os filhos de Deus. Ela tem a validade que lhe advém por via da sinceridade e verdade e pela sua manifestação pública. Sem dúvida que este ato de consagração nos mostra o Papa Pio XII em ato, a tentar responder ao apelo de Fátima que a cristandade fazia seu, mas também nos mostra o homem diplomata que conhece o mundo em que vive e, por isso, conhece a necessidade de uma atitude prudente em face das circunstâncias concretas em que procura pôr em prática o Evangelho: “Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10, 16).

Se atendermos ao facto de que esta consagração foi feita em português e diretamente pronunciada para Portugal, podemos ver naquela que foi a sua renovação desta vez em Roma, ainda não volvidos dois meses, como que a pretensão do Santo Padre em dar à consagração um carácter eclesial mais universal. Esta acontece no dia 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria²⁰⁹.

A consagração, ganha mais visibilidade no apelo que faz, por meio da Encíclica *Auspicia quaedam*, a cada família, a cada paróquia, a cada diocese para que se consagre ao Imaculado Coração de Maria²¹⁰. Todo este empenho que Pio XII punha na consagração, segundo as suas próprias palavras, visava a paz no mundo:

²⁰⁷ VOZ DA FÁTIMA, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 3.

²⁰⁸ VOZ DA FÁTIMA, Ano XXI, n.º 242, 13 de novembro de 1942, p. 3.

²⁰⁹ Cf. Jean-François de LOUVENCOURT, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012, p. 440.

²¹⁰ A Encíclica *Auspicia quaedam* é datada de 1 maio de 1948.

“Queremos ver assegurado o compromisso pela conversão dos pecadores, pela perseverança e pelo progresso dos fiéis, pelo estabelecimento de uma paz verdadeira entre todas as nações e com Deus”²¹¹.

3. A radiomensagem da “realeza” de Maria²¹² e sua coroação

Decorria o ano de 1946, a II Guerra Mundial tinha terminado. É tempo do povo português agradecer à Virgem Mãe não ter participado diretamente na guerra e com isto vem o cumprimento da promessa. É chegado o tempo de dar graças e coroar Rainha Nossa Senhora de Fátima. O Santo Padre tornou-se presente em Fátima com a sua voz a ecoar em todo o Santuário por radiomensagem. “O doce Cristo na terra”²¹³, do qual se escuta a sua voz, faz-se presente igualmente por meio do seu Legado pontifício, o cardeal Bento Aloisio Masella, nomeado para o efeito.

Nesta mensagem da coroação de Nossa Senhora de Fátima e fazendo referência à “funesta guerra” que assolou o mundo e que deixava ainda as suas sombras, o Papa exalta desde logo a ação que Nossa Senhora tem na história da humanidade, permitindo conduzir com o seu amor materno o rumo da história, como medianeira e dispensadora das graças e tesouros de Jesus Cristo, atribuindo-lhe também os títulos de Rainha, Advogada, Mãe de misericórdia, Virgem fidelíssima. Uma mãe que acompanharia, de modo especial, a Nação Portuguesa desde há oito séculos a esta parte: “Oito séculos de benefícios!”

Uma mãe que escuta as súplicas dos seus filhos e que agora vê de forma tão visível e concreta o seu agradecimento, o seu amor ardente e reconhecido. Uma “multidão tão imensa que ninguém a pode contar”²¹⁴. Uma nação inteira a dar expressão sensível, simbolizando esse amor e gratidão numa coroa preciosa a encimar não só a imagem da Senhora, mas a própria Senhora de Fátima que reina no coração de cada português.

Qualificando também a imagem da Senhora de Fátima de Taumaturga, Pio XII refere-se ainda à Cova da Iria como “fonte manancial de graças soberanas, de prodígios físicos e muito mais de milagres morais... oásis bendito, impregnado de sobrenatural”. Um local sagrado onde se pode sentir bem de perto o pulsar do Coração Imaculado de Maria, que pulsa ternura e solicitude materna. Começa a ser então cada vez mais marcado e vincado na boca do Pontífice Romano a realidade dos milagres físicos e morais que dão sustento ao culto, como manifestações extraordinárias do amor de Maria para com quem Nela se refugia.

²¹¹ Excerto de uma carta de Pio XII dirigida ao Padre G. Ranson a 2 de julho de 1948. Joseph JOST, “Fátima e a consagração ao Coração Imaculado de Maria”, in *A consagração como dedicação na mensagem de Fátima*, (Coord. José CARVALHO), Santuário de Fátima, Fátima, 2014, p. 217.

²¹² Expressão usada por Pio XII na sua encíclica *Ad caeli reginam* de 1954 ao referir-se à radiomensagem de 1946 por altura da coroação de Nossa Senhora de Fátima.

²¹³ Expressão atribuída a Santa Catarina de Sena.

²¹⁴ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXV, n.º 285, 13 de junho de 1946, p. 1.

Esta mensagem, que é um grande hino de louvor à Mãe de Deus, deixa bem claro aquilo que é o entendimento católico acerca do lugar de Maria na Igreja. Não sendo Deus, nem se comparando a Deus, mas sendo “sublimada até ao trono da Trindade beatíssima” vive à direita de Deus, coroada Rainha do Universo, “porque Mãe do Rei divino”, porque primeira entre todos os santos,

“Porque mais cheia de graça, mais santa, mais formosa, mais endeusada, incomparavelmente mais, que os maiores Santos e os Anjos... Jesus é Rei dos séculos eternamente por natureza e por conquista; por Ele, com Ele, subordinadamente a Ele, Maria é Rainha por graça, por parentesco divino, por conquista, por singular eleição. E o seu reino é vasto como o de seu Filho e Deus, pois que de seu domínio nada se exclui”²¹⁵.

Nesta radiomensagem é bem explícita a centralidade de Jesus como Rei, e só por isso Maria é Rainha. Nossa Senhora será sempre caminho que leva até Deus. É a própria expressão da Senhora de Fátima que transmite esse alento e confiança a Lúcia: “o meu Imaculado Coração será o teu refúgio o caminho que te conduzirá a Deus”. É outra forma de dizer o “esperança nossa” da Salvé Rainha.

Uma realeza que é essencialmente materna. Um coração materno que mima e protege os seus filhos. E, é neste particular que o Papa reconhece e deixa bem manifesto que Portugal foi poupado pela II Guerra Mundial devido à proteção de Maria:

“A mais tremenda guerra que... por quatro longos anos andou rondando as vossas fronteiras, mas não as ultrapassou graças sobretudo a Nossa Senhora que deste seu trono de misericórdia... velava por vós e por vossos governantes, nem permitiu que a guerra vos tocasse”²¹⁶.

E por isso o apelo do Papa que pede não só para que Nossa Senhora seja coroada como Rainha de Portugal, mas Rainha da paz e do mundo. Rainha que percorre o mundo na boca e no coração dos que rezam. Rainha que percorre o mundo representada na Senhora da Azinheira que percorre a terra inteira. Um apelo veemente para que a terra inteira encontre de novo os caminhos de Deus pela mão de Maria. “Vós coroai-la Rainha da paz e do mundo, para que o ajude a encontrar a paz e a ressurgir das suas ruínas”. Este é um apelo do Papa a Portugal, um apelo para que deste trono de misericórdia a oração de intercessão seja garantia da conversão do mundo. Este pequeno país à beira mar plantado, a *ocidental praia lusitana*, tem a missão de rezar pelo mundo. Vemos aqui mais uma expressão daquilo que são os alicerces para a construção de Fátima como altar do mundo, onde de todos os países do mundo se vem para rezar e onde se reza pelo mundo.

Na Cova da Iria coroa-se, pois, Nossa Senhora Rainha do mundo. O próprio Papa que refere este facto na sua mensagem como anteriormente referido, fá-lo também em particular ao séquito

²¹⁵ VOZ DA FÁTIMA, Ano XXV, n.º 285, 13 de junho de 1946, p. 1.

²¹⁶ VOZ DA FÁTIMA, Ano XXV, n.º 285, 13 de junho de 1946, p. 2.

encabeçado pelo cardeal legado Aloísio Masella, referindo-lhe a nobilíssima missão que desempenhariam ao coroar Nossa Senhora *Regina Mundi*²¹⁷. Cova da Iria apresenta-se assim como uma janela de esperança que se abre para todo o mundo.

Querer ter Maria como Rainha é assinar um atestado de fé na sua realeza, o de uma submissão leal à sua autoridade, de uma correspondência filial ao seu amor. Coroar Aquela que se invoca como Nossa Senhora é ter esperança na sua proteção. E por isso o povo reza, o povo canta, o povo trabalha para a dilatação do seu reino, que não é outro reino se não o Reino de Deus. E a fé rezada, que se vive nesta montanha santa, move montanhas, aplaina caminhos, encurta distâncias.

Na ânsia de querer dar cumprimento à promessa de Nossa Senhora para que aconteça o triunfo do Seu Imaculado Coração e que o mundo tenha paz, o Santo Padre manifesta esse desejo e essa esperança “de que os Nossos votos sejam favoravelmente acolhidos pelo Coração Imaculado de Maria e apressem a hora do seu triunfo e do triunfo do Reino de Deus”²¹⁸.

4. Encerramento do Ano Santo em Fátima

É, sem dúvida alguma, mais uma demonstração visível da ligação do Santo Padre a Fátima a sua decisão de encerrar o Ano Santo de 1950 para o estrangeiro naquele Santuário mariano. Manifestação de estima, benevolência e importância que o Papa dá a Fátima. Esta decisão exteriorizava por si a pertinência que a mensagem de Fátima tinha para o mundo. Fátima era definitivamente reconhecida como “altar do mundo”.

Como fizemos referência na primeira parte deste trabalho, neste ano do Jubileu do grande retorno e do grande perdão de todos os homens, mesmo os mais afastados da fé cristã, incluía uma mensagem de paz, penitência e oração, propostas que impregnam a mensagem de Fátima. É o próprio Papa que diz ter tido presente a mensagem de Fátima na escolha e preparação do ano Santo. Foi igualmente durante este ano jubilar que o Papa Pio XII proclamou o Dogma da Assunção²¹⁹. Refiram-se ainda as visões do Santo Padre nos jardins do Vaticano do “milagre do sol” em 1950²²⁰, à semelhança do observado em Fátima a 13 de outubro de 1917, e às quais Pio XII atribuiu significado, como sendo uma confirmação da proclamação do Dogma.

²¹⁷ Cf. Luciano GUERRA, “Pio XII e Fátima”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 413 e 414.

²¹⁸ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXV, n.º 285, 13 de junho de 1946, p. 2.

²¹⁹ Dogma definido por meio da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* a 1 de novembro de 1950. Constituição que ao definir o Dogma da Assunção em Corpo e Alma de Nossa Senhora a exalta mais uma vez como Rainha como podemos ver no ponto 40 desta Constituição: “por fim preservada da corrupção do sepulcro e, tendo vencido a morte como seu Filho, foi elevada em corpo e alma à glória do Céu, onde resplandece como Rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos”.

²²⁰ Por quatro vezes, 30 e 31 de outubro 1 e 8 novembro em 1950, o Santo Padre diz ter visto nos jardins do Vaticano o milagre do sol. Este acontecimento veio a público pela voz do cardeal Tedeschini como legado do Papa em Fátima por ocasião do encerramento do Ano Santo.

Na própria Constituição Apostólica relativa ao Ano Santo, podemos ver, no seu ponto 2, um reflexo do que de importância, graça e maravilha Fátima teve para, e no pontificado de Pio XII, como incremento de manifestação e devoção mariana no mundo. Um pontificado num tempo difícil, mas maternalmente acolhido:

“O nosso pontificado, assim como os tempos atuais, tem sido assediado por inúmeros cuidados, preocupações e angústias, devido às grandes calamidades e por muitos que andam afastados da verdade e da virtude. Mas é para nós de grande conforto ver como, à medida que a fé católica se manifesta publicamente cada vez mais ativa, aumenta também cada dia o amor e a devoção para com a Mãe de Deus, e quase por toda parte isso é estímulo e auspício de uma vida melhor e mais santa. E assim sucede que, por um lado, a santíssima Virgem desempenha amorosamente a sua missão de mãe para com os que foram remidos pelo sangue de Cristo, e por outro, as inteligências e os corações dos filhos são estimulados a uma mais profunda e diligente contemplação dos seus privilégios”²²¹.

Ao longo destes anos o Pio XII concretizou várias iniciativas, umas mais discretas outras mais visíveis, que tiveram Nossa Senhora de Fátima como referência, como é a coroação de Nossa Senhora em 1946, ou até a inauguração da Capela dedicada a Nossa Senhora de Fátima na Basílica de Santo Eugénio em Roma, a 2 de junho de 1951. Dois dias depois, a 4 de junho, numa audiência concedida a peregrinos portugueses é o próprio Papa que afirma ser o Papa de Fátima. Respondendo ao entusiasmo de um peregrino que exclama: “Viva o Papa de Fátima!”, o Santo Padre responde: “Sou eu!” Será o próprio cardeal Tedeschini que vindo a Fátima dirá que o Papa tem o seu olhar sempre fixo em Fátima. Isto pode contribuir para explicar o facto de por duas vezes no espaço de quarenta dias, Pio XII ter realizado a consagração do género humano ao Imaculado Coração de Maria²²².

Em pleno Ano Jubilar, em finais de outubro de 1950, acontece em Roma o Congresso Internacional Mariano, onde Fátima é objeto de debate e estudo na secção portuguesa. Vários foram então os temas apresentados no que se refere a Fátima, de que destacamos aquele que foi apresentado pelo cónego José Galamba de Oliveira, condensando a tese de que as aparições e revelações de Fátima só podiam ser sobrenaturais pelos efeitos morais que daí resultaram. Fátima é eco vibrante do que no Evangelho se ensina, referia o padre italiano A. M. Lanz. Já o padre Limpens fala do carácter universal de Fátima, vendo os factos de Fátima como um apelo da Mãe do Céu aos seus filhos²²³. Fátima é levada aos altifalantes do mundo, para que se veja a sua mensagem, para que se ouça a sua mensagem, mas principalmente para que se viva a sua mensagem.

²²¹ PIO XII, Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html, acedida em 01 de maio de 2017.

²²² Cf. Januário dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, p. 56.

²²³ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXVIII, n.º 339, 13 de dezembro de 1950, p. 2.

Focamo-nos agora na mensagem de encerramento do Jubileu que o Santo Padre proferiu a 13 de outubro de 1951, precedido de um Congresso com projeção mundial subordinado ao tema geral: A mensagem de Fátima e a paz²²⁴.

Para o encerramento é então nomeado Legado *a latere*, a mais alta e distinta representação em nome do Papa, o cardeal Frederico Tedeschini. O mesmo cardeal fez notar que o maior objetivo do binómio Pio XII – Fátima é “afastar a guerra e assegurar a paz”. Pio XII reverse, em muito, naquilo que Fátima tem a dizer ao mundo. Os caminhos pelos quais o Papa quer conduzir a Igreja são os caminhos da Paz. Algo que está em consonância com o seu lema: *Opus justitiae pax* (a paz é obra da justiça). O lema que não é só uma bonita frase, mas é considerado como um programa e princípio de ação²²⁵.

O Santo Padre reconhece mais uma vez o manancial de graças que de Fátima saem. É a universalidade das graças de Fátima e que se tornaria ainda mais consistente com todas as peregrinações que se iniciaram com a imagem da Virgem Peregrina. O Papa faz menção à coroação de Nossa Senhora de Fátima como Rainha do mundo que percorre o planeta, através da Virgem Peregrina, e que reúne junto a si tantos filhos, mesmo os mais dispersos:

“Sob o materno olhar da Celeste Peregrina não há antagonismos de nacionalidades ou estirpes que dividam, não há diversidade de fronteiras que separem, não há contraste de interesses que desavenham; todos por momentos se sentem felizes de se verem irmãos”²²⁶.

Com todas estas graças, afirmava o Papa que era a própria *Regina Mundi* a indicar que tomava sob a sua proteção este Ano Santo. A Virgem Peregrina que percorre o mundo “indicamos o seguro caminho da paz”, mostrando e prolongando aquilo que se indicava como um dos fins principais do Ano Santo, a Paz. Nossa Senhora de Fátima como portadora das bênçãos do Ano Santo.

Pio XII deixava o desafio a todos aqueles que estavam no Santuário de Fátima a tornarem-se “apóstolos do Deus da paz”. O desejo de paz é o desejo veemente do Papa. Invocando incessantemente a Rainha do mundo e da paz, pede-Lhe “que se digne apressar a hora em que de um extremo ao outro do mundo se realize o hino angélico: “Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade”²²⁷. Sempre e uma vez mais a centralidade de Deus e o Imaculado Coração de Maria como caminho até Deus.

Resta-nos a constatação de que Pio XII não poupou palavras e atos para sublinhar a importância de Fátima e da sua mensagem para o futuro do mundo. Se a vida de Pio XII se foi

²²⁴ As teses centrais deste congresso eram: A mensagem de Fátima e a paz no trabalho, A mensagem de Fátima e a paz na família, A mensagem de Fátima e a paz no mundo.

²²⁵ Gaston CASTELLA, *Historia de los Papas*, Vol. 3, Victorio DOMÍNGUEZ (trad.), Espasa-Calpe, Madrid, 1970, p. 186.

²²⁶ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXIX, n.º 350, 13 de novembro de 1951, p. 1.

²²⁷ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XXIX, n.º 350, 13 de novembro de 1951, p. 2.

entrevendo e entrecruzando com Fátima, como são exemplo disso o dia da sua ordenação episcopal e as visões do milagre do sol, também podemos ver no dia da sua morte uma candeia de sol a iluminar a sua vida, pela coincidência do dia da sua morte com o de Francisco Marto, 4 de abril.

Capítulo VI – Paulo VI. O Papa peregrino de Fátima

1. A Rosa de Ouro – “testemunho do amor”

Recordamos que a Igreja católica estava em pleno Concílio Vaticano II que, como referimos anteriormente, havia sido inaugurado por João XXIII a 11 de outubro de 1962. Naquele que foi o encerramento da III Sessão do Concílio, a 21 de novembro de 1964, o Papa Paulo VI proclamou Nossa Senhora como Mãe da Igreja²²⁸, pedindo-lhe a união de toda a Igreja, de “todos os discípulos de Cristo”. Fez igualmente recordar que o Concílio Ecuménico vinha a ocupar-se com amoroso cuidado pelo mundo e o seu agir. “A Igreja é para o mundo. A Igreja outro poder terreno não ambiciona para si senão aquele que a habilita a servir e a amar”²²⁹. O que de resto já era esta que vinha sendo a intenção de Paulo VI naquilo que pretendia ser a relação da Igreja com o mundo, conforme exprimira em 29 de setembro de 1963 na abertura da II sessão do Concílio Vaticano II:

“Que o mundo saiba: a Igreja olha para ele com profunda compreensão, com sincera admiração e com sincero propósito não de o conquistar, mas de o servir; não de o desprezar, mas de o valorizar; não de o condenar, mas de o confortar e salvar”²³⁰.

Acontecia também desta forma o *aggiornamento* da Igreja. Desenhava-se uma Igreja aberta ao mundo, que o escuta nos seus anseios e preocupações, mas também nas suas alegrias e esperanças, que vai ao seu encontro e que está ao seu serviço. As preocupações dos homens e as suas alegrias são também as da Igreja²³¹. Paulo VI recordava e valorizava ainda, que o mundo fora consagrado por Pio XII ao Coração Imaculado da Virgem Maria. Podemos ver nesta ação de Paulo VI uma resposta à petição de cerca de 600 padres conciliares a pedir a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Também os trabalhos do Concílio Ecuménico tinham sido confiados à proteção de Maria por João XXIII²³². O convite feito por João XXIII ao iniciar o Concílio foi o de entrar na aula conciliar “*cum Maria, Matre Jesu*”. Por tudo isto pareceu a Paulo VI “razoável comemorar hoje de maneira singular tal ato santíssimo de religião”²³³,

²²⁸ Com ousadia o Papa proclama Nossa Senhora como Mãe da Igreja, o que no decorrer das sessões conciliares não tinha sido consensual.

²²⁹ Excerto do discurso de Paulo VI na clausura da III sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II. PAULO VI, Discurso no encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html, acedido em 15 de agosto de 2017.

²³⁰ PAULO VI, Discurso de abertura da II sessão do Concílio Vaticano II, http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html, acedido em 15 de agosto de 2017.

²³¹ Como é bem expressivo disto mesmo o número 1 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

²³² Acta Apostólica Sedis 53 (1961), <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-53-1961-ocr.pdf>, acedido em 15 de agosto de 2017.

²³³ Optamos por inserir aqui este trecho da versão do opúsculo “A Rosa de Ouro”, publicado pela diocese de Leiria Fátima, da autoria de Joaquim Carreira, ainda que seja um tanto ou quanto diferente da versão portuguesa

tornando público a concessão de uma Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima e, por meio de uma oração em jeito de consagração do mundo, confiou todo o género humano ao Imaculado Coração de Maria, Mãe da Igreja e da humanidade:

“Para este fim, resolvemos enviar proximamente, por meio de uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, tão caro não só ao povo da nobre nação portuguesa — sempre, porém hoje particularmente, a nós caro — como também conhecido e venerado pelos fiéis de todo o mundo católico. Destarte, também Nós pretendemos confiar aos cuidados da celeste Mãe a inteira família humana, com os seus problemas e as suas ânsias, com as suas legítimas aspirações e as suas ardentes esperanças... Ao teu Coração Imaculado, ó Maria, recomendamos finalmente o género humano inteiro; leva-o ao conhecimento do único e verdadeiro Salvador, Jesus Cristo; afasta dele os flagelos provocados pelo pecado, dá ao mundo inteiro a paz na verdade, na justiça, na liberdade e no amor”²³⁴.

Detenhamo-nos agora um pouco naquilo que significa propriamente a entrega da Rosa de Ouro. Esta é uma distinção concedida pelo Papa a santuários, igrejas, cidades ou pessoas que manifestaram a sua fidelidade à Igreja de Cristo e ao seu Vigário pelo reconhecimento dos serviços prestados à Igreja e para bem da sociedade. Como nos era relatado no opúsculo sobre a Rosa de Ouro, não é de forma alguma na materialidade da Rosa que se deve fixar o nosso olhar, mas naquilo que de mais profundo ela significa.

Podia ler-se no jornal *Voz da Fátima*, em dezembro de 1964, que a Rosa de Ouro era uma resposta clara e luminosa àqueles que pelo mundo fora se opunham e duvidavam das aparições de Fátima e do sentir do Papa em relação às mesmas²³⁵.

Mais que ver na Rosa de Ouro o reconhecimento de um trabalho feito em favor da Igreja e da humanidade, é ver na Rosa de Ouro o trabalho em si mesmo realizado pelo Santuário de Fátima. Com esta Rosa de Ouro era tempo de o Santuário olhar para o trabalho feito, era tempo de projetar o caminho a seguir no futuro, tendo sempre como suporte o Coração Imaculado de Maria, como caminho de paz que leva a Deus. Com a atribuição da Rosa de Ouro é dado ao Santuário de Fátima novo impulso, reconhecendo ao Santuário e claro está também à mensagem de Fátima um valor universal. Fátima continuava a impor-se à Igreja e por meio da Igreja ao mundo inteiro²³⁶.

Fazemos aqui um breve apartado, realçando deste opúsculo local citado, um excerto que em nosso ver merece alguma atenção: “Através da Fátima também Portugal será mais conhecido e a sua obra civilizadora em tantas partes do mundo melhor compreendida e

retirado do site do Vaticano que é a seguinte: “Esse ato de consagração julgamos oportuno recordá-lo hoje de modo particular”.

²³⁴ PAULO VI, Discurso no encerramento da III Sessão do Concílio Vaticano II, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html, acedido em 15 de agosto de 2017.

²³⁵ VOZ DA FÁTIMA, Ano XLI, n.º 507, 13 de dezembro de 1964, p. 1.

²³⁶ Cf. Joaquim CARREIRA, *A Rosa de Ouro*, Gráfica de Leiria, 1965, p. 5.

apreciada”²³⁷. Não podemos tomar como garantido que ao referir-se à “obra civilizadora” de Portugal, o autor do texto se estivesse a referir propriamente à colonização portuguesa, mas não deixa de ser significativo se atentarmos às datas do *imprimatur* do opúsculo, 13 de abril de 1965, e tendo presente a ida do Papa Paulo VI a Bombaim²³⁸, ao Congresso Eucarístico Internacional, em dezembro de 1964, e todo o mal-estar e conflituosidade que causou entre o Vaticano e o Governo português. Tendo como pano de fundo o problema colonial português, decorrente da perda de Goa e das guerras em África nos territórios ultramarinos, o que estava em causa para muitos sectores católicos portugueses era a necessidade de se afirmar e reconhecer o papel histórico do país na obra missionária da Igreja²³⁹. Há quem veja na concessão da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima como que um pedido de desculpa do Papa Paulo VI para compensar a visita do Papa à Índia²⁴⁰. Esse mal-estar será ainda visível na sua vinda a Portugal, como veremos posteriormente. Num tom apaziguador, o autor do opúsculo não deixa, contudo, de referir logo a seguir,

“que todos os Portugueses, governantes e governados, saibam corresponder a tamanhos benefícios, pondo em prática, na vida pública e particular, os ensinamentos que brotam da celeste mensagem confiada aos três pastorinhos”.

Portanto temos aqui um velado apelo à paz, à concórdia e à conversão de todos os portugueses, para que Portugal encontre a prosperidade tão desejada.

No que toca à Rosa de Ouro em geral, ela é benzida no quarto domingo da quaresma, o domingo *Laetare*, domingo da alegria²⁴¹. É um convite à alegria espiritual. É embrenhado neste significado da alegria que Paulo VI concede a Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, pela alegria dos bons frutos do Concílio Ecuménico, nomeadamente pela promulgação da Constituição sobre a Igreja²⁴² e também pela alegria para com uma nação que faz penitência e oração em proveito de todo o mundo, pondo em prática a mensagem da Senhora de Fátima²⁴³. Esta distinção é para o Santo Padre testemunho do paternal afeto que tem para com a “nobre nação portuguesa” e penhor da sua “devoção ao insigne Santuário”. A Rosa tornava-se mensageira de uma “eterna primavera para Portugal, pela sua perene adesão à Santa Igreja”²⁴⁴.

²³⁷ Joaquim CARREIRA, *A Rosa de Ouro*, Gráfica de Leira, Leiria, 1965, p. 5.

²³⁸ Tenha-se em conta que as viagens papais fora do Vaticano com alguma regularidade começam com Paulo VI, que ainda assim fez muito poucas. A viagem a Bombaim terá sido a sua terceira viagem, depois da Terra Santa e da ONU.

²³⁹ A juntar a tudo isto parece contrastar com a ida de Paulo VI a Bombaim, a entrega da Rosa de Ouro em 1953 por Pio XII à cidade de Goa pelo reconhecimento que Portugal a partir daí fez da fé cristã e o facto de Portugal ter perdido em 1961 a Índia Portuguesa.

²⁴⁰ Cf. Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, p. 213.

²⁴¹ Na própria antífona de entrada do quarto domingo há um convite expresso à alegria: “Alegra-te Jerusalém... Exultai de alegria”. É o convite a alegrar-se com a ressurreição do Senhor que se aproxima.

²⁴² Referimo-nos à Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

²⁴³ O cardeal Fernando Cento afirmou o mesmo na sua homília de 13 de maio de 1965.

²⁴⁴ PAULO VI, Discurso em 28 de março de 1965, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19650328_fatima.html, acedido a 16 de agosto de 2017.

Paulo VI nomeou o cardeal Fernando Cento como seu Legado *a latere* para entregar a Rosa de Ouro no Santuário de Fátima a 13 de maio de 1965. Na sua homilia, dirigindo-se a Nossa Senhora, o cardeal fala da Rosa de Ouro como testemunho do amor que Paulo VI consagra a Maria, mas para que ficasse claro que esta oferta não era só de um coração de filho agradecido, sublinha que é-o da “autoridade consciente de Sucessor de Pedro”. A ligação de Paulo VI ao Santuário de Fátima, enquanto Papa, era desta forma estreitada. A própria Rosa tem “um pouco do coração de Paulo VI”²⁴⁵. O mesmo se diz da estreita ligação entre Fátima e o Vaticano, também mencionada na homilia: “haverá, portanto, Senhora, doravante, uma mais estreita ligação, uma mais íntima correspondência de afetuosos sentimentos”. Se Fátima se foi aproximando do Papa, agora era mais uma vez o Papa que tomava a iniciativa de aproximação de Fátima.

No ato propriamente dito de entrega da Rosa de Ouro, o cardeal legado dava-lhe o significado da alegria da Igreja Celeste e da Igreja Terrestre, bem como a própria Flor, que é Jesus Cristo e a Rosa “que é a Santíssima Virgem Maria, Mãe de toda a Igreja”. O cardeal reforçava a aclamação de Maria como Mãe da Igreja, proclamação esta feita por Paulo VI no encerramento III Sessão do Concílio, como já expusemos anteriormente.

Para terminarmos sobre este testemunho do amor de Paulo VI por Fátima, há que referir que o próprio Papa se tornou também ele presente de forma mais sensível no evento, ao proferir uma radiomensagem para todos os peregrinos no Santuário de Fátima. Desta radiomensagem destacamos a forma como o Santo Padre associa à Rosa de Ouro as flores dos peregrinos materializadas no sacrifício, sofrimentos e orações, como ramalhetes espirituais depositos aos pés da Virgem Santíssima. E por fim, realçando o significado da Rosa de Ouro como testemunho de amor por quem sempre teve Nossa Senhora como filial companheira:

“Esta é testemunho do amor que dedicamos a Portugal católico, missionário e mariano. Que esta Nossa lembrança vos seja de estímulo, amados filhos, para corroborardes e aumentardes o vosso amor e devoção Àquela que sempre acompanhou Portugal, em toda a sua tão linda história, desde o berço de Guimarães”²⁴⁶.

Na singela Rosa ficava a ecoar para sempre no seu listel a súplica permanente de proteção à Mãe de Deus e Mãe da Igreja, feita por Paulo VI: “O Papa Paulo VI implorando a proteção da Mãe de Deus para toda a Igreja, dedica e consagra a Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima – Dia 13 de maio do ano de 1965”²⁴⁷.

²⁴⁵ VOZ DA FÁTIMA, Ano XLII, n.º 513, 13 de junho de 1965, p. 3.

²⁴⁶ PAULO VI, Discurso em 09 de maio de 1965, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19650509_fatima.html, acedido em 16 de agosto de 2017.

²⁴⁷ Tradução livre do latim: “*Paulus P P VI Deiparae Patrocinium pro total Ecclesia implorans Auream Rosam Fatimensi Templo D D. XIII Mai. A. MCMLXV*”.

2. Paulo VI vem à Cova da Iria no cinquentenário das aparições

Agora sim, o Papa fisicamente próximo de Fátima, o Papa no Santuário de Fátima. Pensemos no desejo da pequena Jacinta Marto e que agora é tornado realidade. Quanto alegria não sentiria ela? Quanta alegria e júbilo não foram vividos nesse dia em Fátima?

“Quem me dera ver o Santo Padre! Vem cá tanta gente e o Santo Padre nunca cá vem. Na sua inocência de criança, julgava que o Santo Padre podia fazer esta viagem como as outras pessoas”²⁴⁸.

Sem esquecermos o mal-estar entre a Santa Sé e o Governo português naquilo que expusemos anteriormente, acrescente-se também a efeméride do Papa ter recebido em audiência os líderes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. Acerca deste tema, não podemos deixar de mencionar aqui igualmente o contributo da encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII, de abril de 1963, onde se reconhecia “as aspirações legítimas dos novos países que despertavam para a independência depois da experiência da tutela colonial”²⁴⁹.

A relação problemática entre Santa Sé e Governo português foi de tal forma adensada que com a decisão tornada pública de Paulo VI vir a Fátima, o Estado salazarista impôs uma censura rígida aos meios de comunicação social de falarem acerca disso. Com este silenciamento da visita do Papa, pretendia o Estado que o país demonstrasse o mais profundo, magoado e digno silêncio. Se é certo que Salazar pouco fez para o Papa visitar Portugal, também é certo que nada fez para o impedir, talvez porque sabia que desta visita viriam dividendo políticos²⁵⁰. Recolocava-se o país no centro dos assuntos mundiais, aumentando a sua exposição e prestígio internacionais. Fazendo eco disto, no dizer de D. João Pereira Venâncio, bispo da diocese de Leiria:

“Todos nós portugueses devemos estar muito gratos ao Santo Padre por vir a nossa casa. Ele foi portador de muitas bênçãos divinas, acredite. E até no plano internacional o mundo ficou a conhecer-nos melhor. Reconheceu aquilo que, na verdade, somos: um povo ordeiro, digno, fervoroso, idealista e amante da paz”²⁵¹.

Quanto ao Papa, este tentou ao máximo despolitizar a sua vinda a Portugal, concretamente à Cova da Iria, o que se tornou manifesto na sua decisão de aterrar diretamente na Base Aérea de Monte Real sem passar pelo aeroporto de Lisboa, capital política do país. Ficava assim bem claro o tom de peregrinação que o Santo Padre queria dar a esta sua visita a Portugal e uma forma de pôr em prática a *soft diplomacy* que a Santa Sé vinha exercendo. O próprio bispo D. João Pereira Venâncio discute posteriormente essa posição, em entrevista ao jornal diocesano

²⁴⁸ Lúcia de JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 15ª edição, Fátima, 2011, p. 50.

²⁴⁹ Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, p. 207.

²⁵⁰ Cf. Duncan SIMPSON, *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014, p. 211.

²⁵¹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLIV, n.º 540, 13 de setembro de 1967, p. 3.

*A Voz do Domingo*²⁵² e em resposta à interpelação do jornalista, “Ouvem-se por aí meias palavras a lançar ao vento a ideia de que o Papa não desceu em Lisboa por razões políticas...” - ao que D. João Pereira Venâncio responde:

“- Nada disso. Todos sabemos, e ele próprio o declarou, que a sua missão em Portugal, como aliás por todo o mundo, foi toda espiritual e de paz. Por isso, ninguém de boa fé lhe poderia assacar ligações de qualquer tendência, se ele resolvesse descer na Portela. Não o fez porque a sua saúde, ainda que não seja precária, não suporta as extravagâncias dos novos. O programa assim estabelecido seria arrasador. O Santo Padre, nas viagens que venha a fazer a outros povos, certamente agirá como entre nós: de avião, diretamente ao local (e sempre local espiritual) a visitar”.

Ao invés, o cardeal Jacques Martin, então perfeito da Casa Pontifícia, conta que a decisão de um só dia de viagem se deve ao facto de que “Salazar estava ainda no Poder e, aqui mais do que em qualquer outra parte, eventuais implicações políticas poderiam trazer consequências negativas para a Igreja”²⁵³. Ainda assim, invertendo a lente, e atendendo ao facto de Paulo VI querer despolitizar ao máximo a sua vinda a Fátima, corporizada na sua descida na Base Aérea de Monte Real, podemos ver aí uma razão política, ou pelo menos relacionada com a política, de não querer comprometer a Santa Sé no reconhecimento, ainda que tácito ou implícito, da situação política portuguesa.

Destarte, para as celebrações do cinquentenário em geral, o Papa nomeou seu Legado *a latere* o cardeal D. José da Costa Nunes, representando o Papa como se fosse ele próprio em pessoa. Talvez a nomeação do cardeal D. José da Costa Nunes²⁵⁴ como seu legado tenha também na sua base razões diplomáticas fundadas naquilo que dissemos anteriormente.

Num comunicado de março de 1967, o cardeal legado reforça aquilo que para todos era bem claro, não era só Portugal que se alegrava e celebrava o cinquentenário das aparições, mas todo o mundo, pois a devoção a Nossa Senhora de Fátima e à sua celeste mensagem estavam espalhadas pelo mundo. Pedia igualmente nesse comunicado orações pela paz, como o Santo Padre tão insistentemente o vinha fazendo, pois dizia ele: “Só cumprindo a mensagem de Fátima, se obterá a desejada Paz”²⁵⁵.

No entanto, sem nada o fazer prever, o Papa decide vir a Fátima, naquela que é a sua quarta viagem papal. No entanto, para alguns a vinda do Papa era uma possibilidade ou, ao menos, representava um forte desejo. Para a decisão da sua vinda muito terá influenciado a persistência do bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, para além de todo o Episcopado português

²⁵² Esta entrevista foi reproduzida no jornal *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLIV, n.º 540, 13 de setembro de 1967, p. 3.

²⁵³ Jacques MARTIN, *Oltre il Portone di Bronzo, Dagli Appunti Segreti di Un Cardinale Vissuto a Fianco di Sei Papi*, Paoline Editoriale Libri, Milano, 1996, p. 118.

²⁵⁴ D. José da Costa Nunes foi Bispo em Macau e arcebispo de Goa e Damão. Foram-lhe concedidos os títulos honoríficos de Primaz do Oriente e de Patriarca das Índias Orientais.

²⁵⁵ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLIV, n.º 535, 13 de abril de 1967, p. 1.

principalmente na pessoa do cardeal Cerejeira. O próprio Papa o dá a entender quando torna pública a sua decisão de vir a Fátima²⁵⁶.

“Vós imaginais, certamente, quais as razões que Nos levaram a fazer esta peregrinação. Em primeiro lugar, as pressões reiteradas e corteses do Episcopado Português, manifestadas pelo Senhor Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, com o apoio do Senhor Cardeal Costa Nunes (que nomeados Nosso Legado para presidir às próximas celebrações em Fátima) e amavelmente interpretadas por Monsenhor Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, levaram-Nos a aceitar o convite para intervir pelo menos com um breve ato de presença na comemoração do cinquentenário”²⁵⁷.

D. João Pereira Venâncio esteve presente em todo o Concílio Vaticano II e, no tempo que esteve em Roma, de muitas formas difundiu a mensagem de Fátima, desde conversas mais informais a discursos e palestras mais formais, junto dos padres conciliares e das academias em Roma. D. João Pereira Venâncio contribuiu para dar novo impulso a Fátima. A comprovar o interesse crescente por Fátima, após a peregrinação papal ao santuário, refira-se o facto de muitos dos padres conciliares terem endereçado convites a D. João Pereira Venâncio para que este fosse às suas dioceses falar-lhes de Fátima e da sua mensagem²⁵⁸. O próprio papa Paulo VI conhecia bem o dossiê Fátima, por nele ter trabalhado com Pio XII.

O Sumo Pontífice deu a conhecer a sua intenção de peregrinar a Fátima na audiência geral de quarta-feira a 3 de maio de 1967, dez dias antes da sua realização. Dez dias separavam a sua peregrinação a Fátima. Deste discurso, realce-se a ideia que o Papa indica como sendo a razão espiritual da sua peregrinação, rezar pela paz. Rezar pela causa da paz é a solicitude pastoral de Pastor universal, não só a paz dentro da Igreja, mas a paz na humanidade. Aquele que rejeita a paz, faz-se a si mesmo inimigo da humanidade, reforçava o Papa. E encorajava todos os homens responsáveis, Estados, organismos internacionais, associações e órgãos de opinião pública no sentido de procurarem e promoverem a paz. Sem deixar de fazer referência aos obstáculos que se colocam à paz, remete para a sua encíclica *Populorum Progressio*, de 26 de março de 1967, acerca do desenvolvimento económico e político dos povos. Podia ler-se, como que em síntese

²⁵⁶ D. João Pereira Venâncio em carta datada de 18 de agosto de 1966 dirigida a Monsenhor Angelo dell'Acqua (Substituto da secretaria de Estado) manifesta a intenção de convidar o Papa a estar presente no cinquentenário. Em 25 de abril de 1967, no dia da audiência concedida por Paulo VI a D. João Pereira Venâncio, este escreve-lhe uma carta fazendo uma “humilde súplica a Vossa Santidade para vir a Fátima”. Cf. Marques GASTÃO, *O peregrino de Branco*, União Gráfica, Lisboa, 1968, pp. 179 – 186.

²⁵⁷ Tradução livre feita por nós do original em italiano: “Voi immaginate quali ragioni Ci abbiano indotto a intraprendere questo pellegrinaggio. Fra tali ragioni la prima è quella dell'autorevole, ripetuta, cortese pressione dell'Episcopato Portoghese, il quale, forte del desiderio del Signor Cardinale Cerejeira, Patriarca di Lisbona, dell'appoggio del Signor Cardinale da Costa Nunes (che abbiamo nominato Nostro Legato per presiedere alle prossime celebrazioni di Fatima), e amabilmente interpretato da Monsignor Pereira Venancio, Vescovo di Leiria, è riuscito a rendere per Noi obbligante l'invito ad intervenire almeno con un breve atto di presenza alla commemorazione del cinquantenario”. PAULO VI, Audiência em 03 de maio de 1967, https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1967/documents/hf_p-vi_aud_19670503.html, acedido em 17 de agosto de 2017.

²⁵⁸ Testemunho recolhido por nós, em 17 de agosto, junto do padre João Vieira Trindade, pertencente ao clero da diocese de Leiria-Fátima.

da finalidade da sua peregrinação, na primeira página do jornal *L'Osservatore Romano*, na edição italiana de 15-16 de maio, a afirmação de “tríplice finalidade de homenagem a Maria e de súplica de paz para a Igreja e para o mundo”.

Por fim nesta sua audiência o Papa deixa um forte sentido de confiança nos homens para alcançar a paz, mas recorrendo sempre à bondade Deus, que é Pai e a que os homens recorrem através da oração. Dando como razão final vir erguer as suas preces “Àquela que se dignou mostrar mais uma vez o seu rosto materno e recomendou, como remédios soberanos, a oração e a penitência”. Vem honrar Maria Santíssima e pedir-lhe a sua intercessão como Rainha da paz e Mãe da Igreja.

Como referimos na primeira parte do presente trabalho, no dia da sua vinda a Portugal, o Papa publica a Exortação pastoral *Signum Magnum*. Nesta Paulo VI faz referência a Maria como Mãe da Igreja, tal como a havia proclamado no encerramento da III sessão do Concílio. É neste documento que, referindo-se à consagração feita por Pio XII, faz o apelo a que cada um renove pessoalmente a sua consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e como imitação da sua Celeste Rainha.

Sempre e em todo o discurso de Paulo VI podemos ver o apelo à oração pela paz e a homenagem a Nossa Senhora. Reforçando uma vez mais a sua condição de peregrino que veio a Fátima com a humildade e o fervor de qualquer peregrino, vem pedir paz para a Igreja e paz para o mundo como contributo de amor aos homens que a Igreja quer dar, manifestando essa abertura da Igreja ao mundo, tão caro ao Concílio Vaticano II.

“É Nosso ardente desejo render homenagem filial à excelsa Mãe de Deus, na Cova da Iria. Para lá encaminharemos agora os Nossos passos, em espírito de oração e de penitência, para suplicar a Nossa Senhora de Fátima que faça reinar na Igreja e no mundo o inestimável bem da paz... duas finalidades da mais transcendental importância. A primeira diz respeito à vida inteira da própria Igreja. A segunda refere-se ao contributo de amor pelos homens que ela quer dar no dia de hoje ao mundo em que vive”²⁵⁹.

Não deixando ainda de fazer referência ao “Portugal católico” não só como uma constatação, mas também como um apelo a que Portugal mantenha sempre o dogma da fé.

Detenhamo-nos, por agora, em alguns aspetos da homilia proferida por Paulo VI no Santuário de Fátima nesse histórico dia 13 de maio de 1967. O Santo Padre diz agora perante a multidão, aquilo que tinha dito ao Presidente da República Almirante Américo Tomás, de que se deslocava a Fátima na sua condição de humilde e confiante peregrino, associando cada um daqueles peregrinos à oração e à manifestação da sua devoção a Maria Santíssima. É a fé comum a manifestar-se no encontro com a Mãe Celeste, “como filhos de uma família única”, estendendo o olhar a todo o mundo numa caridade sem fronteiras.

²⁵⁹ VOZ DA FÁTIMA, Ano XLIV, n.º 537, 13 de junho de 1967, p. 3.

Depois, como quem desfiando as contas de um rosário, vai afirmando os tons das intenções de paz com que quer revestir esta sua peregrinação. Para a paz na Igreja, chama a atenção para a necessidade de uma colaboração mais íntima e um apostolado mais ativo, frutos do Concílio Vaticano II. Quanto à paz no mundo, esta depende também da consciência que a Igreja tem da sua missão no mundo, missão de amor e serviço em favor dos perseguidos, dos sem abrigo, dos sem pão.

Mas o que mais nos fica a ressoar desta homilia é aquele vibrante “Homens, sede homens” e isto porque a paz, sendo dom de Deus, tem necessidade de ser acolhida livremente como dom que é. Este “Homens, sede homens” é um clamor que ecoa a chamar o homem a colocar-se no seu lugar de homem não achando que pode ser dono do mundo e substituir-se a Deus:

“Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do mundo. Homens, sede magnânimos. Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projetos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projetos de conforto comum e de colaboração solidária. Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; e recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um mundo novo; sim, um mundo de homens verdadeiros, o qual é impossível de conseguir se não tem o sol de Deus no seu horizonte. Homens, escutai, através da Nossa humilde e tímida voz, o eco vigoroso da Palavra de Cristo: «Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra, bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus»²⁶⁰.

Com a sua vinda a Portugal, o Sumo Pontífice podia agora definir o caminho para a construção do mundo tal como Cristo o desejara, confiando sempre em Nossa Senhora e na sua advertência para a oração e a penitência, no sentido da construção de um mundo mais fraterno, sob o signo da justiça e da paz. E, na sua oração feita em Fátima, o seu primeiro pensamento ao pedir a paz para o mundo foi para o Vietname; di-lo-á ao grupo de vietnamitas, que depois de peregrinar a Fátima, no dia 13 de maio, foi recebido em audiência pelo Papa em Roma a 24 de maio.

Nesta peregrinação que Paulo VI apelida de “experiência maravilhosa”, o caminho para um mundo sonhado por ele teria de ser feito de oração, humildade, concórdia e boa vontade²⁶¹. Esta foi a equação encontrada por si que permitiria ao mundo chegar à tão almejada paz.

Por cá, o Conselho de Ministros pronunciava-se favoravelmente acerca da vinda de Paulo VI a Fátima²⁶². Relatava Franco Nogueira, então ministro dos Negócios Estrangeiros, nas suas memórias, que Salazar o que mais tinha gostado da visita do Papa foi “a fúria dos nossos

²⁶⁰ PAULO VI, Homilia em 13 de maio de 1967 em Fátima, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1967/documents/hf_p-vi_hom_19670513.html, acessado em 18 de agosto de 2017.

²⁶¹ Estas palavras foram proferidas por Paulo VI à sua chegada ao Vaticano onde milhares de pessoas o aguardavam. Cf. Janeiro dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, p. 113.

²⁶² O Conselho de Ministros reuniu a 23 de maio de 1967.

inimigos”. Acrescentando ainda: “Naturalmente, tratei o pontífice por Vossa Santidade. Sabem como me tratou o Santo Padre? Chamou-me Vossa Eternidade”²⁶³. A ser verdade este breve inciso relatado por Franco Nogueira, inferimos duas coisas, que o Santo Padre conhecia muito bem o tempo de governação de Salazar, que há 37 anos estava no Poder, mas por outro lado não podemos deixar de referir a fineza do humor do Santo Padre.

Um gesto que acompanhou a oração de Paulo VI junto da imagem de Nossa Senhora e que pretendemos destacar foi a oferta do terço a Nossa Senhora, e, mais uma vez, ouvimos ecoar pelo tempo a voz da pequena Jacinta a sussurrar-nos: “Não vês o Santo Padre em uma igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?”²⁶⁴. O terço, símbolo da oração sempre atual com que cada cristão pode vencer o mal e conseguir as vitórias da paz²⁶⁵. projeta o cristão para o espaço de Deus por meio de Maria. O terço como arma da paz, torna-se caminho de esperança. Destarte, podemos dizer que terço e esperança são parte do mesmo léxico gramatical. Pertencem à gramática da paz. Inscrito neste gesto de Paulo VI está a resposta ao apelo de Nossa Senhora de Fátima, Rainha da paz, para que rezassem o terço todos os dias.

Nesta sua peregrinação relâmpago, o Santo Padre concedeu ainda algumas audiências à tarde. Destacamos aqui a concedida aos cristãos não católicos. O facto de ter recebido em audiência os cristãos não católicos que estavam presentes em Fátima, constituía uma forma de pôr em prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II. É a ansia de ver uma Igreja aberta ao diálogo ecuménico, que vai ao encontro de todos os cristãos e, em última análise, de todos os “homens de boa vontade”. Isto também foi manifesto na sua homilia, ao juntar na sua oração e no seu olhar de Pastor universal “todos os cristãos não católicos, mas irmãos nossos no batismo”.

Fazendo eco daquilo que foi a sua peregrinação, nos dias seguintes e em Roma, Paulo VI descreve o Santuário de Fátima como “o altar de Nossa Senhora”. E se Nossa Senhora é Mãe da Igreja, Mãe da humanidade, mais uma vez era proclamado Fátima como altar do mundo, “Levei-vos a todos no coração ao Altar de Nossa Senhora e de lá vos trago uma saudação e uma bênção”²⁶⁶. Sem dúvida que com a sua peregrinação o Papa consolidava a importância do Santuário de Fátima, manifestando a atualidade e importância da mensagem que Nossa Senhora

²⁶³ Franco NOGUEIRA, *Salazar*, Vol. VI, Atlântida Editora e Civilização, Coimbra, 1988, p. 288.

²⁶⁴ Lúcia de JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, p. 192.

²⁶⁵ Cf. *FÁTIMA 50*, Ano I, n.º 2, 13 de junho de 1967, p. 22.

²⁶⁶ Januário dos SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, p. 113.

quis deixar em Fátima²⁶⁷. Dirá Paulo VI: “Raramente em Nossa vida nos foi dado ver um tal espetáculo de fé e de fervor religioso”²⁶⁸.

Na continuação do seus persistentes apelos e oração pela paz, o Santo Padre instituiu, a 8 de dezembro de 1967, o dia 1 de janeiro como Dia Mundial da Paz, a celebrar logo a 1 de janeiro de 1968. Parece-nos justo apelidar-se o Papa Paulo VI como mensageiro e obreiro da paz. Na sua radiomensagem por ocasião do 25.º aniversário da coroação de Nossa Senhora, em 1971, o Santo Padre dá-nos uma das mais belas definições de paz:

“A paz! Mais do que o equilíbrio exterior, de ordem jurídica, ela é principalmente o resultado de serem respeitados e atuados os desígnios de sabedoria e de amor de Deus sobre nós e sobre o mundo. Por isso, ela começa nos corações dos homens, como empenho e como graça, a tornar-se depois estilo de vida, que reflete a sua luz na cidade temporal”²⁶⁹.

Naquela que foi a última vez que Paulo VI se dirigiu aos peregrinos no Santuário de Fátima, a radiomensagem do 60.º aniversário das aparições, a 13 de maio de 1977, que coroa toda a sua jornada em favor da paz, o Papa fala-nos agora de graça e paz como o binómio que o fizeram vir ao Santuário de Fátima. Destarte, é igualmente num binómio de ação de graças e súplica que se apresenta como peregrino, mais uma vez, por meio do seu Legado e da sua radiomensagem. Paulo VI fala-nos de Maria como sendo rosto desse binómio de graça e paz. Maria é Mãe da Divina Graça e Rainha da paz.

²⁶⁷ Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 80.

²⁶⁸ No discurso proferido ao novo Embaixador de Portugal junto da Santa Sé, Eduardo Brazão, em 21 de dezembro de 1968. Tradução feita por nós do francês: “bien rarement dans Notre vie il Nous fut donné de voir un pareil spectacle de foi et de ferveur religieuse!” PAULO VI, Discurso em 21 de dezembro de 1968, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/fr/speeches/1968/december/documents/hf_p-vi_spe_19681221_ambasciatore-portogallo.html, acedido em 19 de agosto de 2017.

²⁶⁹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano XLVIII, n.º 585, 13 de junho de 1971, p. 1.

Capítulo VII – João Paulo II. O peregrino da consagração

1. 1982: primeira peregrinação a Fátima

Logo desde os primeiros tempos do pontificado de João Paulo II se percebeu que este pontificado iria ser diferente dos anteriores na forma do Papa se apresentar como Pastor universal. Falamos propriamente das suas muitas viagens apostólicas, tidas como um levar Roma ao mundo, dando a perceber que a Igreja não é só Roma, que a Igreja é muito mais e está em todo o sítio onde há cristãos, porque aí está Cristo²⁷⁰. É a catolicidade da Igreja, porque é universal e chega a todos. O Papa definitivamente quis levar o Evangelho a todo o lado, incluindo até às periferias, termo tão caro ao atual Papa Francisco.

Quinze anos depois da visita papal, em maio de 1982, temos novamente o sucessor de Pedro em Fátima. João Paulo II faz-se peregrino, sabendo ele mesmo o grande valor e importância que as peregrinações têm e como elas são uma das dinâmicas religiosas mais significativas no presente, redescobertas e vividas em todas as suas dimensões e exigências. As peregrinações tornaram-se cada vez mais momentos originais de catequese eclesial²⁷¹.

Mas, para percebermos o porquê da sua vinda a Portugal no ano de 1982, teremos de recuar no tempo para dar sentido à sua peregrinação até ao Santuário de Fátima. Ainda que o pontificado de João Paulo II tenha sido desde logo marcado pelas suas viagens apostólicas, nada faria prever que em 1982 o Papa estivesse em Portugal. As suas preocupações eram outras, nomeadamente a América Latina²⁷² e aquilo que envolvia a teologia da libertação. Esta viagem à América Latina já estava agendada por Paulo VI. Outra das suas preocupações era o continente africano com o seu despertar da fé e o seu martírio²⁷³. Também a viagem pela Europa era uma prioridade, devido ao decréscimo da fé e por isso, e a título de exemplo, viajou nesses primeiros tempos pela Irlanda, República Federal da Alemanha²⁷⁴ e também por França interpelando-a pelo seu batismo, “França, Filha primogénita da Igreja, és tu fiel às promessas do teu batismo?”²⁷⁵. De facto, não era de todo prioritária uma vinda a Portugal, “país de brandos costumes” e com uma fé manifestamente visível.

²⁷⁰ “Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”. (Mt. 18, 20).

²⁷¹ Alocução do Santo Padre aos participantes do 33.º Congresso da Associação Nacional Francesa dos Diretores Diocesanos de Peregrinações, em 17 de outubro de 1980. Cf. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LIX, n.º 702, 13 de março de 1981, p. 1.

²⁷² Viagem apostólica à República Dominicana, México e Bahamas realizada entre 25 de janeiro e 1 de fevereiro de 1979. Viagem ao Brasil entre 30 de junho e 12 de julho de 1980.

²⁷³ Viagem apostólica ao Zaire, Congo, Quênia, Gana, Alto Volta e Costa do Marfim realizada entre 2 a 12 de maio de 1980. Tendo como mote participar nas celebrações do centenário da evangelização no Gana e no Zaire.

²⁷⁴ Viagem apostólica à Irlanda realizada entre 29 de setembro e 1 de outubro e Viagem apostólica à Alemanha realizada entre 15 a 19 de novembro de 1980.

²⁷⁵ Da homilia de 1 de junho em Paris. A Viagem apostólica a Paris e Lisieux realizou-se entre 30 de maio e 2 de junho de 1980.

Recordemos que o Papa tinha uma grande devoção mariana herdada da sua Polónia cristã, mas também pelo facto de em tenra idade ter perdido a sua mãe e por isso ter Nossa Senhora como sua mãe. A comprovar essa devoção está o seu lema episcopal e depois adotado também como lema pontifical: *Totus Tuus*, retirado do tratado da verdadeira devoção a Maria de S. Luís Maria Grignon de Monfort. Igualmente o seu brasão representa Maria junto à cruz de Jesus. Apesar de toda esta devoção mariana, não havia da sua parte nenhuma ligação especial com Fátima.

A devoção mariana do Papa João Paulo II, passou também, logo nos primeiros anos do seu pontificado, por rezar o terço no Vaticano, nos primeiros sábados de cada mês, sendo este difundido através da Rádio Vaticana. Podia ler-se no jornal *Voz da Fátima*, que “Sua Santidade com este gesto, dá um singular exemplo de piedade mariana, propondo aos fiéis, de forma prática, mais uma iniciativa para a celebração condigna dos Primeiros Sábados”²⁷⁶.

Centramos agora o nosso olhar no dia 13 de maio de 1981. No Santuário de Fátima celebrava-se a peregrinação do 64.º aniversário da aparição de maio de Nossa Senhora. Presidia a esta celebração o cardeal Hoeffner, arcebispo de Colónia. Na homilia proferida no dia 13, dando-nos Maria como modelo da Igreja sofredora, traz-nos à memória que,

“Desde há dois mil anos, em nenhum outro século se verteu tanto sangue humano como o nosso século: em duas guerras mundiais, na perseguição dos judeus, em guerras civis ou de racismo, em vagas de terrorismo e de violência, por todo o mundo”²⁷⁷.

Na praça de S. Pedro em Roma, poucas horas depois, esta homilia ganhava rosto e corpo. O rosto pálido de João Paulo II num corpo que caía como que morto. Estaria a cumprir-se a profecia contida na terceira parte do segredo? “Um Bispo vestido de branco... aos pés da grande cruz foi morto”²⁷⁸. Não sendo o cumprimento da profecia na sua totalidade: “foi morto”, pelo menos a identificação com ela foi desde logo clara para João Paulo II, levando-o a revelar anos depois a terceira parte do segredo. Abordaremos este assunto mais em detalhe posteriormente.

Na decisão de João Paulo II ter peregrinado a Fátima está, como vimos, a sua convicção de que o atentado à sua pessoa está imbrincado na história de Fátima, convencendo-se que foi Nossa Senhora de Fátima quem o livrou da morte. Para ter certeza disso, ainda na Policlínica Gemelli, depois que fica consciente, o seu pensamento vai para o Santuário de Fátima. Posteriormente pede toda a documentação de Fátima para se inteirar acerca da mensagem de Fátima, incluindo o envelope com a terceira parte do segredo. Desta sua convicção o Papa pensa

²⁷⁶ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LVII, n.º 680, 13 de maio de 1979, p. 3. A devoção dos primeiros sábados foi pedida por Nossa Senhora a Lúcia para que fosse conhecida, na visão em Tuy em 1929.

²⁷⁷ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LIX, n.º 705, 13 de junho de 1981, p. 3.

²⁷⁸ Excerto da terceira parte do segredo revelado a 13 de julho de 1917 e escrito pela Irmã Lúcia em Tuy a 3 de janeiro de 1944. Lúcia DE JESUS, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016, p. 252.

imediatamente em realizar a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Este ato de entrega seria celebrado na solenidade de Pentecostes na Basílica de Santa Maria Maior, a 7 de junho de 1981. Dada a sua ausência, por motivos óbvios, o Papa fez uma alocução por meio de radiomensagem, com o ato de entrega:

“Ó Mãe dos homens e dos povos, Vós conheceis todos os seus sofrimentos e as suas esperanças, Vós sentis maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que abalam o mundo... e abraçai com o amor da Mãe e da Serva do Senhor aqueles que mais esperam por este abraço e, ao mesmo tempo, aqueles cuja entrega confiante Vós também esperais de maneira particular”²⁷⁹.

É por meio do cardeal Eduardo Pirónio, que veio a Fátima a 21 de novembro de 1981, que se sabe mais concretamente qual é o sentir do Papa em relação ao atentado sofrido e à sua relação com Fátima. João Paulo II confidenciara-lhe: “Eu devo a minha vida a Nossa Senhora de Fátima”²⁸⁰. Um sentir que se explica com a sua própria vida. Manifestação esta, que já havia sido publicamente evidenciada na primeira audiência geral de quarta-feira, 7 de outubro, após o atentado.

“E de novo me tornei devedor da Santíssima Virgem... poderia esquecer que o acontecimento na Praça de São Pedro se realizou no dia e na hora em que, há mais de 60 anos, se recorda em Fátima, em Portugal, a primeira aparição da Mãe de Cristo aos pobres e pequenos camponeses? Porque, em tudo aquilo que sucedeu exatamente nesse dia, notei aquela extraordinária proteção maternal e solicitude, que se mostrou mais forte do que o projétil mortífero”²⁸¹.

Ouvimos da voz do Papa mais uma vez a sua gratidão à Virgem Maria, sempre reconhecido por ter Maria como sua protetora. Uma vida sob o manto da Mãe, que maternalmente cuida e protege. Declarando publicamente a sua devoção a Nossa Senhora de Fátima, depois de lhe dar crédito pela sua sobrevivência ao atentado, o Santo Padre torna-se um aliado do culto a Nossa Senhora de Fátima.

A mensagem de Fátima apresenta-se ao Papa em todo o seu realismo profético. Entendamos aquilo que significa profético. Não de quem adivinha o futuro, pois uma profecia não é uma adivinhação do futuro, mas de quem lê os acontecimentos presente à luz dessa profecia e lhe dá uma interpretação para o presente.

Destarte, na comunicação pública da sua intenção de peregrinar a Fátima, após a recitação do *Angelus*, a 7 de março, deixa o mote para essa mesma peregrinação, “agradecer à Virgem Santíssima que me protegeu de maneira maternal na circunstância do atentado... e pedir todas as graças e todos os auxílios de Nossa Senhora para a Igreja e para a humanidade”. E bem precisava a Igreja e a humanidade de todos os auxílios de Nossa Senhora. O atentado ao Papa

²⁷⁹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XII, n.º 24 (602), 14 de junho de 1981, p. 6.

²⁸⁰ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LX, n.º 711, 13 de dezembro de 1981, p. 1.

²⁸¹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XII, n.º 41 (619), 11 de outubro de 1981, p. 12.

tornava-se rosto expressivo daquilo que no mundo se passava. Em clima de Guerra Fria, de comunismo ateu e socialismo totalitário como elementos que compõem a tela política e social dos anos 70 e 80, é pelas palavras do próprio Papa que podemos perceber como o mundo estava em convulsão. Diante de uma realidade considerada como marcada pela invasão do secularismo e do permissivismo que armam ciladas à moral cristã, diante da fome, doença, droga, violência, diante da ilusão da guerra que diz alcançar a paz, o Papa mostra a sua preocupação e perplexidade²⁸². Perante isto, era desejo do Papa “que se aproxime para todos o tempo da paz e da liberdade, o tempo da verdade, da justiça e da esperança”²⁸³. A mensagem que ressoou há 65 anos pela boca de Maria, “revela-se hoje mais atual e mais urgente que nunca”²⁸⁴. Recordemos que os primeiros anos de pontificado de João Paulo II ficam marcados pela luta contra o regime político comunista na Polónia, seu país natal, e outros países do Leste. Em 2006 o relatório de uma comissão parlamentar italiana dava como certo o envolvimento da União Soviética no atentado ao Papa. Isto como resposta ao apoio do Santo Padre ao movimento sindical “Solidariedade”. Um movimento de trabalhadores pró-democracia. O Papa surgia assim como que vítima dos erros do comunismo, que se tinham espalhado pelo mundo. Mais do que nunca a mensagem de Fátima se tornava atual e a precisar de ser escutada.

A vinda de João Paulo II a Fátima, ponto culminante da sua viagem a Portugal, é explicada por três palavras, “gradidão, comunhão, vida!” Gradidão, pela especial proteção materna de Nossa Senhora no atentado. Comunhão, porque peregrino entre peregrinos naquela assembleia da Igreja peregrina, como qualquer peregrino com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia de Deus no coração. Vida feita de oração e penitência, uma vida *Totus Tuus*²⁸⁵. Esta gradidão, este agradecimento torna-se manifesto no seu silêncio orante diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima na Capelinha. Como primeira atitude do Papa, este silêncio orante é expressão da sua condição de filho *Totus Tuus*. Como segundo gesto para com a Mãe Santíssima, oferece-lhe um terço de ouro que tem na sua cruz a inscrição “Fátima” na haste vertical e na haste horizontal “1981 – 13 de maio 1982”. Fátima, um rasgo do divino vindo do Céu, que por meio de Maria intervém no agir da história, ligando a história do homem com Deus.

Nas palavras de saudação do bispo de Leiria, que são de verdadeira e assertiva audácia acerca do Papa, vemos igualmente sublinhada a ligação de Fátima ao Papa:

²⁸² Audiência realizada em Roma antes de iniciar a viagem até Portugal. Cf. JOÃO PAULO II, Audiência em 12 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820512.html, acedido em 23 de agosto de 2017.

²⁸³ Januário DOS SANTOS, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986, p. 145.

²⁸⁴ Audiência geral de 12 de maio de 1982 em Roma, já citada em nota anterior.

²⁸⁵ Alocução do Santo Padre na chegada à Capelinha das Aparições Cf. JOÃO PAULO II, Discurso em 12 de maio de 1982. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820512_vescovo-leiria-fatima.html, acedido em 23 de agosto de 2017.

“Em nenhum lugar do mundo sereis tão amado como aqui. Efetivamente o amor ao Papa é algo de nuclear na Mensagem de Fátima. Dos pastorinhos de Aljustrel, fidelíssimos aos apelos divinos, aprendemos a amar o Santo Padre, rezando e sacrificando-nos por Ele... As vossas vestes brancas tingiram-se de sangue verdadeiro, por causa do vosso amor a Cristo, à Igreja, à Humanidade. Na vossa augusta pessoa saudamos o mártir, o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas... Rezamos convosco e por vós Santo Padre. Rezai também por nós... A oração do Vigário de Cristo é poderosa e sabemos que fazeis dela o vosso primeiro trabalho pastoral”²⁸⁶.

O dia 13 de maio começava sereno e feliz pelo encontro tão desejado que o Santo Padre teve com a Irmã Lúcia. Atitude bem diferente daquela que Paulo VI teve para com a Irmã Lúcia²⁸⁷. Já depois da conversa, na sala onde trocaram presentes, Lúcia pergunta-lhe para quando será a beatificação dos primos Jacinta e Francisco. Ao que o Papa responde com humor: “Talvez em nossos dias, reza, filha, para que seja ainda na tua vida e na minha”²⁸⁸.

Nesta histórica peregrinação do Santo Padre a Portugal escreveu-se ainda um episódio também de evidente dramaticidade. O Papa continuava a ser para muitos um alvo a abater, e por instantes quase se vê repetir nesta peregrinação, ainda que com outros contornos, o atentado ao Papa precisamente um ano antes. Juan Fernandez Krohn, sacerdote espanhol, ligado aos setores integristas católicos, quis atingir mortalmente o Santo Padre, mas foi impedido pela segurança e num gesto humaníssimo o Santo Padre voltando-se abençoa o agressor.

Da homilia proferida por João Paulo II em Fátima, sobressaem algumas ideias chave, como a maternidade espiritual de Maria, que é participação no poder do Espírito Santo. E é à luz da maternidade espiritual de Maria que o Papa convida a entender a extraordinária mensagem que de Fátima começou a ressoar por todo o mundo. A mensagem de Fátima, sendo aceite pela Igreja, é porque vai de encontro com o Evangelho, que contém a única Revelação pública. A conversão e penitência da mensagem de Fátima são o ressoar do “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho!” (Mc 1, 15) expresso na Bíblia. “A Senhora da mensagem parecia ler, com uma perspicácia especial, os sinais dos tempos, os sinais do nosso tempo”²⁸⁹. Ao longo da homilia foi construindo como que um paralelo entre a mensagem de Fátima e o Evangelho, contribuindo desta forma para credibilizar a mensagem de Fátima no presente. Podia ouvir-se na sua homilia: “O conteúdo do apelo de Nossa Senhora de Fátima está tão profundamente radicado no Evangelho e na Tradição, que a Igreja se sente interpelada por esta mensagem”.

²⁸⁶ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LX, n.º 717, 13 de junho de 1982, p. 4.

²⁸⁷ Recorde-se que Paulo VI só apresenta a Irmã Lúcia à multidão e chegou mesmo a dizer-lhe, quando esta ao cumprimentá-lo pretendia falar com ele, que o que ela tivesse a falar que o dissesse ao seu Bispo e ele lhe haveria de fazer chegar a informação.

²⁸⁸ Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 92. José GERALDES FREIRE, *João Paulo II – Peregrino de Fátima. Documentário descritivo da visita a Portugal 12 a 15 de Maio de 1982*, Santuário de Fátima, Fátima, 1983, p. 85.

²⁸⁹ Da Homilia do Santo Padre no dia 13 de maio de 1982 em Fátima. *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XIII, n.º 20 (650), 16 de maio de 1982, p. 12.

Assim, o Santo Padre, fazendo a releitura do apelo à penitência e à conversão, fã-lo com ansiedade e de coração amargurado, porque os homens não ouviram esse apelo e negaram Deus através de ideologias, concepções e programas humanos e o mal continuava a alastrar pelo mundo ameaçando o homem, as nações, a humanidade. Por isso, o convite de Nossa Senhora tornava-se mais atual e mais urgente. Assumindo a fragilidade da condição humana, o Papa colocava-se diante do Coração Imaculado. Mas o homem tem do seu lado a esperança. Que de resto é a ferramenta teológica que o Papa usa ao colocar essa confiança em ato, entregando e confiando o mundo ao Imaculado Coração de Maria. A própria homilia foi como que a preparação para o ato de consagração, tornando-a teologicamente compreensível ao apelidar Maria com “Mãe de todos os homens”, “Mãe da Igreja”, que ama “o mundo inteiro”.

De resto, “este apelo de Maria não é para uma vez só... é para ser correspondido de acordo com os sinais dos tempos sempre novos”. Que graça imensa tem o homem no horizonte da sua fé nos nossos tempos esse “sinal grandioso: uma Mulher vestida de sol” (Ap 12, 1).

Ao terminar a celebração chega o momento da consagração ao Imaculado Coração de Maria e, no início desta, o Santo Padre manifesta a união a todo o Episcopado como forma de corresponder ao pedido de Nossa Senhora. Não esquecendo, porém, que o Papa tinha escrito uma carta a todos os Bispos do mundo assinada pelo Secretário de Estado, cardeal Casaroli, datada de 20 de abril de 1982, pedindo a união espiritual com todos os bispos do mundo. Muitos foram os bispos que nas suas dioceses promoveram nesse mesmo dia 13 ou em data próxima a consagração das suas dioceses ao Imaculado Coração de Maria. Destarte, o início da consagração mostra-nos o reforçar dessa união:

“Estou aqui, unido com todos os Pastores da Igreja por aquele vínculo particular, pelo qual constituímos um corpo e um colégio, assim como Cristo quis os Apóstolos em unidade com Pedro. No vínculo desta unidade, pronuncio as palavras deste Ato”²⁹⁰.

Ainda no que diz respeito à consagração, destacamos pequenos apontamentos naquilo que mais diretamente diz respeito à consagração da Rússia mesmo que de forma velada. Destarte, na consagração no excerto que diz: “de modo especial Vos entregamos e consagramos aqueles homens e *aquelas nações* que desta entrega e desta consagração particularmente têm necessidade”. Está a itálico a expressão “aquelas nações”, olhando para este sublinhado como contendo a intenção específica que o Santo Padre lhe queria dar.

Outro inciso prende-se, um pouco mais à frente na consagração, “Confiando-vos, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, nós Vos confiamos também a própria consagração em favor do mundo, depositando-a no Vosso Coração materno”. Esta é a versão oficial da consagração que pode ser lida nos meios de comunicação, como seja o jornal *L’Osservatore*

²⁹⁰ *L’OSSERVATORE ROMANO*, Ano XIII, n.º 20 (650), 16 de maio de 1982, p. 14.

Romano²⁹¹ ou no site do Vaticano²⁹². Mas a versão proferida por João Paulo II terá sido diferente, acrescentando-lhe “especialmente aqueles” seguido de um breve silêncio²⁹³. Refazendo o texto com esta alteração vem:

“Confiando-vos, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, ‘especialmente aqueles’ (silêncio), nós Vos confiamos também a própria consagração em favor do mundo, depositando-a no Vosso Coração materno”.

Este “especialmente aqueles” seguido de silêncio foi no pensar de muitos a menção do Papa João Paulo II de algumas nações específicas nas quais se inclui a Rússia. No entender de alguns, a menção especial da Rússia poderá ser feita de vários modos, como os circunlóquios e os silêncios preenchidos com a nomeação em voz baixa²⁹⁴. Outro episódio que também terá ocorrido em Fátima, prende-se com a abordagem feita por um bispo que lhe agradeceu a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, a que o Papa lhe respondeu “e também da Rússia”²⁹⁵. Isto para mostrarmos como era de facto importante para João Paulo II responder ao declarado pedido de Nossa Senhora de Fátima e como ele lhe depositava toda a sua confiança. Não esquecendo que a consagração a Maria aparece como um ato de união à consagração de Cristo, pela humanidade inteira²⁹⁶.

Atento aos acontecimentos do mundo, João Paulo II fez ainda um forte apelo Àquela que é a Rainha da paz, pela paz no mundo em particular pelo conflito que se verificava entre Argentina e Grã-Bertanha a propósito da disputa de soberania sobre as ilhas Malvinas.

Apesar de todos os esforços de João Paulo II para que a consagração correspondesse ao que teria sido transmitido aos videntes, ela não aconteceu assim, segundo a interpretação da Irmã Lúcia. A mesma escreverá mais tarde diretamente ao Papa manifestando-lhe a sua preocupação, porque os bispos do mundo inteiro não foram convocados. A carta enviada pelo cardeal Casaroli, sendo importante, apenas informava do ato a realizar por João Paulo II em Fátima e terá chegado demasiado tarde à maioria dos bispos espalhados pelo mundo.

No dia 13 de maio o Santo Padre ainda esteve em oração aos pés de Nossa Senhora, à mesma hora do atentado de há um ano. E se ao joelhar-se, dizia um jornalista, o Papa “era um homem visivelmente fatigado, vergado sob o peso de tantas dores e responsabilidades, com uma certa tristeza no olhar”, ao terminar a sua oração, após quarenta e cinco minutos, era um

²⁹¹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XIII, n.º 20 (650), 16 de maio de 1982, p. 14.

²⁹² JOÃO PAULO II, Discurso em 13 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820513_vergine-fatima.html, acedido em 25 de agosto de 2017.

²⁹³ Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 94.

²⁹⁴ Cf. Luciano GUERRA, “Fátima e o Romano Pontífice”, in *Apelo e Resposta – Semana de estudos sobre a Mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1983, p. 50.

²⁹⁵ Nota n.º 46 em Luciano GUERRA, “Fátima e o Romano Pontífice”, in *Apelo e Resposta – Semana de estudos sobre a Mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1983, p. 86.

²⁹⁶ Luciano GUERRA, “João Paulo II e Fátima”, in Carlos AZEVEDO, Luciano CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, p. 284.

homem “repousado, sereno e irradiando uma tão profunda alegria!”²⁹⁷. É a manifestação do poder da oração. Este gesto de silenciosa oração era não só expressão da gratidão de João Paulo II para com a Senhora de Fátima, mas também a continuação do ato de consagração na sua oração particular. Tornava-se visível o seu lema pontifício *Totus Tuus*, um lema de confiança e de entrega total. Nesse silêncio, o Papa encontra-se num “Verdadeiro Cenáculo”²⁹⁸ com Maria.

Alguns dias depois na sua alocução na audiência geral de quarta-feira, 19 de maio, o Papa dedica a mesma para falar de Fátima. O Santo Padre falava da peregrinação como uma necessidade do coração, pelas razões sobejamente conhecidas, mas falava também da peregrinação a Fátima como uma manifestação do caminho que a Igreja está a percorrer no fim do século XX e do segundo milénio. Uma Igreja que tendo responsabilidade para com a humanidade inteira, tem de fazer o convite permanente à conversão e à penitência, lutando contra os erros e as forças do mal que negam Deus e se opõem a Deus. Em contraposição aos erros que tão amplamente foram difundidos nos sofridos anos do século XX, a mensagem de Fátima “contém em si a eterna verdade do Evangelho”.

Fazendo em retrospectiva a história de Portugal e olhando para as cidades visitadas na sua vinda a Portugal, atestando que de alguma forma todas elas estão ligadas a Nossa Senhora, João Paulo II reconhecia que “o terreno em que Fátima cresceu, no nosso século, foi preparado por gerações inteiras”²⁹⁹. Foi motivo de alegria para o Papa verificar com os seus próprios olhos a acendrada devoção à Mãe de Deus³⁰⁰. Fátima terá sofrido um grande impulso inicial pela devoção que o povo português tem de há muito para com Nossa Senhora, ainda que depois se tenha imposto por si mesma e se tenha tornado lugar nacional e internacional de peregrinação.

2. A consagração de 1984

Decorria o ano de 1984 quando o Papa publica a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, sobre o sentido cristão do sofrimento humano, e a Exortação Apostólica *Reconciliatio et Poenitentia*, acerca do caminho de conversão e missão da Igreja. Relativamente a ambos os documentos poderemos afirmar que Fátima se encontra refletida neles, como reconhecimento do sofrimento que atravessa o mundo e mensagem de conversão e penitência, tão manifestas na sua

²⁹⁷ José GERALDES FREIRE, *João Paulo II – Peregrino de Fátima. Documentário descritivo da visita a Portugal 12 a 15 de Maio de 1982*, Santuário de Fátima, Fátima, 1983, p. 124.

²⁹⁸ Comparação usada pelo Papa em 11 de fevereiro de 1983. JOÃO PAULO II, Discurso na visita *ad limina apostolorum* das Províncias Eclesiásticas de Lisboa e Évora em 11 de fevereiro de 1983, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/february/documents/hf_jp-ii_spe_19830211_evora-lisbona-ad-limina.html, acedido em 25 de agosto de 2017.

²⁹⁹ JOÃO PAULO II, Audiência de 19 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820519.html, acedido em 25 de agosto de 2017.

³⁰⁰ Saudação em Fátima a 12 de maio de 1982.

mensagem.³⁰¹ Também a experiência vivida pelo Papa na sequência do atentado que sofrera, bem como a visão do mundo atravessado por tanto sofrimento e divisão e necessitado de conversão, ecoam nestes textos.

Centramos agora o nosso olhar na questão da consagração do mundo e da Rússia. Sabemos como até aqui a Irmã Lúcia vinha insistindo recorrentemente acerca da necessidade de se realizar a consagração do mundo, na forma que a vidente entendia ser acertada. No Vaticano toda esta insistência da parte da Irmã Lúcia acerca das condições de validação da consagração causava já algum desgosto, mas o Papa decidiu atender cabalmente a esta questão pedindo esclarecimentos à Irmã Lúcia³⁰². Conforme sublinha um dos maiores estudiosos das aparições marianas: “Jamais os papas foram tão longe para obedecer, com um ato público, à escala da Igreja Universal, ao pedido de uma vidente”³⁰³. A juntar ao tema das condições de validade da consagração, está ainda a discussão acerca da referência expressa à Rússia: terá Nossa Senhora, em julho de 1917, pedido especificamente a consagração da Rússia? ou terá sido essa menção fruto da influência de acontecimentos posteriores, em que o comunismo soviético e a perseguição religiosa na URSS eram já do conhecimento da Irmã Lúcia, e portanto refletidos na sua visão de 1929, em Tuy, e nas suas Memórias, escritas em 1941³⁰⁴?

É pela boca do padre Messias Dias Coelho, que acompanhou o núncio apostólico em Portugal, Mons. Sante Portalupi na sua entrevista com a vidente Lúcia de Jesus, realizada a pedido do Papa, que ficamos a saber do teor dessa conversa³⁰⁵. Nela a Irmã Lúcia é persistente em dizer que a consagração não fora feita devidamente, porque os bispos não tinham sido convocados, mas apenas informados sobre o que ia acontecer em Fátima a 13 de maio de 1982. Referiu também que Nossa Senhora nunca pediu para se mencionar expressamente a palavra “Rússia” no ato de consagração. Deus que lê os pensamentos dos homens, bem sabia o que queria dizer: “aqueles homens e aquelas nações”.

³⁰¹ O Papa fala na sua Audiência geral de quarta-feira 19 de maio de 1982, dedicada à sua peregrinação a Fátima, sobre reconciliação e penitência como tema atual confiado à próxima Sessão do Sínodo dos bispos e que veio a dar lugar à Exortação Apostólica pós-sinodal *Reconciliatio et Penitentia*.

³⁰² Parecia que a história se repetia, ainda que com contornos um pouco diferentes. Também a consagração da Raça Humana ao Sagrado Coração de Jesus foi feita principalmente a pedido da Irmã Maria do Divino Coração, superiora do Convento no Porto da Congregação das Irmãs do Bom Pastor, recebendo aí três revelações divinas a pedir que o Sumo Pontífice fizesse essa consagração. Esta veio a ser realizada a 11 de junho de 1899 por Leão XIII.

³⁰³ René LAURENTIN, “Questões em Suspensão acerca da Consagração”, in *A Pastoral de Fátima – Actas do I Encontro Internacional no 75.º Aniversário das Aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1993, p. 421.

³⁰⁴ Lúcia terá afirmado em muitas ocasiões que Nossa Senhora lhe falou da Rússia em 1917 e da necessidade da sua consagração. A comprová-lo está uma das cartas que escreve ao padre Gonçalves: “Eu só tinha ouvido falar dos galegos e dos espanhóis e não sabia o nome de nenhuma outra nação. Mas o que ouvíamos naquelas aparições de Nossa Senhora ficava-nos de tal maneira gravado aqui dentro, que nunca se esquecia. Por isso sei bem e com certeza que Nossa Senhora falou expressamente da Rússia em julho de 1917”. Cf. José DA CRUZ POLICARPO, “Fátima, a Paz e a Rússia”, in *Fátima e a Paz – Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75.º Aniversário das Aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1993, pp. 120 – 121.

³⁰⁵ Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, pp. 104 – 105.

É no contexto do ano Santo da Redenção que o Santo Padre convoca todos os bispos para fazerem com ele a consagração do mundo a Nossa Senhora. Realiza-se assim uma nova consagração, com os bispos presentes na sexta Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a 16 de outubro de 1983, usando a mesma fórmula utilizada a 13 de maio de 1982, também sabe que, segundo as indicações que o núncio apostólico de Lisboa lhe havia dado, terá de ir mais longe ainda na consagração, segundo interpretação da Irmã Lúcia. Marca o ato de consagração para 25 de março de 1984³⁰⁶, solenidade da Anunciação do Senhor. Para esse efeito convoca todos os bispos do mundo a fazerem o mesmo ato em união consigo. A convocação é feita por carta enviada a 8 de dezembro de 1983, solenidade da Imaculada Conceição.

No dia em que se celebrava o jubileu das famílias, a 25 de março de 1984, diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que tem nas mãos o terço oferecido pelo próprio Santo Padre em Fátima, aquando da sua peregrinação, depois de celebrada a Eucaristia, o Papa faz o ato de entrega do mundo e dos povos à Senhora de Fátima³⁰⁷. O texto usado neste dia é substancialmente o mesmo de 1982, com alguns acrescentos fazendo referência ao Ano Santo da Redenção e mais alguns breves apontamentos dos quais destacamos: “Iluminai de modo especial os povos dos quais esperais a nossa consagração e a nossa entrega”³⁰⁸.

Com esta forma implícita³⁰⁹ de nomear a consagração e entrega da Rússia ao Imaculado Coração de Maria e com a convocação antecipada para todos os bispos do mundo se unirem ao Papa, temos então a consagração realizada nos termos considerados como válidos, na perspetiva da vidente Lúcia de Jesus e que João Paulo II aceitara. É o próprio Papa que, na despedida, apelida este ato de consagração como solene, sentido e sofrido, dirigido ao Imaculado Coração de Maria e por ele ao do Seu Filho Redentor³¹⁰. Depois, numa manifestação com cariz de devoção pessoal, reza:

“Nossa Senhora de Fátima, a quem somos tão devotos e tão reconhecidos, também no sentido mais íntimo e pessoal, quisestes visitar-nos neste dia tão importante, aqui em Roma. Como Vos estamos gratos! Como Vos estamos reconhecidos! Que graça nos fizestes com esta Vossa presença, direi, pessoal!... Beijo os Vossos pés por terdes querido dirigir os Vossos passos até nós”.

³⁰⁶ Na carta enviada a todo o Episcopado, João Paulo II dá a possibilidade de fazer o ato de consagração no dia 24 de março, antecipando liturgicamente a solenidade mariana ou no próprio dia 25 de março.

³⁰⁷ Não terá sido pacífico a decisão de levar a imagem de Nossa Senhora de Fátima a Roma. Reunido com os seus conselheiros não se entenderam quanto à imagem a ter presente no ato de consagração a Nossa Senhora. Como a reunião estava a ficar muito longa e sem resolução à vista, João Paulo II decide terminar a reunião com uma oração, oração esta que era simplesmente o “Avé de Fátima”. Estava tomada a decisão. Uma decisão Papal bem pessoal.

³⁰⁸ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XV, n.º 14 (748), 1 de abril de 1984, p. 4.

³⁰⁹ Nesta consagração manteve-se também a expressão que tinha sido feita na anterior consagração. “De modo especial Vos entregamos e consagramos aqueles homens e aquelas nações que desta entrega e desta consagração particularmente têm necessidade”.

³¹⁰ JOÃO PAULO II, Discurso em 25 de março de 1984, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1984/march/documents/hf_jp-ii_spe_19840325_statua-fatima.html, acedido em 26 de agosto de 2017. Cf. Saudação de despedida a Nossa Senhora de Fátima em *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XV, n.º 14 (748), 1 de abril de 1984, p. 4

Esta presença de encontro com Maria evidencia a convicção daquele que se abandonou totalmente a ela. Mas esta relação patenteia também a relação intrínseca de Fátima com a Sé de Pedro.

Numa atitude de reverência filial para com Maria, o Papa pede a Nossa Senhora de Fátima permissão para a bênção pontifícia, para “conceder ainda na Vossa presença uma Bênção a todos os que aqui se encontram e à Igreja Inteira de Roma”.

Podemos refletir sobre o sentido do Papa João Paulo II ter feito a consagração do mundo. A resposta parece vir-nos do próprio Concílio Vaticano II na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* no seu número 34, “os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo”. Se isto se aplica aos leigos, com mais razão se aplica a quem fez da sua vida uma configuração com Cristo, presbíteros, bispos e o próprio Papa. Pela sua solicitude pastoral haverão de consagrar todo o mundo a Deus, que é o mesmo que dizer, haverão de querer encaminhar todo o mundo para Deus. Mesmo em tempos difíceis. Mas com a certeza de que, consagrando o mundo a Maria, têm o amor de uma Mãe que tudo faz pelos seus filhos.

Se considerarmos que a consagração implica sempre um ato de entrega, então ele ainda não tinha terminado. Neste ato de consagração recordamos mais uma entrega. No dia seguinte, após o almoço, João Paulo II entrega ao bispo de Leiria, uma pequena caixa com as armas pontificias. “Aqui está um presente para entregar a Nossa Senhora” - diz o Santo Padre, como que finalizando agora a consagração. Esta pequena caixa continha a bala do atentado. Ele mesmo, com as suas preocupações, se entrega mais uma vez a Nossa Senhora de Fátima. João Paulo II assinala mais uma vez a correspondência filial e constante ao amor de Maria, Mãe dos povos, Mãe da Igreja, sua Mãe. Para além do significado imediato associado ao sofrimento e morte, a bala que viria a ser encrustada na coroa da Senhora de Fátima ganha agora novos atributos gramaticais: “E assim aquela coroa, símbolo de amor e gratidão pelo passado, de fé e de vassalagem no presente, torna-se ainda, para o futuro, coroa de lealdade e de esperança”³¹¹. A bala fria, gelada como a morte, transforma-se agora em sinal de proteção³¹². Nesta bala está impressa a humanidade peregrina e sofredora, mas também o divino que a toca com a sua própria mão. No reconhecimento desta mão, acontecerá o perdão de quem sofreu e ao mesmo tempo se sente agraciado por Deus. A bala leva-nos ao sangue dos mártires que, no dizer de Tertuliano, é semente de cristãos. Num ato de profunda gratidão para com todos os benefícios

³¹¹ Discurso e radiomensagem de Pio XII aquando da coroação de Nossa Senhora de Fátima.

³¹² Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 121, nota de rodapé n.º 140.

que Nossa Senhora lhe concedeu, ei-lo ao Papa, peregrino na terra, oferecendo a bala que o trespassou, oferecendo o símbolo de uma entrega e de um perdão. A bala pode considerar-se, assim, símbolo de um diálogo possível com Deus, mediado por Nossa Senhora. A Nossa Senhora tudo podemos confiar, o que é bom e o que é mau. Ela tudo acolhe, tudo guarda e medita no seu coração (Cf. Lc 2, 19), para encaminhar a Cristo e assim se torna possível o triunfo do amor nos dramas da história³¹³. “É profundamente consolador saber que estais coroada não só com a prata e o ouro das nossas alegrias e esperanças, mas também com a bala das nossas preocupações e sofrimentos”³¹⁴.

3. A peregrinação de 1991

A 13 de maio de 1991 João Paulo II vem novamente a Fátima, naquela que é a sua 50.^a viagem apostólica. Os motivos da sua vinda são sempre o da profunda gratidão pela “mão materna” que o salvara no atentado, agora que distam 10 anos dessa efeméride que Deus marcou tão fortemente na sua vida. Vem, pois, numa atitude de gratidão pessoal, marcada também pelas recentes mudanças geopolíticas e militares na Europa, vem agradecer à Senhora de Fátima por tudo quanto fez “nestes anos difíceis pela Igreja, por cada um de nós e pela humanidade inteira”³¹⁵. “Obrigado, Celeste Pastora por terdes guiado com carinho maternal os povos para a liberdade!”³¹⁶. À sua chegada ao aeroporto da Portela o Papa diz das suas razões para estar novamente em Fátima:

“Venho a Portugal igualmente para me dirigir pela segunda vez a Fátima, a fim de agradecer a Nossa Senhora a proteção dada à Igreja nestes anos, que registaram rápidas e profundas transformações sociais, permitindo abrirem-se novas esperanças para vários povos oprimidos por ideologias ateias que impediam a prática da fé.

Leva-me ainda a esse santuário o desejo de renovar a minha gratidão pela especial proteção da Virgem Mãe, que me salvou a vida no atentado de há 10 anos...”³¹⁷.

Não podemos esquecer que o mundo soviético se desmoronara e que uma nova Europa começava a formar-se. “É na Polónia que o rosto da nova Europa, casa comum europeia, começou a formar-se, graças ao Solidariedade, e nenhum acontecimento o poderá ofuscar”³¹⁸. No final do ano de 1989, Mikhail Gorbachev³¹⁹ anuncia o fim da política de soberania limitada

³¹³ Rui RUIVO, “Expressões de proximidade dos Papas a Nossa Senhora de Fátima”, in *Maria – Mãe de Cristo, Mãe da Igreja*, Associação de Estudantes da Faculdade de Teologia de Lisboa, Lisboa, pp. 73 – 74.

³¹⁴ Excerto da oração de Bento XVI a Nossa Senhora de Fátima no dia 12 de maio de 2010. João LAVRADOR e Luciano CRISTINO, *Bento XVI e Portugal – Contigo caminhamos na esperança*, Paulus, Lisboa, 2010, p. 43.

³¹⁵ Do ato de consagração de 13 de maio de 1991.

³¹⁶ Saudação durante a vigília mariana no Santuário de Fátima. *L’OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXII, n.º 20 (1120), 19 de maio de 1991, p. 10.

³¹⁷ *L’OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXII, n.º 20 (1120), 19 de maio de 1991, p. 2.

³¹⁸ Excerto do discurso de saudação de João Paulo II ao novo presidente polaco, Lech Walesa em 5 de fevereiro de 1991. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 127.

³¹⁹ Último líder da União Soviética.

face aos países do bloco de Leste, as tropas soviéticas começavam a sua retirada, iniciava-se o desmantelamento da Cortina de Ferro³²⁰. Em novembro de 1989 verificava-se a queda do muro de Berlim. Caminhava-se para a liberdade dos povos. Os cristãos ortodoxos tinham inteira liberdade de culto, situação que constituía também um novo desafio para as relações ecuménicas entre a Igreja católica e a Igreja ortodoxa.

A 1 de dezembro de 1989 Gorbachev encontrara-se no Vaticano com João Paulo II. No discurso que faz a Gorbachev, pode ver-se o Papa como um homem de esperança que aponta para caminhos de diálogo, de entendimento e de cooperação. Os planos dos homens começavam a ganhar alinhamento com os planos de Deus.

“Senhor Presidente, este encontro não pode deixar de atingir vivamente, na sua novidade, a atenção da opinião pública mundial, como algo de singularmente significativo, sinal dos tempos lentamente amadurecidos e rico de promessas.

A Santa Sé acompanha com grande interesse o processo de renascimento empreendido por Vossa Excelência na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, formula votos de bom êxito e está pronta a favorecer toda a iniciativa, que sirva para melhor proteger e harmonizar os direitos e deveres da pessoa e dos povos, a fim de salvaguardar a paz na Europa e no mundo”³²¹.

Numa primeira visita aos países ex-soviéticos em 1993, João Paulo II referia que na queda dos regimes comunistas e de marxismo ateu podia ver-se o dedo de Deus. É o Deus que age constantemente na história da humanidade. Mas, advertia o Papa polaco, não se podia ser simplista e dizer que Deus fez cair o comunismo sem mais. Atentemos num breve excerto de uma resposta a uma interpelação de Vittorio Messori que ia nesse sentido:

“E que dizer das três crianças portuguesas de Fátima... Não conheciam a história nem a geografia, e ainda menos se orientavam em matéria de movimentos sociais e de desenvolvimento das ideologias. E, todavia, aconteceu exatamente o que haviam anunciado.

Talvez, também, por isto, o Papa tenha sido chamado de um país distante, talvez por isso fosse necessário que se desse o atentado na praça de São Pedro, precisamente a 13 de Maio de 1981, aniversário da primeira aparição em Fátima, a fim de que tudo isto se tornasse mais transparente e compreensível, a fim de que a voz de Deus, que fala na história do homem mediante os sinais dos tempos, pudesse ser mais facilmente ouvida e compreendida.

Isto, pois, é o Pai que trabalha constantemente, e isto é o Filho, o qual também trabalha, e isto o invisível Espírito Santo que é Amor, e como Amor é incessante ação criativa, salvífica, santificante e vivificante.

Seria, pois, simplismo dizer que foi a Divina Providência a fazer cair o comunismo. O comunismo como sistema, em certo sentido, caiu por si. Caiu em consequência dos seus próprios erros e abusos...”³²².

³²⁰ Polónia, Hungria, Checoslováquia e República Democrática Alemã.

³²¹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XX, n.º 50 (1046), 10 de dezembro de 1989, p. 3.

³²² JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, Vittorio MESSORI (edit.), Planeta, Lisboa, 1994, pp. 119 – 123. A interpelação feita por Vittorio MESSORI: “Deus parece calar-se, mas na realidade, não cessa de agir... Vossa Santidade insistiu frequentemente numa Sua convicção: na derrocada do marxismo ateu pode discernir-se o *digitus Dei*, o dedo de Deus...”

Neste mundo em profunda transformação, o Papa vem a Fátima para agradecer, mas também para lhe confiar os novos tempos que se avizinhavam³²³. Esta sua viagem apostólica a Portugal tinha também a missão de assinalar os quinhentos anos da expansão missionária portuguesa. Para o efeito celebrou-se missa em Lisboa no dia 10 de maio, primeiro dia da viagem do Santo Padre a Portugal.

Com esta visita que o Papa fazia ao Santuário reforçava-se o papel do Santuário de Fátima como símbolo do século XX e suas vivências, na sua estreita relação com as mudanças políticas verificadas no final do século. Escrevia o jornalista italiano, Mário Agnes, no jornal *L'Osservatore Romano* a propósito desta peregrinação ao Santuário mariano de Fátima:

“Estamos aqui no Santuário Mariano, símbolo das vicissitudes históricas dos anos 90, num lugar da geografia da fé, onde, de modo mais do que evidente, a fé se tornou história e faz a história. A vicissitude, de facto, religiosa e política deste século, que teve o seu ápice nos eventos deste decénio, traz o sinal inconfundível desta fé”³²⁴.

Isto vai ao encontro do que o próprio João Paulo II afirmou no discurso feito ao Episcopado português no dia 13 de maio: “Da Cova da Iria parece desprender-se uma luz consoladora cheia de esperança que diz respeito aos factos que caracterizam o fim deste segundo milénio”³²⁵. Neste mesmo dia, simbolicamente, João Paulo II assina a convocatória do Sínodo Europeu dos Bispos, convocando-os para a 1.^a Assembleia especial para a Europa³²⁶, a decorrer entre 28 de novembro e 14 de dezembro próximos, sob o lema: “somos testemunhas de Cristo que nos libertou”. Livres para evangelizar, parecia ser o mote dado. Numa Europa que agora surgia mais livre e tolerante quanto às confissões religiosas.

Na sua homilia o Santo Padre medita sobre a permanência de Maria junto à Cruz de seu Filho, a mesma cruz que é a cruz de toda a história e portanto, também deste século XX. O papel de Maria na humanidade foi desde sempre importante para levar os homens ao essencial: “Estiveste e continuas a estar velando, com mil cuidados de Mãe, e defendendo com a Tua poderosa intercessão, o amanhecer da Luz de Cristo no seio dos povos e nações”³²⁷. Significativa, nesta peregrinação, foi presença do embaixador da URSS, no seio dos membros

³²³ Podemos recordar aqui a conversão da Rússia, que no dizer de D. Tadeusz Kondrusiewicz, arcebispo de Moscovo, não é só mudar de regime, mas é preciso mudar os corações e as mentalidades. A Rússia vivia um vazio espiritual, porque o homem soviético tinha sido educado sem preparação religiosa, sem noção de pecado. Do ponto de vista moral colocava-se um grande problema à Rússia, o dinheiro é que ditava as regras aumentando a máfia e o crime organizado. Este testemunho foi recolhido pela Rádio Renascença em outubro de 1991 durante a peregrinação de D. Tadeusz a Fátima. Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5.^a edição, Cascais, 2010, p. 149.

³²⁴ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXII, n.º 20 (1120), 19 de maio de 1991, p. 15.

³²⁵ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXII, n.º 20 (1120), 19 de maio de 1991, p. 12.

³²⁶ A 2.^a Assembleia especial para a Europa viria a realizar-se em outubro de 1999.

³²⁷ Da homilia proferida no Santuário de Fátima no dia 13 de maio. *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXII, n.º 20 (1120), 19 de maio de 1991, p. 14.

do corpo diplomático presentes na peregrinação, Guennadi Guerassimov, antigo porta-voz de Mikhail Gorbatchev³²⁸.

Já na sua despedida, ao almoço do dia 13, o Papa referiu a grande devoção e fidelidade das gentes portuguesas a Nossa Senhora, reconhecendo a grande difusão da mensagem de Fátima em todo o mundo e a grande afluência de peregrinos de todo o mundo ao Santuário de Fátima, levando-o então a afirmar que “Fátima é a capital espiritual da devoção mariana na Europa, no Mundo”³²⁹. A Senhora de Fátima foi ganhando espaço nas devoções marianas ao longo de um século. Nas múltiplas invocações de Maria, Nossa Senhora de Fátima tornava-se como que representante de todas elas. A comprovar isto, estão a idas a Roma da imagem de Nossa Senhora de Fátima a pedido dos sucessivos Papas, como representação mariana, uma e única Mãe da humanidade.

No seu discurso de despedida, João Paulo II recordava a frase do Cardeal Cerejeira: “não foi a Igreja que impôs Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja” e aos homens de boa vontade³³⁰.

4. A peregrinação de 2000

Com o objetivo de beatificar os dois videntes mais novos, Francisco e Jacinta Marto, João Paulo II foi a Fátima. Embora já debilitado pela idade e pela doença, o Papa decidiu ir a Fátima, assegurando a sua presença física, pela terceira vez durante o período do seu pontificado³³¹. Naquela que foi a sua 92.^a viagem apostólica, foi à Cova da Iria com toda a Igreja, para a beatificação dos pastorinhos, foi à “terra que lhes deu o berço e, agora, o altar”³³².

Esta sua terceira peregrinação ao Santuário de Fátima não estava de todo prevista naquele que foi o meticuloso programa do Jubileu da Redenção. As viagens que estavam agendadas para esse ano tinham ligação à Redenção. Peregrinar até ao Santuário de Fátima aconteceu, mais uma vez, por decisão pessoal, contra muitas das opiniões dos seus colaboradores mais próximos.

Chegado no dia 12 de maio ao Santuário de Fátima, dirige-se primeiramente à Capelinha das Aparições e aí, de joelhos e em silêncio, reza à Virgem Maria. Depois da oração em louvor a Maria, num gesto de humilde confiança e gratidão, o Santo Padre entrega aos pés de Nossa

³²⁸ Cf. Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5^a edição, Cascais, 2010, p. 144.

³²⁹ José GERALDES FREIRE, *Segunda Peregrinação de João Paulo II a Fátima – Maio 1991*, Santuário de Fátima, Fátima, 1992, p. 97.

³³⁰ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXIX, n.º 825, 13 de junho de 1991, p. 6.

³³¹ “Todos os dias vou espiritualmente a Fátima”. Esta foi a resposta que o Santo Padre deu ao ser questionado, quando voltaria a Portugal, pela jornalista Aura Miguel, aquando da visita ao Vaticano de António Guterres como primeiro ministro. Testemunho recolhido por nós junto da jornalista.

³³² *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 6.

Senhora de Fátima o seu anel *Totus Tuus*. Na mensagem escrita³³³ que acompanha o anel, manifesta essa profunda gratidão, não só pela proteção que lhe concedeu no atentado, mas por toda a proteção concedida ao longo da sua vida. O Papa reconhece que a sua vida vem sendo acariciada pela mão de Maria, como um milagre dado pela misericórdia de Deus. Uma das formas mais belas em que João Paulo II manifestou esse seu reconhecimento ocorreu por ocasião da sua viagem ao Brasil em outubro 1991. Nessa altura, o Episcopado brasileiro brinda ao seu 13.º aniversário pontifício, ao que o Papa respondeu: “Não se pode falar em treze anos. O que está certo é dizer que foram três anos de pontificado e dez de milagre!”³³⁴.

A oferta do seu anel representa assim este reconhecimento agradecido de viver neste milagre, que é o mesmo que dizer viver na misericordiosa providência divina. Se o anel papal tem sempre uma forte simbologia petrina, este veicula também uma simbologia mariana, pela efígie de Nossa Senhora e a epígrafe nele gravadas, inspirada no tratado da verdadeira devoção a Maria de S. Luís Maria Grignon de Montfort.

À luz do *Totus Tuus* mariano podemos ver não só o chamamento devocional do Papa João Paulo II, mas também o projeto e o programa do seu longo pontificado³³⁵. Com Maria, percorrendo os caminhos da história, para conduzir a humanidade a Cristo. Nesta sua terceira peregrinação a Fátima, pode descortinar-se em João Paulo II um coração cheio de gratidão.

Na homilia que fez, toda ela em volta da relação de Deus com os mais pequeninos³³⁶, aplicada aos pastorinhos de Fátima, não deixou de fazer referência à ajuda e intercessão de Nossa Senhora, Mestreira do bom conselho. Parafraseando São Luís Maria de Montfort, dizia que “se avança mais em pouco tempo de submissão e dependência de Maria, que durante inteiros anos de iniciativas pessoais, apoiados apenas em si mesmos”³³⁷.

Quem anda na escola de Maria, recebe na vida alegria e dá a conhecer Maria aos outros. Vidas iluminadas pela luz que daquelas mãos maternas saiu e que nos pastorinhos penetrou intimamente. Como os pastorinhos se tornaram conhecidos pelo mundo inteiro, pela escola de Maria, assim essa proposta está aberta a todos em qualquer lugar. Já na 1ª peregrinação 1982, João Paulo II dizia: “três crianças, filhas de gente humilde do campo, os pastorinhos de Fátima,

³³³ A acompanhar o anel ficou também uma mensagem escrita: “Este anel, com a efígie de Nossa Senhora e as palavras «*Totus Tuus*», foi-me dado pelo cardeal Stefan Wyszynski, nos primeiros dias do meu Pontificado. Com muita alegria, ofereço-o a Nossa Senhora de Fátima em sinal da minha profunda gratidão pela proteção que me tem concedido”. *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXVIII, n.º 933, 13 de junho de 2000, p. 4.

³³⁴ Aura MIGUEL, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010, p. 146.

³³⁵ Angelo AMATO, “João Paulo II e o ‘segredo’ de Fátima”, in *Fátima para o século XXI - Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, p. 524.

³³⁶ “Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelastes aos pequeninos”. (Mt 11, 25).

³³⁷ Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem, n.º 155.

como são conhecidos universalmente”³³⁸. “Duas candeias que Deus acendeu para aluminar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas”³³⁹. Parecem-nos ser estas as melhores palavras para melhor definir aquilo que foi a beatificação das duas crianças. Conhecedor profundo da mensagem e história de Fátima, o Santo Padre ao agradecer e celebrar a bondade do Senhor por ter sido salvo da morte, exprime igualmente a sua gratidão para com a “beata Jacinta pelos sacrifícios e orações oferecidas pelo Santo Padre, que ela tinha visto em grande sofrimento”. Estas crianças tornaram-se exemplos de vida evangélica, dirá João Paulo II na sua audiência geral de quarta-feira a 17 de maio. A sua santidade não depende das aparições, mas da fidelidade e empenho que com as suas pequenas vidas responderam ao apelo de Deus por meio de Maria. Foi pela sua fidelidade a Deus que se tornaram exemplo luminoso de como a ação divina transforma³⁴⁰.

Neste que era um grande dia para a Igreja católica por ver reconhecido publicamente mais dois filhos seus como beatos, acresce ainda a revelação da terceira parte do segredo de Fátima. Esta revelação foi feita em linhas gerais pelo Secretário de Estado, cardeal Angelo Sodano, ficando a divulgação do texto integral, escrito pela Irmã Lúcia, a cargo da Congregação para a Doutrina da Fé³⁴¹. A decisão de tornar pública a terceira parte do segredo, dirá o Papa, foi por lhe parecerem “já amadurecidos os tempos”³⁴². Amadurecidos os tempos, o mesmo é dizer que todas as alterações verificadas ao longo dos últimos anos do difícil século XX ganhavam passos sólidos no caminho da conversão. Amadurecidos os tempos, o mesmo é dizer que as consciências dos povos, deste histórico período conturbado, teriam agora capacidade para perceber a ação de Deus na história e a forma como o homem conseguiu percorrer o caminho do bem, o caminho da conversão. Não que estivesse completamente amadurecido na fé, em perfeita harmonia. Como referimos anteriormente, há sempre uma necessidade de permanente conversão que faz como que a mensagem de Fátima seja sempre atual. “Não é difícil, então compreender melhor quanta misericórdia Deus derramou sobre a Igreja e a humanidade por meio de Maria”³⁴³. Para isto em muito contribuiu a oração e penitência de tanta gente.

Na comunicação que Angelo Sodano fez nesse dia, refere a ligação da proteção materna a João Paulo II, durante o atentado, com a terceira parte do segredo de Fátima. Apresenta a terceira parte do segredo como:

“uma visão profética, comparável às da Sagrada Escritura, que não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo factos que se prolongam no tempo, numa sucessão e duração

³³⁸ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LX, n.º 717, 13 de junho de 1982, p. 4.

³³⁹ *VOZ DA FÁTIMA*, Ano LXXVIII, n.º 933, 13 de junho de 2000, p. 5.

³⁴⁰ Cf. *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 12.

³⁴¹ Esta divulgação aconteceu a 26 de junho de 2000.

³⁴² *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 12.

³⁴³ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 12.

não especificadas. Em consequência, a chave de leitura do texto só pode ser de carácter simbólico”³⁴⁴.

Pelo que é dito acerca da terceira parte do segredo, como uma visão profética de acontecimentos sem uma sucessão e duração específicas, podemos dizer que a mensagem de Fátima não se refere só a acontecimentos passados, ela tem toda a força da atualidade, pois o apelo à conversão e à penitência feito no início do século XX, são a manifestação da solicitude materna de Maria sempre atenta para com os seus filhos de todos os tempos³⁴⁵.

Os cristãos questionam-se e manifestam-se muitas vezes acerca da necessidade de acreditar ou não nas aparições e mensagem de Fátima para serem cristãos. É óbvio e claro que, segundo a tradição e o magistério da Igreja, tal não é necessário, o Evangelho de Jesus Cristo é a revelação plena na qual o cristão deve e tem de acreditar. Mas, uma coisa é aceitar Fátima e outra é acreditar em Fátima. Uma coisa é aceitar Fátima como acontecimento social e mundial que influenciou o rumo do século XX, outra coisa é aceitar a mensagem de Fátima. No entanto não será fácil separar as componentes³⁴⁶.

Perante as visões privadas, o cristianismo procede com uma atitude de cautela, mas também de abertura para com as mesmas. Apesar da não dogmaticidade das visões privadas e do seu conteúdo³⁴⁷, parece-nos importante pensar naquilo que Fátima tem a dizer aos cristãos. João Paulo II sublinha e apresenta Fátima como mensagem em conformidade com a revelação cristã³⁴⁸. “De Fátima difunde-se pelo mundo inteiro uma mensagem de conversão e esperança, uma mensagem que, em conformidade com a revelação cristã, está profundamente inserida na história”³⁴⁹. No dizer de Eloy Bueno de la Fuente as visões são consideradas como momento de uma teologia narrativa que percebe a presença de Deus na história dramática da humanidade³⁵⁰. Uma mensagem com uma atualidade intacta.

O comentário teológico à terceira parte do segredo vem ajudar a esclarecer esta questão. A 26 de junho, no Vaticano, e como fora anunciado previamente, a Congregação para a Doutrina da Fé³⁵¹ divulga a terceira parte do segredo de Fátima, em conferência de imprensa e apresenta

³⁴⁴ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 9

³⁴⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Mensagem para o Dia Mundial do Doente, 1997, n.º 1, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/sick/documents/hf_jp-ii_mes_16101996_world-day-of-the-sick-1997.html, acessado em 30 de agosto de 2017. A Jornada Mundial do Doente realizou-se no ano 1997 em Fátima a 11 de fevereiro.

³⁴⁶ João César das NEVES, *O século de Fátima*, Lucerna, 2.ª edição, S. João do Estoril, 2008, pp. 12 – 13.

³⁴⁷ Carlos Moreira AZEVEDO, *Fátima – Das visões dos pastorinhos à visão cristã*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2017, pp. 64 – 74.

³⁴⁸ De realçar que todo o magistério da Igreja, a começar pelo bispo de Leiria, tomaram sempre isto como condição para as visões serem consideradas como dignas de crédito.

³⁴⁹ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 21 (1588), 20 de maio de 2000, p. 12.

³⁵⁰ Cf. Eloy Bueno de la FUENTE, *A Menagem de Fátima – A misericórdia de Deus: O triunfo do amor nos dramas da história*, Santuário de Fátima, Fátima, 2014, p. 41.

³⁵¹ Congregação que colabora mais diretamente com o Papa para a defesa da verdadeira fé cristã e que conservou desde 1957 a carta manuscrita da Irmã Lúcia com a terceira parte do segredo.

um comentário teológico pelo Perfeito da mesma Congregação, cardeal Joseph Ratzinger. O comentário introduz o interlocutor no sentido da profecia e do valor da linguagem simbólica, conforme à própria tradição cristã. Com a revelação da terceira parte do segredo, “o véu do futuro não é rasgado”³⁵² para que se possa entrar nele e saber aquilo que vai acontecer ao mundo e a nós. Isso não é a profecia.

Pode dizer-se que, olhando o sangrento século XX, Fátima foi a escola que a humanidade, e em particular a Igreja, precisou para aprender a caminhar no meio do sofrimento. Perante as atrocidades cometidas contra a humanidade neste século, só uma ajuda materna podia indicar o caminho. Perante um século contraditório - por um lado, com acontecimentos que ameaçavam o sentido da vida humana (as guerras mundiais, o nazismo, o comunismo ateu) - e, por outro lado, acontecimentos que dignificavam o ser humano (a afirmação mundial dos direitos humanos³⁵³, a vacinação generalizada, o progresso e desenvolvimento dos povos) - Fátima foi um sinal para ajudar a conduzir a Igreja, pequena barca numa grande tempestade de ideologias e acontecimentos, num século levado ao limite, que se descobre capaz de muito, de se levar até à sua autodestruição³⁵⁴. Mas porque levado ao limite descobre-se também ele limitado, sempre precisado do Coração Imaculado de Maria como refúgio e caminho que conduza a Deus. Fátima, como sinal que ajuda a Igreja a atravessar o séc. XX, mostra-nos que qualquer um dos Papas teve um papel importante e preponderante, como é realçado no comentário teológico à terceira parte do segredo:

“Na Via Sacra deste século, tem um papel especial a figura do Papa. Na árdua subida da montanha, podemos sem dúvida ver figurados conjuntamente diversos Papas, começando de Pio X até ao Papa atual, que partilharam os sofrimentos deste século e se esforçaram por avançar, no meio deles, pelo caminho que leva à cruz. Na visão, também o Papa é morto na estrada dos mártires”³⁵⁵.

Conduzir a Deus, é este o sentido da revelação privada que assim viu reconhecido o seu crédito. As visões de Fátima são dignas de crédito e dignas de serem vividas, manifestando que o destino do homem não é imutável, mas que o homem tem na sua vida liberdade de escolha para fazer o bem. Simbolicamente, a bala que mata pode já não matar mais, porque a fé e a oração têm uma palavra a dizer na história da humanidade. A bala surge assim como expressão concreta do Coração Imaculado que triunfa no mundo. “No mundo tereis tribulações; mas, tende confiança: Eu já venci o mundo!” (Jo 16, 33). A mensagem de Fátima convida a confiar

³⁵² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Mensagem de Fátima em 26 de junho de 2000, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html, acedido em 30 de agosto de 2017.

³⁵³ A Declaração Universal dos Direitos Humanos, que delinea os direitos humanos básicos, foi adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

³⁵⁴ Cf. João César das NEVES, *O século de Fátima*, Lucerna, 2.ª edição, S. João do Estoril, 2008, pp. 19-20.

³⁵⁵ *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXI, n.º 27 (1594), 1 de julho de 2000, p. 12.

nesta promessa de Jesus³⁵⁶. Foi isso que João Paulo II viveu e quis deixar expresso no seu testamento: “Na vida e na morte *Totus Tuus* mediante a Imaculada”³⁵⁷.

³⁵⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Mensagem de Fátima em 26 de junho de 2000, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html, acedido em 30 de agosto de 2017.

³⁵⁷ Do testamento de João Paulo II no seu acréscimo de 5 de março de 1982. *L'OSSERVATORE ROMANO*, Ano XXXVI, n.º 16 (1844), 20 de maio de 2000, p. 12.

CONCLUSÃO

Podemos olhar para a dinâmica dos acontecimentos de Fátima como sendo uma dinâmica do encontro, encontro dos crentes com o sobrenatural e manifestação mariofânica, logo encontro do divino com a humanidade, arriscando mesmo falar de Fátima como fazendo parte de uma teologia do encontro. Primeiramente, de acordo com a teologia católica, o encontro de Deus com a humanidade. Se Deus se manifestou e veio ao encontro do ser humano de forma única e definitiva na encarnação do Verbo, feito homem, não menos verdade é este Deus que deseja que a vontade do coração do homem seja o querer repousar em Deus, manifestando-se em cada tempo, afim de lhe indicar os caminhos que conduzam à salvação. Nesta perspectiva, Fátima fala-nos do Deus que se encontra com a humanidade, através de Maria. Um Deus que é Pai e que quer o melhor para os seus filhos, portanto adverte e corrige, como sugere a mensagem de Fátima, num apelo à oração e conversão. Fátima diz-se numa teologia cordial, com o coração largo do Pai que ama e ao qual se associa o Coração Imaculado de Maria que cercado de espinhos sofre as dores dos seus filhos, mas que não deixa de ser refúgio e caminho que conduz a Deus.

Aceitando Fátima como este encontro contemporâneo de Deus com a humanidade e da humanidade com Deus, sendo as visões de Maria e a sua mensagem uma revelação privada, a Igreja nunca poderia impor ou decretar como obrigatório acreditar nos acontecimentos de Fátima. Fátima não é dogma de fé. No entanto, como referíamos na introdução deste trabalho e como podemos ver ao longo do mesmo, é a fé das pessoas que faz a dinâmica de Fátima. Olhando para aquela que se denominou como mensagem de Fátima e sendo esta consentânea com o Evangelho, compreende-se a importância que esta ganhou na pastoral da Igreja, propondo-a como credível na perspectiva cristã.

Dirão alguns que Fátima é “fabricação humana”, e nós só podemos concordar. Se por um lado o divino se manifesta em Fátima por meio da “Senhora mais brilhante que o sol”, por outro tem o homem como destinatário dessa manifestação e, portanto, Fátima é também construção humana, porque implica uma resposta do ser humano. Não uma construção com tons de artificialidade, mas naquilo que Fátima é, de mais essencial, como acontecimento religioso. Na materialização do Santuário de Fátima, que foi crescendo para acolher da melhor forma os peregrinos que à recôndita montanha da Cova da Iria peregrinavam - onde se incluem os Papas e seus legados - e que em muito contribuíram para a melhoria do que é hoje o Santuário, estão presentes dinâmicas sociais, económicas, religiosas, culturais, onde se inserem a iniciativa, a criatividade, a inventividade e tudo aquilo de que o ser humano necessita e é capaz para o encontro. Espiritualmente, Fátima contribuiu e continua a contribuir, nos secretos desígnios de

Deus, para a conversão e encontro de tantos homens que se vão construindo à imagem de Deus, e que se refugiam nessa habitação de Deus que é o Imaculado Coração de Maria, que se amplia à categoria de altar do mundo, na procura da universalidade cristã.

Se pela prudência que caracteriza a Igreja, as aparições de Fátima levaram alguns anos até serem consideradas como dignas de crédito, pela fé e curiosidade, as aparições de Fátima foram desde logo acreditadas por muitos. O próprio Papado foi tendo manifestações de aproximação aos acontecimentos de Fátima, mesmo antes das aparições serem consideradas dignas de crédito, e que nos permitem ver uma aprovação implícita por parte da Autoridade máxima da Igreja católica, como referido no primeiro capítulo. É este mesmo registo de adesão pessoal e de reconhecimento eclesial que nos ajuda a compreender que aquando das suas deslocações a Fátima, desde Paulo VI a Francisco, os Papas se assumam como peregrinos. Podemos olhar esta atitude como uma questão teológica. Não sendo Fátima dogma de fé, o Papa vem a Fátima primeiramente não como Romano Pontífice, mas como peregrino entre os peregrinos.

O Papa peregrino que não impõe Fátima à Igreja, mas que propõe Fátima como escola de Maria, onde o silêncio orante de quem contempla Maria se faz escola de fé, porque nesse silêncio estão todas as preocupações que cada peregrino traz consigo, acreditando em Deus que se faz próximo. No silêncio feito pelo Papa peregrino, diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, estão as preocupações do Papa que não são outras se não as da Igreja e de toda a humanidade. O silêncio do Papa traz inscrito consigo um ato de confiança e de esperança n'Aquela que é para os cristãos verdadeira fonte de esperança. Se as aparições nos dias 13, de maio a outubro e o que nelas aconteceu, são o núcleo da mensagem de Fátima, não menos importante são as visões posteriores de Lúcia e que são entendidas como um reforçar dessa mensagem. A enriquecer a mensagem de Fátima na conversão, sacrífico e oração do terço, há a comunhão reparadora, a devoção dos cinco primeiros sábados e a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, pedidos nas visões de Tui e Pontevedra. Nestas visões a Santíssima Trindade tem lugar central, tal como já se havia manifestado nas aparições angélicas de 1916. A conceção cristã trinitária diz-se, nestas visões, pelas palavras "Graça e Misericórdia". Fátima aponta um caminho de salvação possível para o atribulado século XX. É a mensagem de Fátima que impulsiona a divulgação e internacionalização de Fátima, nomeadamente a questão da consagração do mundo a Maria.

Ao pensarmos no Papado e em particular no papel de cada um dos Romanos Pontífices e na sua ligação a Fátima, sobressai de certa maneira como ponto crítico a questão da consagração explícita da Rússia e a difícil concretização da consagração por parte do Papa em união com todos os bispos do mundo. Se inicialmente se referia em particular a Rússia, rapidamente os Papas perceberam que esta consagração teria contornos muito especiais pelo que de político

implicava. Por isso, a consagração do mundo inteiro ao Imaculado Coração de Maria acaba por torna-se para o Papado uma forma de contornar a questão polêmica, seja do ponto de vista teológico quanto político, mas também uma questão de princípio - ligado à própria noção de universalidade - ou seja, é todo o mundo que necessita de encontrar o caminho da salvação. E se a consagração se entende plenamente feita desde 1984, esta precisa de ser constantemente renovada. É o próprio caminho de conversão diário a ser feito. Foi o que posteriormente a essa data os Papas novamente fizeram. Esta constatação permite entender Fátima como uma contínua interação com a história. Fátima continua a dizer-se com a sua mensagem de conversão e de paz, até que o Imaculado Coração de Maria possa finalmente triunfar. O Papa Bento XVI afirma isso mesmo na sua homilia de 13 de maio de 2010. Fátima não perdeu o interesse ou a importância:

“Então eram só três [crianças] cujo exemplo de vida irradiou e multiplicou em grupos sem conta por toda a superfície da terra, nomeadamente à passagem da Virgem Peregrina, que se votaram à causa da solidariedade fraterna. Possam os sete anos que nos separam do centenário das Aparições apressar o anunciado triunfo do Coração Imaculado de Maria para glória da Santíssima Trindade”³⁵⁸.

Espera-se que muitos mais se venham a juntar a esta causa fraterna para que finalmente aconteça o triunfo do Imaculado Coração de Maria. A última palavra será sempre a de Deus.

E assim, mais mãos, muitas mais, poderão desviar tantas balas quantas aquelas que teimam em ameaçar a humanidade. A oração que leva a fazer o bem torna-se a arma da paz. Fátima é a mais profética das aparições, porque mantém uma atualidade que permite entender e ler os acontecimentos contemporâneos com os olhos de Deus. Permite ouvir Deus. Se Deus fala de forma tão clara nos acontecimentos de Fátima como pode o Papa não dar atenção ao Seu falar? Como não ser fraterno no sofrimento do mundo? Deus continua a falar e o mundo continua errante e a sofrer. Tem de haver um contínuo processo de conversão. No dizer da Irmã Lúcia, uma das três videntes de Fátima e que mais marcou a sua história e interpretação dos acontecimentos, ainda estamos no terceiro dia de Fátima, que é o pós-consagração. A semana de Fátima ainda não terminou³⁵⁹. O triunfo do Imaculado Coração de Maria é um processo contínuo. Maria, como mediadora acolheu o Verbo Incarnado em seu seio, facilitando o encontro de Deus com a humanidade, ainda hoje como intercessora continua a levar a humanidade ao encontro de Cristo Ressuscitado.

³⁵⁸ João LAVRADOR, Luciano CRISTINO, *Bento XVI e Portugal – Contigo caminhamos na Esperança*, Paulus, Lisboa, 2010, p. 67.

³⁵⁹ O primeiro dia foi o tempo das aparições, o segundo dia o tempo pós-aparições e pré-consagração. Cf. Lúcia de JESUS, *Dois entrevistas com a Irmã Lúcia*, Carlos EVARISTO (org.), Regina Mundi Press ICHR, Fátima, 1998, pg. 65.

Os Papas, cada um a seu tempo, vieram dar grande impulso ao Santuário de Fátima, dando-lhe projeção nacional e internacional. Contributo que levou a consolidar Fátima como altar do mundo, enquadrado em tempos sombrios de aniquilamento da humanidade. Daqui ressalta a mensagem de Fátima como resposta ao mal que ensombra o mundo, uma resposta de penitência e conversão.

Mas se os Papas beneficiam Fátima, o contrário também acontece. Enquadrado naquilo que é a devoção às 3 rosas brancas, e portanto, a devoção ao Santo Padre, Fátima contribuiu para reforçar a centralidade do Papado, reconhecendo o Papa como autoridade espiritual, não de quem se coloca acima dos demais, mas como autoridade espiritual de quem caminha em Igreja, peregrino entre os peregrinos. De notar que os Papas que peregrinam a Fátima vêm todos eles como peregrinos, pois a credibilidade dos acontecimentos de Fátima era assunto resolvido. Destarte, os Papas vêm dar sim credibilidade como peregrino.

E por fim falamos da mensagem de Fátima e o tema da consagração do mundo. A consagração é uma aspiração à paz e a uma humanidade fundada em valores cristãos. Em tempos de guerra a consagração é da gramática da paz, como resposta ao mundo sombrio. Propriamente no ato de consagração vai-se sentindo alguma resistência do Papado em consagrar a Rússia explicitamente, tanto quanto pode. Isto pelo facto do universalismo cristão e pela questão teológica como deixamos expresso no decorrer do trabalho. Assim, a mensagem de Fátima não se esgota com a consagração, que a todo o tempo deverá ser feita, nem se esgota com a revelação do segredo, mesmo havendo uma identificação mais pessoal de João Paulo II com o mesmo. A mensagem de Fátima não se fecha e tem sempre uma atualidade que não se esgota.

Fátima terá sempre e em todo o tempo um lugar especial para cada Papa. Fátima será sempre refúgio seguro para cada Papa no Imaculado Coração de Maria.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

1.1. Fontes impressas

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, 5ª edição, Fátima, 2009.

CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, “Alocução pronunciada em Madrid pelo Senhor Cardial Patriarca de Lisboa”, in *Lumen*, Vol. 12, Lisboa, 1948, p. 456.

GASTÃO, Marques, *O Peregrino de Branco*, União Gráfica, Lisboa, 1968.

JESUS, Lúcia de, *Apelos da Mensagem de Fátima*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2000.

JESUS, Lúcia de, *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, Carmelo de Coimbra / Secretariado dos Pastorinhos, 2ª edição, Fátima, 2007.

JESUS, Lúcia de, *Duas entrevistas com a Irmã Lúcia*, EVARISTO, Carlos (org.), Regina Mundi Press ICHR, Fátima, 1998.

JESUS, Lúcia de, *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 15ª edição, Fátima, 2011.

JESUS, Lúcia de, *Memórias*, Santuário de Fátima, Fátima, 2016.

JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, (Edit. MESSORI, Vittorio), Planeta, Lisboa, 1994.

JOÃO PAULO II, *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal*, Edição Conferência Episcopal Portuguesa, 2ª edição, Lisboa, 1982.

LAVRADOR, João, CRISTINO, Luciano, *Bento XVI e Portugal – Contigo caminhamos na Esperança*, Paulus, Lisboa, 2010.

PAULO VI, *Mensagem de um peregrino de Fátima*, Livraria Bertrand, Amadora, 1967.

PIO XI, “Carta de Sua Santidade a sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca”, in *Brotéria*, Vol. 18, Lisboa, 1934, pp 145-150.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA, *Documentação Crítica de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, Vols. I (1992) a V (2012).

1.2. Periódicos

FÁTIMA 50: Revista mensal de actualidades documental e ilustrada, Fátima, ANO I, n.º1 (13.05.1967) a ANO IV, n.º 39 (13.07.1970).

L'OSSERVATORE ROMANO, Ano XCIX, n.º 214 (16.09.1959).

L'OSSERVATORE ROMANO – Edição Portuguesa, Ano XII, n.º 24 (14.06.1981) a Ano XXXV, n.º 16 (16.04.2005).

NOVIDADES, Lisboa, Ano XLIV, n.º 10:260 (20.01.1929).

VOZ DA FÁTIMA, Fátima, Ano I, n.º 1 (13.10.1922) a Ano LXXXIII, n.º 993 (13.06.2005).

VISÃO HISTÓRIA, “Fátima - a construção do fenómeno”, n.º 39, janeiro 2017.

O SÉCULO, Lisboa, n.º 12797, de 23 de julho de 1917.

1.3. Internet

Acta Apostólica Sedis 9 - I (1917), <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-09-I-1917-ocr.pdf>, pp 265-266, acedido em 13 de dezembro de 2016.

Acta Apostólica Sedis 10 (1918), <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-10-1918-ocr.pdf>, pp 229-230, acedido em 19 de julho de 2017.

Acta Apostólica Sedis 53 (1961), <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-53-1961-ocr.pdf>, acedido em 15 de agosto de 2017.

BENTO XVI, *Angelus* de 01 de outubro de 2006, https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_ang_20061001.html, acedido em 29 de julho de 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Mensagem de Fátima em 26 de junho de 2000, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html, acedido em 30 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, *Angelus* de 07 de março de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1982/documents/hf_jp-ii_ang_19820307.html, acedido em 7 de julho de 2017.

JOÃO PAULO II, *Angelus* de 09 de maio de 2004, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf_jp-ii_reg_20040509_v-sunday-easter.html, acedido em 29 de julho de 2017.

JOÃO PAULO II, Audiência de 07 de outubro de 1981, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf_jp-ii_aud_19811007.html, acedido em 7 de julho de 2017.

JOÃO PAULO II, Audiência de 12 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820512.html, acedido em 23 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Audiência de 19 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820519.html, acedido em 24 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html, acessado em 29 de julho de 2017.

JOÃO PAULO II, Discurso ao bispo de Leiria em 12 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820512_vescovo-leiria-fatima.html, acessado em 23 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Discurso à Virgem Maria em 13 de maio de 1982, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820513_vergine-fatima.html, acessado em 25 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Discurso na visita *Ad Limina Apostolorum* das Províncias Eclesiásticas de Lisboa e Évora em 11 de fevereiro de 1983, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/february/documents/hf_jp-ii_spe_19830211_evora-lisbona-ad-limina.html, acessado em 25 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Discurso de consagração em 25 de março de 1984, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1984/march/documents/hf_jp-ii_spe_19840325_statua-fatima.html, acessado em 26 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Homilia de 01 de junho de 1980, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800601_parigi-francia.html. Acessado em 20 de agosto de 2017.

JOÃO PAULO II, Mensagem para o dia mundial do doente 16 de outubro de 1996, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/sick/documents/hf_jp-ii_mes_16101996_world-day-of-the-sick-1997.html, acessado em 30 de agosto de 2017.

PAULO VI, Audiência de 03 de maio de 1967, https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1967/documents/hf_p-vi_aud_19670503.html, acessado em 17 de agosto de 2017.

PAULO VI, Discurso de abertura da II sessão do Concílio Vaticano II, http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html, acessado em 15 de agosto de 2017.

PAULO VI, Discurso de encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II em 21 de novembro de 1964, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html, acessado em 15 de agosto de 2017.

PAULO VI, Discurso em 28 de março de 1965, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19650328_fatima.html, acessado a 16 de agosto de 2017.

PAULO VI, Discurso em 09 de maio de 1965, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19650509_fatima.html, acessado em 16 de agosto de 2017.

PAULO VI, Discurso ao embaixador de Portugal em 21 de dezembro de 1968, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/fr/speeches/1968/december/documents/hf_p-vi_spe_19681221_ambasciatore-portogallo.html, acessado em 19 de agosto de 2017.

PAULO VI, Exortação Apostólica *Signum Magnum*, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html, acessado em 1 de julho de 2017.

PAULO VI, Homilia em Fátima em 13 de maio de 1967, http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1967/documents/hf_p-vi_hom_19670513.html, acessado em 18 de agosto de 2017.

PIO XII, Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html, acessado em 1 de maio de 2017.

PIO XII, Discurso e Radiomensagem em 31 de outubro de 1942, https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1942/documents/hf_p-xii_spe_19421031_immaculata.html, acessado em 19 de julho de 2017.

PIO XII, Discurso e Radiomensagem em 13 de maio de 1946, https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1946/documents/hf_p-xii_spe_19460513_fatima.html, acessado em 19 de julho de 2017.

PIO XII, Encíclica *Ad Caeli Reginam*, https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html, acessado em 19 de julho de 2017.

PIO XII, Encíclica *Auspicia quaedam*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01051948_auspicia-quaedam.html, acessado em 1 de maio de 2017.

PIO XII, Encíclica *Saeculo Exeunte Octavo*, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_13061940_saeculo-exeunte-octavo.html, acessado em 1 de maio de 2017.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, http://www.fatima.pt/files/upload/quem_somos/Estatutos%20do%20Santuario.pdf, acessado em 22 de junho de 2017.

2. Estudos

ABREU, Adélio Fernando, “Contextualização da mundividência subjacente aos acontecimentos de Fátima”, in PINHO, Arnado, COUTINHO, Vítor (coord.), *Francisco Marto: Crescer para o dom*, Santuário de Fátima, Fátima, 2010, pp. 59-103.

ALMEIDA, João Miguel, *A oposição católica ao Estado Novo 1958-1974*, Edições Nelson de Matos, Lisboa, 2008.

ALONSO, Joaquín Maria, “História da Literatura sobre Fátima, Ensaio Crítico, III período: a crítica de Fátima” in *Brotéria*, vol. 85 n.º 8-9, Lisboa, 1967, pp. 199-215.

AMARAL, D. Alberto Cosme do, “A autoridade pontifícia e Fátima”, in *Lumen*, Ano 45, Lisboa, 1984, pp. 433-444.

AMATO, Angelo, “João Paulo II e o “segredo” de Fátima”, in *Fátima para o século XXI - Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 515-535.

- AZEVEDO, Carlos Moreira, *Fátima – Das visões dos pastorinhos à visão cristã*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2017.
- BARRETO, José, “Edouard Dhanis, Fátima e a II Guerra Mundial”, in *Brotéria*, vol. 156 n.º 1, Lisboa, 2003, pp. 13-22.
- BARRETO, José, *Religião e Sociedade: dois ensaios*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2002.
- BARTHAS, Casimir, *Fátima et les destins du monde*, Fátima-Éditions, 12ª edição, Toulouse, 1957.
- BARTHAS, Casimir, *Fátima – Segundo as testemunhas e os documentos*, LEONE, M. (trad.), Editorial Aster, Lisboa, 1967.
- BENNETT, Jeffrey S., *Quando o sol dançou – Fátima e Portugal*, Guerra & Paz Editores, Lisboa, 2017.
- BERTONE, Tarcisio, CARLI, Giuseppe de, *A última vidente de Fátima*, JORGE, Teresa (trad.), A esfera dos Livros, Lisboa, 2007.
- BIANCHI, Luigi, *Fátima: Evangelho Segundo Maria*, Editora Boa Nova, Braga, 1981.
- BLET, Pierre, *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial – Que dizem os Arquivos do Vaticano?* LOPES, A. (trad.), Príncipia, Cascais, 2001.
- BOSS, Sarah Jane, “A consagração mariana na Igreja contemporânea”, in CARVALHO, José (coord.), *A consagração como dedicação na mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2014, pp. 309-328.
- BROCHADO, Costa, *Fátima à luz da história*, Portugália Editora, Lisboa, 1948.
- CARREIRA, Joaquim, *A Rosa de Ouro*, Gráfica de Leira, Leiria, 1965.
- CASAROLLI, Agostino, *O Martírio da paciência. O vaticano e os países comunistas entre 1963-89: os anos que mudaram o mundo*, Paulus Editora, Lisboa, 2000.
- CASTELLA, Gaston, *Historia de los Papas*, Vol. 3, DOMÍNGUEZ, Victorio (trad.), Espasa-Calpe, Madrid, 1970.
- COELHO, Messias, *O que falta para a conversão da Rússia*, Edição do autor, Fundão, 1959.
- CRISTINO, Luciano Coelho, “Capelania”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Príncipia Editora, Estoril, 2007, pp. 82-84.
- CRISTINO, Luciano Coelho, “Fátima”, in AZEVEDO, Carlos (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp. 245-250.
- CRISTINO, Luciano Coelho, “Fátima, o processo canónico e a República”, in MARUJO, António, CRUZ, Rui, *A Senhora de Maio – Todas as perguntas sobre Fátima*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2017, pp. 43-51.

CRISTINO, Luciano Coelho, “O dinamismo da Mensagem de Fátima”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 315-354.

CRISTINO, Luciano Coelho, “Virgem Peregrina”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 605-609.

CRUZ, Manuel Braga da, “Igreja e Estado”, in AZEVEDO, Carlos (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 2, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp. 388-411.

CRUZ, Manuel Braga da, *O Estado Novo e a Igreja Católica*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 1988.

DHANIS, Edouard, “A propôs de ‘Fatima et la critique’”, in *Nouvelle Revue Theologique*, vol. 74 n.º 6, Paris, 1952, pp 580-606.

DUARTE, Marco Daniel, “Capelinha”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 84-86.

DUQUE, João Manuel, *Fátima – Uma aproximação*, Paulinas, Prior Velho, 2017.

ESTEVES, Maria da Encarnação, *Apóstolo de Fátima Cón. Manuel Nunes Formigão*, Editorial A. O., Braga, 1993.

FÉLIX, José Maria, *Fátima e a Redenção de Portugal*, Gráfica Minerva, Vila Nova de Famalicão, 1939.

FÉLIX, José Maria, *Pio XII e Portugal*, Tipografia Minerva, Famalicão, 1952.

FERNANDES, António Teixeira, “Reacção das correntes ideológicas e dos actores políticos aos eventos de Fátima”, in *Fátima Para o Século XXI - Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 129-202.

FERREIRA, António Matos, “Fátima na perspectiva da história do catolicismo romano. Alguns tópicos de abordagem”, in MARUJO, António e CRUZ, Rui, *A Senhora de Maio - Todas as perguntas sobre Fátima*, Temas e Debates - Círculo de Leitores, Lisboa, 2017, pp. 53-77.

FERREIRA, António Matos, “As Aparições de Fátima: o evento e o contexto local e nacional”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 31-72.

FERREIRA, António Matos e MATOS, Luís Salgado de (org.), *Interações do Estado e das Igrejas - Instituições e Homens*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2013.

FERREIRA, Manuel de Pinho, *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes*, Fundação Spes, Porto, 2004.

FISCHER, Luiz, *Fátima à luz da Auctoridade Eclesiástica*, BRITES, S. (trad.), União Gráfica, Lisboa, 1932.

FONTES, Paulo Oliveira, “O catolicismo português no século XX: da separação à democracia”, in AZEVEDO, Carlos (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, pp. 129-330.

FONSECA, Luís da, “Fátima e a crítica”, in *Brotéria*, vol. 52 n.º 5, Lisboa, 1951, pp. 505-524.

FONSECA, Luís da, *Nossa Senhora da Fátima*, Livraria Apostolado da Imprensa, 3ª edição, Porto, 1957.

FRANCO, Alberto Nogueira, *Um Político Confessa-se (Diário: 1960-1968)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1972.

FREIRE, José Geraldes, *João Paulo II – Peregrino de Fátima. Documentário descritivo da visita a Portugal 12 a 15 de Maio de 1982*, Santuário de Fátima, Fátima, 1983.

FREIRE, José Geraldes, *O Segredo de Fátima – A terceira parte é sobre Portugal?*, Santuário de Fátima, 2ª Edição, Fátima, 1978.

FREIRE, José Geraldes, “Os papas e Fátima”, in *Fátima – 75 Anos*, Santuário de Fátima, Fátima, 1992, pp. 93-145.

FREIRE, José Geraldes, *Segunda Peregrinação de João Paulo II a Fátima – Maio 1991*, Santuário de Fátima, Fátima, 1992.

FUENTE, Eloy Bueno de la, *A Menagem de Fátima – A misericórdia de Deus: O triunfo do amor nos dramas da história*, Santuário de Fátima, Fátima, 2014.

GOMES, D. António Ferreira, *Igreja na vida pública. Catolicismo português e historicidade*, Fundação Spes, Porto, 2003.

GOMES, D. António Ferreira, *Provas. A outra face da situação e dos factos do caso do Bispo do Porto*, Fundação Spes, Porto, 2008.

GUERRA, Luciano, “Fátima, o Mundo e a Paz”, in *Fátima e a Paz – Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75.º aniversário das aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1993, pp. 85-106.

GUERRA, Luciano, “Fátima e o Romano Pontífice”, in *Apelo e Resposta – Semana de estudos sobre a Mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1983, pp. 21-104.

GUERRA, Luciano, “João Paulo II e Fátima”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 281-286.

GUERRA, Luciano, “Pio XII e Fátima”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 410-418.

GRUNER, Nicholas, et al, *Escravidão Mundial ou paz... a decisão é do Papa*, Cruzada Internacional do Rosário de Fátima, Fátima, 1993.

JOST, Joseph, “Fátima e a consagração ao Coração Imaculado de Maria”, in CARVALHO, José (coord.), *A consagração como dedicação na mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2014, pp. 187-262.

KASPER, Walter, *et al* (dir.), *Diccionario enciclopédico de los papas y del papado*, Herder Editorial, Barcelona, 2003.

LEVILLAIN, Philippe (dir.), *Dictionnaire Historique de la Papauté*, Librairie Arthème Fayard, sc, 1994.

LAURENTIN, René, “Questões em Suspenso acerca da Consagração”, in *A Pastoral de Fátima – Actas do I Encontro Internacional no 75.º Aniversário das Aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1993, pp. 415-422.

LINDA, Manuel Rodrigues, “Paz”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 395-402.

LOUVENCOURT, Jean-François de, *Francisco e Jacinta de Fátima – Duas estrelas na noite do mundo*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2012.

MARTIN, Jacques, *Oltre il Portone di Bronzo, Dagli Appunti Segreti di Un Cardinale Vissuto a Fianco di Sei Papi*, Paoline Editoriale Libri, Milano, 1996.

MARTINS, António Maria, *Novos documentos de Fátima*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1984.

MARTINS, António Maria, *O segredo de Fátima e o futuro de Portugal nos escritos da Irmã Lúcia*, Propriedade L.E., Porto, 1974.

MARTO, António, “Fátima: Uma luz sobre a história do mundo”, in COUTINHO, Vítor (coord.), *Mensagem de esperança para o mundo: acontecimento e significado de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2012, pp. 15-46.

MELÍCIAS, André, “Vestidos de Branco: a relação dos papas com a escultura de Nossa Senhora de Fátima”, in *FÁTIMA XXI*, n.º 4, Santuário de Fátima, Fátima, 2015, pp. 81-92.

MIGUEL, Aura, *João Paulo II – O Segredo que conduziu o Papa*, Lucerna, 5ª edição, Cascais, 2010.

MIKRUT, Jan, “A Mensagem de Fátima e as mudanças políticas na política europeia do século XX”, in *Fátima para o Século XXI – Congresso Internacional*, Santuário de Fátima, Fátima, 2008, pp. 75-108.

NEIVA, Adélio Torres, “Consagração”, in AZEVEDO, Carlos e CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp. 142-150.

NEIVA, Adélio Torres, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições – Congresso Internacional de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1998, pp. 675-694.

NEVES, João César das, *O Século de Fátima*, Lucerna, 2ª edição, S. João do Estoril, 2008.

NOGUEIRA, Franco, *Salazar*, Vol. VI, Atlântida Editora e Civilização, Coimbra, 1988.

OLIVEIRA, José Galamba de, *Fátima à prova*, Gráfica de Leiria, Leiria, 1946.

OLIVEIRA, José Galamba de, *Jacinta*, Gráfica de Leiria, Leiria, 1976.

POLICARPO, José da Cruz, “Fátima, a Paz e a Rússia”, in *Fátima e a Paz – Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75.º Aniversário das Aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1993, pp 117-129.

REIS, Bruno Cardoso, “Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)”, in *Análise Social*, vol. 36 (158-159), Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001, pp 249-299.

REIS, Bruno Cardoso, “Portugal e a Santa Sé no sistema internacional – (1910-1970)”, in *Análise Social*, vol. 36 (161), Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002, pp 1019-1059.

REIS, Bruno Cardoso, “[Rec. a] Documentação Crítica de Fátima, Vol. III: Das Aparições ao Processo Canónico Diocesano, Santuário de Fátima, Fátima, 2003; 2004, 2 tomos (1917-1918; 1918-1920)”, in *Lusitania Sacra*, Mutações religiosas na época contemporânea: figuras e pensamento, n.º16, Lisboa, 2004, pp 588-590.

REIS, Sebastião Martins dos, *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Tipografia Editorial Franciscana, Braga, 1970.

REIS, Sebastião Martins dos, *Na Órbita de Fátima – Rectificações e achegas*, Editorial Centro de Estudos D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Évora, 1958.

REIS, Sebastião Martins dos, *Síntese Crítica de Fátima – Incidências e repercussões*, Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita, Lisboa, 1967.

RUIVO, Rui, “Expressões de proximidade dos Papas a Nossa Senhora de Fátima”, in *Maria – Mãe de Cristo, Mãe da Igreja*, Associação de Estudantes da Faculdade de Teologia de Lisboa, Lisboa, 2017, pp 53-83.

SANTOS, Januário dos, *A Mensagem de Fátima e os Papas*, Edição JANISAN, Cucujães, 1986.

SARDICA, José Miguel, “O panorama cultural português no ano de 1917: o anseio de mudança”, in *Actas do Congresso Internacional de Fátima – Fenomenologia e teologia das aparições*, Santuário de Fátima, Fátima, 1998.

SERÔDIO, Frederico da Silva, “Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima (Apostolado Mundial de Fátima)”, in AZEVEDO, Carlos, CRISTINO, Luciano (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Principia, Estoril, 2007, pp 210-212.

SIMPSON, Duncan, *A Igreja Católica e o Estado Novo salazarista*, Edições 70, Lisboa, 2014.

TORGAL, Luís Miguel, *As “aparições de Fátima”: Imagens e representações: 1917-1939*, Temas e Debates, Lisboa, 2002.

VELOSO, Agostinho, “Ainda algumas confusões e erros sobre Fátima”, in *Brotéria*, Vol. 56 n.º 2, Lisboa, 1953, pp 170-191.

VIEIRA, Maria do Pilar, “Irmãs Doroteias”, in AZEVEDO, Carlos (dir.) *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. 2, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp 471-473.

ÍNDICE

Introdução	1
PARTE I – Para uma cronologia dos acontecimentos	
Capítulo I – De 1917 a 1930. As aparições dignas de crédito	5
1. Portugal antes das aparições	5
2. 1917: o ano das aparições	7
2.1. Contexto social e político	7
2.2. Na génese da propagação do fenómeno Fátima	9
3. De 1918 a 1928: no prelúdio do Santuário	10
4. De 1929 a 1930: manifestações de veracidade	16
Capítulo II - De 1931 a 1950. A proclamação do dogma da Assunção	19
1. De 1931 a 1941: a devoção e a necessidade da consagração	19
2. De 1942 a 1946: a consagração e a coroação	23
3. De 1946 a 1950: a Virgem peregrina e o dogma da Assunção	26
Capítulo III - De 1951 a 1965. Termo do Concílio Vaticano II	29
1. 1951: o encerramento do Ano Santo	29
2. De 1952 a 1958: Fátima nos documentos oficiais do Vaticano	29
3. De 1958 a 1963: o pontificado de João XXIII	31
4. De 1963 a 1965: o encerramento do Concílio Vaticano II	34
Capítulo IV - De 1965 a 2005. Morte de João Paulo II	37
1. De 1965 a 1978: Paulo VI peregrina a Fátima	37
2. De 1978 a 1981: João Paulo II e o atentado em Roma	39
3. De 1982 a 1991: João Paulo II e Fátima	40
4. Rumo ao ano 2000: João Paulo II e beatificação dos pastorinhos	44
5. De 2000 a 2005: o tríduo pascal de João Paulo II	46
PARTE II - Pensamento e ação dos Papas	
Capítulo V - Pio XII. “O [primeiro] Papa de Fátima”	51
1. No 8.º centenário da Nação portuguesa	51
2. A radiomensagem de 1942 e a consagração do mundo	52
3. A radiomensagem da “realeza” de Maria e sua coroação	57
4. Encerramento do Ano Santo em Fátima	59

Capítulo VI - Paulo VI. O Papa peregrino de Fátima	63
1. A Rosa de Ouro – “testemunho do amor”	63
2. Paulo VI vem à Cova da Iria no cinquentenário das aparições	67
Capítulo VII - João Paulo II. O peregrino da consagração	74
1. 1982: a primeira peregrinação a Fátima	74
2. A consagração de 1984	81
3. A peregrinação de 1991	85
4. A peregrinação de 2000	88
Conclusão	94
Bibliografia	98
1. Fontes	98
1.1. Fontes impressas	98
1.2. Periódicos	98
1.3. Internet	99
2. Estudos	101